

BÁRBARA OLIVEIRA ROSA

**AS VOZES E AS VISÕES DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS
SOBRE O MEIO AMBIENTE**

FRANCA

2015

BÁRBARA OLIVEIRA ROSA

**AS VOZES E AS VISÕES DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS
SOBRE O MEIO AMBIENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” campus de Franca, como requisito para realização do Mestrado.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Analúcia Bueno dos Reis Giometti

FRANCA

2015

Rosa, Bárbara Oliveira.

As vozes e as visões dos catadores de materiais recicláveis sobre o meio ambiente / Bárbara Oliveira Rosa. – Franca : [s.n.], 2015.

132 f.

Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Analúcia Bueno dos Reis Giometti

1. Trabalhadores. 2. Meio ambiente. 3. Coleta seletiva de lixo. I. Título.

CDD – 301.312

**Dedico este trabalho aos meus pais
e a memória da minha avó, Marlene Telini Rosa.**

ROSA, Bárbara Oliveira. **As vozes e as visões dos catadores de materiais recicláveis sobre o meio ambiente**. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2015.

RESUMO

O objetivo de nossa pesquisa é compreender como os cooperados, da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN) entendem o meio ambiente. Recorremos à pesquisa bibliográfica, aprofundamos a temática do meio ambiente, compreendendo como se constitui o conceito de natureza para Adorno e Horkheimer, analisando como a racionalidade domina a natureza, transformando-a, no modo de produção capitalista, em mera mercadoria. Também relacionamos a visão de natureza que é perpassada pela indústria cultural, mostrando que o capitalismo não domina apenas a vida material, mas também o imaginário, o pensamento e as ideias dos sujeitos, criando-se uma falsa ideia de como devemos nos relacionar com a natureza. Para discutir essa questão, trazendo reflexões sobre como o meio ambiente é visto atualmente, utilizamos Mészáros. Finalizamos a pesquisa bibliográfica, aprofundando a questão ética, correlacionada à problemática ambiental atual, considerando a legislação ambiental brasileira. A pesquisa de campo contemplou dados primários e secundários. Os dados primários foram fundamentados no instrumental de entrevistas, na observação e nas fotografias tiradas pelos catadores de materiais recicláveis. As entrevistas estruturadas tiveram o objetivo de traçar o perfil dos catadores nos anos de 2013, 2014 e 2015 e as entrevistas semiestruturadas observam suas reflexões sobre a questão ambiental. Já os dados secundários se constituíram por meio da análise de documentos dos próprios catadores, como Atas, Regimento Interno e Estatuto da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN). O método materialista histórico dialético embasou toda a pesquisa, possibilitando compreendermos a questão dentro de um contexto histórico, de maneira crítica, em uma perspectiva de totalidade. Assim, a pesquisa oferece subsídios para se discutir sobre as problemáticas ambientais, trabalhando com o agir e com o pensar dos catadores de materiais recicláveis.

Palavras-chave: catadores de materiais recicláveis. meio ambiente. cooperativa.

ROSA, Bárbara Oliveira. **The voices and visions of recyclable material collectors on the environment.** 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2015.

ABSTRACT

The aim of our research is to understand how the cooperative Recyclable Materials Collectors of the Cooperative of Franca and Region (COOPERFRAN) significam the environment. We resort to literature, go deeper on the subject environment, comprising as it is the concept of nature to Adorno and Horkheimer, analyzing how rationality dominates nature transforming it into the capitalist mode of production into a mere commodity. Also relate to the nature view that is permeated by the culture industry, showing that capitalism not only dominates material life, but the imagination, thought and ideas of the subject, creating a false idea of how we relate to nature to discuss this issue, bringing thoughts on how the environment is currently seen use Mészáros. Finazimos the literature on deepening the ethical issue correlacioando with the current environmental problems and perpassamos the Brazilian environmental legislation. The field research included primary and secondary data. The primary data were based on instrumental interviews, observation, and pictures taken by waste pickers. Structured interviews were intended to profile of collectors in 2013, 2014 and 2015 and the semi-structured his reflections on the environmental issue. As for the secondary data is constituted by analyzing documents for themselves collectors, such as Minutes, Bylaws and Articles of Association of Recyclable Materials Collectors Cooperative of France and region (COOPERFRAN). The historical materialist method dialectical underwrote all the research, allowing understand the issue within a historical context and critically, in a perspective of totality. Thus, the research provide insight to discuss environmental issues, working with the act, with the thinking of recyclable material collectors.

Keywords: recyclable material collectors. environment. cooperative.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 - Foto da chegada do material reciclável na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN).....	44
FOTO 2 - Foto da chegada do material reciclável na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRA).....	45
FOTO 3 - Foto do guincho na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN).....	45
FOTO 4 - Foto do guincho na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN).....	46
FOTO 5 - Foto da esteira, onde ocorre a separação dos materiais recicláveis na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN).....	47
FOTO 6 - Foto da esteira, onde ocorre a separação dos materiais recicláveis na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN).....	48
FOTO 7 - Foto dos “bags”, material prensado para a venda, na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN).....	49
FOTO 8 - Foto dos “bags”, material prensado para a venda, na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN).....	49
FOTO 9 - 1º Material Reciclável	61
FOTO 10 - 2º Material Reciclável	61
FOTO 11 - 3º Material Reciclável	62
FOTO 12 - 1º Esteira	63
FOTO 13 - 2º Esteira	63
FOTO 14 - 3º Esteira	64
FOTO 15 – Pessoas	67
FOTO 16 – “Bags”.....	67
FOTO 17 - Prensa	68
FOTO 18 - Ar livre	68
FOTO 19 - Estudo focal na esteira	71
FOTO 20 - Estudo focal no pátio	71
FOTO 21 - Estudo focal no almoço	72
FOTO 22 - Fotos de lembrança da pesquisa	72

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Tempo de trabalho na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	51
GRÁFICO 2 - Forma de adesão à cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	52
GRÁFICO 3 - Participação dos cooperados nas decisões da cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	53
GRÁFICO 4 - Os trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN participam/acompanham o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, pesquisa realizada em 2015	54
GRÁFICO 5 - A cooperativa COOPERFRAN interage com outras cooperativas, pesquisa realizada em 2015	54
GRÁFICO 6 - Acidentes de trabalho na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	55
GRÁFICO 7 - Problemas de saúde dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	56
GRÁFICO 8 - O trabalho com materiais recicláveis na cooperativa COOPERFRAN, prejudica a saúde dos trabalhadores, pesquisa realizada em 2015	57
GRÁFICO 9 - Equipamentos de segurança na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	57
GRÁFICO 10 - População de Franca/SP separa o material corretamente na perspectiva dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	58
GRÁFICO 11 - Satisfação com o trabalho na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	64
GRÁFICO 12 - Melhor coisa do trabalho na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	65
GRÁFICO 13 - Pior coisa do trabalho na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	69
GRÁFICO 14 - O que os trabalhadores esperam do futuro na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	70
GRÁFICO 15 - Sexo dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015	73

GRÁFICO 16 - Idade dos indivíduos da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	75
GRÁFICO 17 - Estado civil dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	76
GRÁFICO 18 - Filhos dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	77
GRÁFICO 19 - Principal renda dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	78
GRÁFICO 20 - Motivos para entrada na cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	80
GRÁFICO 21 - Quantidade de moradores por residência, nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	82
GRÁFICO 22 - Trabalhadores por residência, nos anos de 2013, 2014 e 2015	82
GRÁFICO 23 - Renda mensal da família dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	83
GRÁFICO 24 - Setor que o sujeito trabalhava anteriormente da cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	84
GRÁFICO 25 - Cidade de origem dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, no nos anos de 2013, 2014 e 2015	84
GRÁFICO 26 - Escolaridade dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	85
GRÁFICO 27 - Trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN estão estudando no momento, pesquisa realizada nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	86
GRÁFICO 28 - Situação do imóvel dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015	87
GRÁFICO 29 - Atividades de lazer dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	88
GRÁFICO 30 - Participação em programa social dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015.....	89

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Tempo que trabalha na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015	51
QUADRO 2 - Idade dos indivíduos da cooperativa COOPERFRAN, no ano de 2013, 2014 e 2015	75
QUADRO 3 - Estado civil dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, no ano de 2013, 2014 e 2015	76
QUADRO 4 - Principal renda dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, no ano de 2013, 2014 e 2015	78
QUADRO 5 - Motivos para entrada na cooperativa COOPERFRAN, no ano de 2013, 2014 e 2015	80
QUADRO 6 - Setor que o sujeito trabalhava anteriormente da cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada no ano de 2013, 2014 e 2015.....	83
QUADRO 7 - Escolaridade dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, no ano de 2013, 2014 e 2015	85
QUADRO 8 - Situação do imóvel dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, no ano de 2013, 2014 e 2015	87

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 – Reportagens do Jornal “Comércio da Franca”	41
--	-----------

LISTA DE SIGLAS

CONAMA	Conselho Nacional de Meio Ambiente
COOPERFRAN	Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
GEDE	Grupo de Extensão Democracia Econômica
IPI	Redução de Imposto sobre Produtos Industrializados
MNCR	Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
SUNC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
CAPÍTULO 1 MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE: PENSANDO A NATUREZA.....	20
1.1 Racionalidade como forma de dominação da natureza	20
1.2 Os mitos da natureza refletindo a indústria cultural.....	24
1.3 Pensando uma ética socioambiental	31
CAPÍTULO 2 DO LEGISLATIVO À REALIDADE	36
2.1 Legislação ambiental brasileira: refletindo sobre a preservação da natureza	36
2.2 Legislação ambiental com enfoque nos catadores de materiais recicláveis	38
2.3 Caracterizando a legislação e a cooperativa de catadores COOPERFRAN.....	40
2.4 Dados sobre a cooperativa de catadores COOPERFRAN	50
CAPÍTULO 3 REFLEXÕES DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS SOBRE O MEIO AMBIENTE.....	60
3.1 Vivendo e vendo: qual o sentido do nosso trabalho?	60
3.2 Caracterizando o perfil dos catadores de materiais recicláveis	73
3.3 Dados sobre a negação de direitos dos catadores de materiais recicláveis	80
3.4 A visão dos catadores de materiais recicláveis sobre o meio ambiente	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS	111
GLOSSÁRIO	119
APÊNDICES	
APÊNDICE A – Entrevista estruturada com o objetivo de traçar o perfil socioeconômico dos catadores de materiais recicláveis	122
APÊNDICE B – Entrevista semiestruturada com o objetivo de perceber as reflexões dos catadores de materiais recicláveis sobre o meio ambiente.....	125

ANEXOS

ANEXO A – Reportagens do Jornal – Comércio da Franca – Franca/SP	127
ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP	130
ANEXO C – Solicitação de alteração de título.....	132

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“Não há fronteiras para os que exploram. Não deverá haver para os que lutam”.
Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis*

É impossível pensar o ambiental sem pensar o social. O trabalho dos catadores de materiais recicláveis perpassa tanto a questão ambiental, na medida em que o sujeito lida diretamente com a preservação da natureza por meio da reciclagem; como a questão social, visto que os catadores de materiais recicláveis sofrem com a precariedade do trabalho informal e insalubre.

O trabalho dos catadores surgiu aproximadamente na década de 1950 como reflexo de um trabalho explorado, mas que, ao mesmo tempo, possibilitava a sobrevivência. Temos como exemplo, de depoimento a respeito, o livro “Quarto de despejo”, da autora Maria Carolina de Jesus, que descreve a sua profissão de catadora em 1955:

20 de julho de 1955

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela [...] Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo. (JESUS, 1993, p. 19).

Segundo Idalina Costa (1986), há dois motivos principais que levam o homem a trabalhar com materiais recicláveis: a necessidade de sobrevivência, pois precisa de dinheiro para garantir seus sustento e sobreviver nesta sociedade; e o fato de o trabalho ser valorizado na sociedade capitalista, carregando valores positivos, de dignidade e aceitação na sociedade. Por isso, o autor nos mostra as falas dos catadores entrevistados:

É melhor catar lixo que roubar ou pedir esmolas. Se roubar vou preso e não posso deixar meus filhos abandonados e muito menos dar esse exemplo para eles; se pedir esmolas, o que eu recebo é pouco e incremento, é hoje e pode não ser amanhã. Assim, o jeito que tem é tocar pra frente até um dia encontrar coisa melhor. Achar bom trabalhar no lixo, ninguém acha. Mas, a gente vai vendo os outros trabalhando lá e vai se acostumando mais fácil. Também, quando quero me revoltar, fico pensando nos conselhos de minha mãe que dizia: qualquer trabalho é melhor do que ser vagabundo.
Não há trabalho que não possa ser feito com honestidade. No começo a gente sofre muito, mas termina se acostumando. (COSTA, I. F. S., 1986, p. 61).

Relatos como esses também são vistos na obra de Maria Carolina de Jesus, mostrando que, às vezes, tirava comida do lixo: “[...] achei um cará no lixo, uma batata doce e uma batata salsa.” (JESUS, 1993, p. 36). Seus relatos mostram também que com esse trabalho comprava os alimentos “[...] fui no depósito receber o dinheiro do papel. 55 cruzeiros. Retornei de pressa comprei leite e pão [...].” (JESUS, 1993, p.16). “Era papel que eu catava para custear o meu viver. E no lixo eu encontrava livros para eu ler.” (JESUS, 1996, p.33).

As pessoas começam a trabalhar com a catação por falta de opção. Sem possibilidade de escolha tornam-se escravos do sistema capitalista, tendo que se sujeitarem a trabalhos desumanos para garantir a sobrevivência, como nos mostra a fala do catador “[...] somente a fome faz um ser humano enfrentar situações como essas.” (COSTA, I. F. S., 1986, p. 72).

Ainda hoje essa questão está presente em nossa realidade social como vemos no livro de Tião Santos (2014), que conta sua história de catador no lixão de Gramacho no Rio de Janeiro. O desemprego do marido acabou levando a mãe de Tião a trabalhar como catadora. Aos oito anos, ele começou a frequentar o aterro e a trabalhar como catador, como nos mostra na passagem que descreve o aterro:

Aquele era o mundo do lixo. A rampa era o trabalho do lixo. Rampa era como chamavam o aterro por causa da ladeira de pouco mais de quatro quilômetros que separava a tal portaria da área onde o lixo era propriamente despejado. Rampa nada mais era que o apelido dado àquela imensa e intensa travessia. Os caminhões derrubavam de suas caçambas quilos e quilos daquele rejeito, misturando no mesmo monte sobras, segredos, intimidades e desperdícios, vindos de várias casas, de vários bairros, dos ricos e dos pobres. Era nesse monte que os catadores metiam a mão, procurando os materiais que deviam juntar naquele dia, separando-os dentro de enormes sacos de plástico que carregavam apoiados nos ombros. Mil e duzentos trabalhadores dividiam quase que diariamente aquele ofício mal-entendido de revirar as montanhas de lixo, cada um com histórias e motivações próprias, guardadas na sacola ou à mostra para quem quisesse ver. Era um trabalho de busca, de encontro. O lixo caía ali todas as manhãs, todas as noites. Oito mil toneladas dele se encontravam diariamente naquele espaço e, da forma mais inusitada, aproximavam dois mundos que não tinham por que se encontrar de outra forma. A rampa era o lugar onde se misturavam o lado de fora, de quem podia comprar e gastar, e o lado de dentro, de quem tirava dali o que ia comer no dia seguinte. (SANTOS, T., 2014, p. 20)

O trabalho nessa perspectiva ganha um caráter de sobrevivência, mas não só, porque o sujeito tem uma importância social quando trabalha, mesmo sendo um trabalho precário e estigmatizado. Isso é o que nos mostra o autor no relato de quando sua mãe estava desempregada, com oito filhos para sustentar e vê no trabalho como catadora um meio para garantir a sobrevivência:

Foi quando Dona Geresa percebeu que trabalhar no lixo, apesar de todos os perigos, da exposição a doenças, dos acidentes frequentes, não era bem uma escolha. Era a única opção, a saída que ela vinha procurando – e parecia finalmente ter encontrado – para nos sustentar. Com o tempo, contrariando as expectativas, aquele espaço marginalizado, que num primeiro momento exclui quem faz parte dele, que parece reduzir as pessoas a algo menor, acabou devolvendo à minha família a dignidade que ela tinha perdido. É estranho dizer isso, e mais estranho ainda pensar que um lugar como o lixo possa incluir, mas foi exatamente isso o que fez com a minha família. (SANTOS, T., 2014, p. 40).

Portanto, a inquietação com o tema os catadores de materiais recicláveis surge de um paradoxo: a visão de uma montanha de lixo como a representação simbólica da sociedade de consumo e a visão do catador, como a representação simbólica do trabalho explorado, da desumanização do homem. O choque da visão do lixo como reflexo da sociedade consumista e do pauperizado catador de materiais recicláveis nos leva à visualização da desigualdade social presente e inerente no modo de produção capitalista, o que nos leva a questionar a ordem, a hierarquia social e, principalmente, a querer mudar essa realidade.

Por isso, o tema da pesquisa interessa ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, no campus de Franca. A área de concentração é “Serviço Social – Trabalho e Sociedade” e o tema da pesquisa se desenvolve em consonância com o programa, já que propõe discutir a reflexão do catador sobre o meio ambiente a partir de sua realidade, relacionando trabalho, visão de mundo e meio ambiente.

O nosso envolvimento com o tema se pauta nas ações do Grupo de Extensão Democracia Econômica (GEDE). Esse grupo desenvolve um trabalho de incubação de cooperativas populares, baseando sua ação nos princípios da Economia Solidária. Acompanha as atividades da Usina de Reciclagem de Franca/SP, também conhecida como a Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN). Assim, por meio da extensão, foi possível a aproximação com os catadores de materiais recicláveis, o que contribuiu com a construção da percepção do processo de trabalho que eles vivenciam no seu cotidiano.

Portanto, a importância de pesquisar o que o catador pensa sobre o meio ambiente surge em um período em que as pessoas não podem nem exercer o direito de pensar, no qual se têm uma degradação ambiental, uma degradação do trabalho, e consequentemente uma degradação das pessoas, não só da sua vida material, mas espiritual.

O interesse pelo que o catador pensa se justifica pela importância de se entender o que ele tem a dizer sobre sua própria realidade, sobre sua trajetória. Será que o catador tem consciência de sua importância social e ambiental? Será que ele mesmo acredita na

reciclagem como uma solução para a problemática lixo? As reflexões dos catadores estariam ligadas a um discurso perpassado pela indústria cultural? Um estereótipo de um marketing ecológico passado pelas mídias? Será que os catadores têm uma visão fetichizada, fragmentada, do material reciclável ou teriam eles uma visão de totalidade, crítica, no qual o material reciclável é fruto do modo de produção vigente? Ou será que os catadores nunca pararam para pensar sobre o meio ambiente, porque talvez a sobrevivência preceda essas questões?

Para responder essas perguntas, tivemos como objetivo principal da pesquisa identificar como os trabalhadores da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN) entendem a questão do meio ambiente. E os objetivos específicos são: desvelar o perfil dos trabalhadores, durante o período de 2013, 2014 e 2015; compreender como eles vivenciam seu próprio trabalho e descrever suas reflexões sobre meio ambiente.

A pesquisa se divide em três capítulos: no primeiro procuramos elucidar a dominação do homem pela natureza através da racionalização, trabalhando questões ambientais atuais e correlacionando com a questão ética. No segundo capítulo abordamos a caracterização da Cooperfran, correlacionando com as legislações vigentes. No último capítulo traçamos o perfil socioeconômico dos catadores e também de suas reflexões sobre o meio ambiente e seu trabalho.

O método de pesquisa utilizado foi o materialista histórico dialético, valendo-se da abordagem qualitativa e quantitativa, a pesquisa buscou a análise dos fatos numa perspectiva de totalidade, visando assim alcançar os objetivos propostos. A abordagem qualitativa contribuiu para a compreensão das reflexões dos catadores sobre o meio ambiente, visto que tem como características essenciais o ambiente natural, o significado que as pessoas conferem aos objetos e a própria vida. Segundo Martinelli (1994), a pesquisa qualitativa busca os sujeitos, sua história, sua experiência, sua realidade, tomando como referência o pensamento de Pedro Demo (2001 p. 34):

O analista qualitativo observa tudo o que não é dito: os gestos, o balançar da cabeça, o meneio do corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixa de falar, porque tudo pode estar imbuído e expressar mais do que a própria fala. Pois a comunicação humana é feita de sutilezas, não de grosserias. Por isso é impossível reduzir o entrevistador a objeto.

Isso possibilitou uma compreensão mais viva da realidade, visto que a abordagem qualitativa considera a subjetividade, o inesperado e o imprevisível. A finalidade da pesquisa

qualitativa é o sujeito, logo as perguntas da entrevista semiestruturada sugerem uma reflexão por parte dos indivíduos sobre sua própria realidade, propõe um direcionamento político, uma construção coletiva, o reconhecimento do grupo e da criação de novas possibilidades.

Por isso, para falarmos do pensar dos catadores sobre o meio ambiente, se fez essencial utilizarmos a abordagem qualitativa, já que esta possibilitou entendermos o tema em profundidade, permitiu fazermos comparações, descrições e interpretações, possibilitando ir além das generalizações e entender o particular.

A abordagem quantitativa serviu como complementação da abordagem qualitativa, tornando a pesquisa mais completa, no sentido de atingir os objetivos propostos e abranger o tema em sua totalidade. A pesquisa quantitativa foi relevante na medida em que traçou o perfil dos catadores, complementando o estudo semiestruturado.

Para entendermos o que o catador pensa sobre o meio ambiente se fez essencial o uso do método materialista histórico dialético, que possibilitou perceber como as contradições se dão na realidade cotidiana. Esse método tem como princípio a dinamicidade do cotidiano, a contradição, baseia-se na ideia de que o movimento acontece mediante a negação. “Para a dialética não há nada de definitivo, de absoluto, de sagrado; apresenta a caducidade de todas as coisas e em todas as coisas e, para ela, nada existe além do processo ininterrupto do devir e do transitório.” (ENGELS apud POLITZER, 1979, p. 202).

O método materialista histórico dialético também embasou a reflexão sobre a realidade, já que “[...] não parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco os homens pensados, imaginados ou representados para, a partir daí, chegar nos homens de carne e osso; parte dos homens realmente ativos [...]” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94).

Recorremos aos dados bibliográficos sobre a temática meio ambiente, buscamos uma fundamentação teórica em livros específicos da área. Também foi realizado um estudo das leis ambientais e das leis sobre materiais recicláveis, como exemplo a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Os dados bibliográficos se tornaram fundamentais para a realização da pesquisa científica já que “[...] caracteriza-se pela busca de informações em documentos que tratam de uma temática específica, como relatórios, livros, reportagens de jornais, revistas, artigos e periódicos.” (CERVO; SILVA; BERVIAN, 2007, p. 79).

Nosso aporte teórico contemplou autores como: Marx, Mészáros, Adorno e Horkheimer. A teoria fundamentou toda a pesquisa de campo, assim, Marx, Adorno e Horkheimer trouxeram elementos para a discussão da dominação da natureza pelo homem. Já Mészáros trouxe uma discussão crítica e contemporânea sobre a degradação ambiental. A

pesquisa bibliográfica abrangeu leitura, análise e interpretação dos livros e legislações selecionados. Após a leitura, foram feitas anotações e fichamentos, fundamentando teoricamente o estudo, contribuindo para conhecer diferentes pontos científicos a respeito do tema.

Recorremos também a dados primários e secundários. Os dados primários foram fundamentados no instrumental de entrevistas, na observação e nas fotografias tiradas pelos catadores de materiais recicláveis. Já os dados secundários se constituíram por meio da análise de documentos dos próprios catadores, como Atas, Regimento Interno e Estatuto da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN).

Para fazer o retrospecto histórico e compreender o processo de funcionamento da Cooperativa de Catadores Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN), foi necessário pesquisar várias fontes, tais como: o relato dos cooperados, o trabalho de conclusão de curso de Junta (2005), a participação no grupo de extensão GEDE (Grupo de extensão democracia econômica) da UNESP campus Franca - SP, os jornais antigos do Acervo Histórico de Franca, os documentos da cooperativa, como o Regimento Interno e as Atas e observar o cotidiano de trabalho dos catadores.

Portanto, a pesquisa de campo foi realizada por meio de observação, percebendo a realidade vivida pelos catadores. Foram analisados e interpretados os dados das entrevistas, com base na fundamentação teórica, consequentemente, compreendendo e explicando o tema. As entrevistas foram desenvolvidas na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN), situada no bairro Jardim Zelinda, área periférica da cidade de Franca, localizada na região oeste.

A entrevista estruturada teve o objetivo de traçar o perfil dos trabalhadores, possibilitando entender os aspectos sociais, a realidade do catador, quem ele é, o seu trabalho, as condições do trabalho e de vida. Consequentemente, estas questões deram sustentação para entender a formação da sua consciência e o que ele pensa sobre o tema.

Já a entrevista semiestruturada possibilitou ao entrevistado falar livremente de sua vida, de suas experiências, de sua relação com a sociedade, o que possibilitou perceber suas opiniões. Além disso, captou-se a subjetividade e a humanidade dos sujeitos, sendo possível atingir o objetivo proposto que era perceber quais as reflexões dos catadores sobre meio ambiente.

Além das entrevistas, para se atingir o objetivo de desvelar a visão dos catadores sobre o próprio trabalho, também foram utilizadas fotografias. Câmeras fotográficas foram emprestadas aos sujeitos pesquisados e eles tiraram fotos de seu cotidiano no trabalho. Cada

catador escolheu algumas fotos e explicou o porque tiraram aquelas fotos. Essas foram selecionadas e serviram como instrumental para compreender a realidade dos catadores, o que eles pensam e o modo como eles entendem o seu trabalho.

A pesquisa obedeceu à Resolução nº 196, de 20 de outubro de 1996 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1996), à Legislação Complementar, uma vez que a mesma envolveu seres humanos. Todo o trabalho foi embasado pelo Código de Ética do Assistente Social e pelos princípios do projeto ético-político, em defesa da liberdade, cidadania, democracia, equidade, justiça social, pluralismo, direitos humanos, entre outros.

Na análise de dados qualitativos, fizemos perguntas fechadas a todos os trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, utilizamos a estatística para coletar e descrever dados sobre o perfil dos catadores, sobre os direitos deles e sobre o funcionamento da cooperativa. Após a organização e análise dos dados, cruzamos os dados de 2013, 2014 e 2015, comparando se o perfil dos catadores se alterou ou se continuou o mesmo, e, com esses dados, construímos gráficos.

Já os dados qualitativos contemplaram perguntas semiestruturadas, que foram apresentadas a todos os trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, com o intuito de agrupar as respostas parecidas, a fim de interpretá-las, a saber “[...] a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (PÊCHEUX apud FRANCO, 2008, p. 11). Nas entrevistas, os trabalhadores trouxeram a sua linguagem, metáforas próprias do seu meio e sua visão de mundo, ou seja, por meio da linguagem, ele expressou todo seu cotidiano, e o nosso papel, enquanto pesquisadores, foi interpretar, decifrar e traduzir o que os sujeitos estavam dizendo. Por isso, as entrevistas foram gravadas e transcritas e, depois de realizadas, foram analisadas e problematizadas, comparando com a teoria.

Com o término da pesquisa, sua socialização se deu por meio do estudo focal, realizado com os catadores de materiais recicláveis. Isso, segundo Dias (2000), são grupos de pessoas que são reunidos para discutir, refletir sobre uma temática, identificando problemas. Assim, a abordagem do estudo focal foi a qualitativa, que visou observar percepções e reflexões dos catadores sobre as fotografias que eles próprios tiraram. O nosso papel, enquanto pesquisadores, foi de facilitador e de relator dessas informações, anotando questões importantes e facilitando o diálogo entre os trabalhadores.

CAPÍTULO 1 MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE: PENSANDO A NATUREZA

“Conservar as coisas é maravilhoso. Lavar, limpar e usar mais, o quanto pode. As pessoas têm que prestar atenção no que elas usam, no que elas têm. Porque ficar sem é muito ruim”
Estamira (catadora de materiais recicláveis)

1.1 Racionalidade como forma de dominação da natureza

Adorno e Horkheimer (1985) trazem a discussão sobre a racionalidade, a ciência moderna, como forma de dominação da natureza. Um termo que os autores utilizam é o “esclarecimento” (Aufklärung) que se define como desenvolvimento histórico da razão. O “esclarecimento” é o marco do período Iluminista, seria um processo de libertação das necessidades humanas, um processo de desencantamento do mundo, por meio da dominação da natureza através da racionalidade abstrata.

O termo é usado para designar o processo de “desencantamento do mundo”, no qual as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela [...] É processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências místicas da natureza. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 7-8).

O termo “esclarecimento” não foi criado por Adorno e Horkheimer, mas sim por Kant (2005) que o define como o processo de libertação do homem de sua mediocridade, assim o homem tem de romper com a preguiça e o comodismo e, na medida em que se liberta e ousa, atinge o esclarecimento.

Além do termo “esclarecimento”, outro termo que nos ajuda a compreender esse processo histórico de racionalização é a “razão instrumental”, este é um termo usado por Horkheimer para designar os processos racionais que dominam e controlam a natureza e o homem, a razão, neste processo, deixa de ser conhecimento e passa a ser um instrumental, uma técnica.

Tendo cedido em sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento. No aspecto formalista da razão subjetiva, sublinhada pelo positivismo, enfatiza-se a sua não-referência a um conteúdo objetivo; em seu aspecto instrumental, sublinhado pelo pragmatismo, enfatiza-se a sua submissão a conteúdos heterônomos. A razão tornou-se algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel de domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la. (HORKHEIMER, 2002, p. 29).

Para explicar esse processo de racionalização, Adorno e Horkheimer (1985) aproximam ciência e mito. O medo do desconhecido e o medo da natureza ocasionaram a criação de mitos. Como exemplo, temos o mito de Perséfone, que explicava a mudança das estações como inverno e primavera, por meio da relação da deusa com o marido e com a mãe: quando ficava com o marido, tornava-se inverno; quando estava com a mãe, tornava-se primavera.

Portanto, o mito é fruto do “esclarecimento”, mito é análogo ao “esclarecimento”, na medida em que é uma forma de compreensão, de superação, de poder ilustrado, de dominar o desconhecido. Porém, o que diferencia o mito do “esclarecimento” é que o mito não rompe com a natureza, apenas tenta explicar a natureza de forma mística. Com o tempo o mito foi sendo substituído pelo “esclarecimento”, “[...] o mito converte-se em esclarecimento e a natureza em mera objetividade.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24).

Segundo Adorno e Horkheimer (1985), por meio da matemática, o sujeito passou a fragmentar a natureza e, em partes, conseguiu transformá-la, usando-a para suprimir suas necessidades, substituindo a relação de dependência por outra relação: a de dominação. A abstração desmembra as partes para igualá-las. Ao igualar, domina pelo totalitarismo, pela violência e separa homem e natureza. Essa racionalidade, por meio da fragmentação, por meio de métodos, foi o que concretizou o domínio da natureza e fundamentou a ciência moderna.

Os pensadores, que fundamentaram esses princípios da ciência moderna, foram: Descartes, com o método cartesiano, e Bacon, com o método empirista. Descartes (2011) é fruto do período Iluminista, que se caracteriza, principalmente, pelo abandono do mito e pela busca de comprovações científicas. Ele acreditava que não havia nada que poderia se ter certeza, não podendo nem mesmo confiar nos sentidos, assim, contestando todas as verdades, a primeira certeza que se tem é que “penso, logo existo”. Já Bacon, outro autor deste período, aproximando-se da experiência, define o conhecimento como base do poder; devemos “[...] subjugar a natureza, pressioná-la para nos entregar seus segredos, amarrá-la a nossos serviços e fazê-la nossa escrava.” (apud BOFF, 2000, p. 25).

Na visão cartesiana, a natureza é vista como uma ideia abstrata, ou seja, é todo o mundo externo, é algo composto por elementos matemáticos. Tanto Bacon como Descartes, precursores do Iluminismo, tinham a questão da ciência moderna como libertadora da natureza. Para Horkheimer, a filosofia, desde Platão, compreende a natureza restritamente, como algo a ser dominado (apud MATOS, 1993). “E assim nós somos lembrados a cada passo que, de forma alguma, dominamos a natureza como um conquistador domina um povo estrangeiro, como alguém que se encontra fora da natureza.” (ENGELS, 2004, p. 453).

O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24).

Nesse processo hierárquico, a relação homem e natureza se estabelece com tensão, para não mostrar que o homem é dominado pela natureza, ele a domina. E essa situação se agrava com o advento do capitalismo.

A ‘essência’ do peixe de água corrente é a água do rio. Contudo, esta água deixa de ser sua ‘essência’, deixa de ser um meio adequado de existência, tão logo o rio sofra a influência da indústria, tão logo seja poluído por corantes e outros dejetos, tão logo seja navegado por navios a vapor, ou tão logo suas águas sejam dirigidas para canais onde simples drenagens podem privar o peixe de seu meio de existência. (MARX apud MÉSZÁROS, 2002, p. 988).

Outro problema do “esclarecimento” é o conhecimento técnico científico que passa a dominar não só a natureza nesse processo, mas também o próprio homem. Marx (2004) vai nos dizer que o ser humano é parte da natureza, o homem transforma a natureza e, ao mesmo tempo, se transforma. Porém, com a dominação da natureza por meio do conhecimento científico, possibilita não só a exploração da natureza pelo homem, mas também a exploração do homem pelo próprio homem. “Neste sentido, produção capitalista somente desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social na mesma medida em que destrói as fontes de toda a riqueza: a terra e os trabalhadores.” (MARX, 1983a, p. 529-530).

Portanto, enquanto houver dominação da natureza, também ocorrerá dominação do homem, independente do sistema econômico político vigente. O controle da natureza exterior se expressa no controle da natureza interior, tornando-se intrínsecas a dominação da natureza e a dominação do homem. Exemplo disso, temos o trabalho que, ao mesmo tempo em que contribui para dominar a natureza, domina o homem por meio da alienação e da exploração.

O trabalho fica mais pobre em função da riqueza que produz, cria mercadorias e torna ele mesmo uma mercadoria como outra qualquer. No trabalho alienado, ao invés de se reconhecer como sujeito, o homem se desconhece, ao invés de se realizar, ele se perde. É evidente que o trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz miséria e escassez para o trabalhador. Produz palácios, mas choupanas para o trabalhador. Produz beleza, mas invalidez e deformidade para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas obriga uma parte dos trabalhadores a um trabalho cruel e os transforma em máquinas. Produz inteligência, mas produz também estupidez e cretinice para os trabalhadores. (MARX, 2010, p. 82).

Adorno e Horkheimer (1985) explicitam essa questão no mito de Ulisses, especificamente o episódio do Canto XII, no qual Ulisses deve navegar pelo local, onde se ouve o canto das sereias, que seduzia os marinheiros, induzindo-os a atirarem-se ao mar. Para escapar de tal canto, tampa os ouvidos dos marinheiros com cera e amarra-os no mastro do navio, para que possam ouvir o canto sem se atirarem ao mar. Os autores utilizam o mito para mostrar que o “esclarecimento” é a autodominação: ao dominar a natureza, o homem domina a sua própria natureza: “[...] por mais que vos peça por mais que vos suplique de me soltar, com nós mais apertados amarraí-me.” (apud MATOS, 1993, p. 23).

O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem da ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em-si torna para-ele. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 18).

Assim, a razão, nesse contexto, constitui-se como um paradoxo: do mesmo modo que ela melhora as condições de vida, domina a natureza, elimina as barreiras impostas pelos mitos; à proporção que se têm o avanço técnico, das instituições e das concepções, também contribui para o controle do indivíduo, ocasionando o esquecimento das esferas sociais e das condições humanas, a pobreza espiritual, a reprodução de discursos e atitudes totalitárias.

Neste sentido, Adorno e Horkheimer (1985) percebem uma confusão entre pensamento e cientificidade, pois a cientificidade é, hierarquicamente, considerada uma forma legítima de pensar, resultando no que os autores chamavam de excesso de racionalismo, caindo, por vezes, no totalitarismo. O pensamento, nesse processo, deixou de “pensar”, a razão se tornou mero instrumento, perdendo a sua capacidade dialética e crítica, a racionalidade se torna um novo mito, um dogma, uma nova maneira para dominar, “[...] o pensamento inevitavelmente se converte em mercadoria [...]” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 12).

Porém, não se trata de abandonar o “esclarecimento”, “[...] não alimentamos dúvida nenhuma – e nisso reside nosso *petitio principii* – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13). Mas, de reconhecer que o “esclarecimento”, nesse contexto, deixa de ser uma forma de conhecimento para ser um meio de poder, de dominação, de ideologia. O caráter crítico da ciência é neutralizado, atendendo, exclusivamente, o mercado, deixando de ser libertador para ser explorador.

O desenvolvimento técnico, nesse processo, não levou ao fim do capital, mas apenas serviu para agravar, ainda mais, as formas de exploração e as injustiças sociais. “O que nos propusemos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11).

Portanto, a racionalidade, apesar de ter uma proposta de libertação do homem pelo Iluminismo, acaba se tornando o contrário: um meio de exploração e de totalitarismo, na medida em que submetem a natureza e os homens aos caprichos do mercado. “O esclarecimento é autoritário como qualquer outro sistema.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 37).

O caminho de emancipação que deveria ser trilhado pela ciência positiva estava se transformando em mudança de amarras. Ao invés de estarem presos aos mitos medievais, os indivíduos foram atados ao esquematismo do pensamento tecnológico, às leis do trabalho e à mediocridade da comunicação de massas. (SILVA, M. W. M., 2006, p. 8).

1.2 Os mitos da natureza refletindo a indústria cultural

“O progresso se paga com coisas negativas e aterradoras, entre elas o desaparecimento do sujeito autônomo em um totalitarismo uniformizante.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13). Ao dominar a natureza, o homem domina sua própria natureza e um dos mecanismos de dominação é a indústria cultural. Esse foi um termo designado por Adorno e Horkheimer (1985), no sentido de não só produzir mercadorias, mas produzir valores e símbolos, como meio de manter o capital, portanto, sua finalidade é manter as relações materiais de produção por meio de formas ideológicas de dominação.

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa sociedade é também a potência dominante espiritual. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual; de tal modo que o pensamento daqueles a quem é recusado os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de ideias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as ideias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as ideias do seu domínio. (MARX; ENGELS, 2007, p. 55-56).

Deste modo, a indústria cultural é um mecanismo de manutenção da ordem capitalista, “[...] é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade.” (ADORNO;

HORKHEIMER, 1985, p. 114). Por meio de medidas subliminares, ela adentra e direciona o consumo e os pensamentos dos sujeitos, contribuindo com uma forma fordista de pensar, formando uma consciência massificada.

A indústria cultural, nesse processo, serve para mascarar as relações de produção e de exploração. Assim, apesar da falsa aparência de razão e liberdade em que a sociedade se baseia, a sociedade capitalista é mera extensão do capital. A indústria cultural intensifica o processo de alienação, produz sujeitos passivos e não participativos, produz uma cegueira em que os indivíduos perdem a crítica e a capacidade de pensar e de se mobilizar. A ideologia dominante gera uma falsa consciência que não corresponde com a realidade vivida pelos sujeitos, naturaliza e fragmenta as relações de produção e mascara as relações de poder. Percebe-se isso na explanação de Freire sobre os mitos que são perpassados à nossa sociedade:

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-lo e procurar outro emprego. O mito de que esta “ordem” respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual como o dono de uma grande fábrica. O mito de o direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam à escola primária do país e dos que nela conseguem permanecer é chocantemente irrisória. O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem você tá falando?” é ainda uma pergunta dos nossos dias. O mito do heroísmo das classes opressoras, como mantenedora da ordem que encarna a “civilização ocidental e cristã” que defende da “barbárie materialista” [...] O mito de que a rebelião do povo é um pecado contra Deus. O mito da propriedade privada, como fundamento e desenvolvimento da pessoa humana desde, porém, que as pessoas humanas sejam apenas os opressores. O mito da operosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos. O mito da inferioridade “ontológica” destes e o da superioridade daqueles. (FREIRE, 1987, p. 137).

A cultura se torna mais uma mercadoria; há uma padronização das mentalidades e uma colonização das culturas; há uma domesticação do estilo, no qual todos passam a gostar das mesmas coisas, daquilo que é imposto pela mídia como o “correto”, o “certo” e o “bom”. Há uma massificação da cultura, dos conceitos e das ideias. A mídia utiliza um baixo nível de entendimento para atingir a todos, a fim de manter a ordem capitalista e os poderes constituídos, tornando a cultura de massa um mecanismo de controle e dominação que contribuiu para a persistência da injustiça e da desigualdade social.

Portanto, o próprio movimento da vida humana foi substituído pelo da mercadoria. O o sujeito passa a ser um objeto, um robô, um sujeito mecanizado, transforma-se em um produto descartável, manipulado pelo mercado, que não tem uma consciência autônoma, que

ora se distingue como mercadoria, ora como consumidor, ora como um trabalhador alienado e explorado. O indivíduo não se emancipa no trabalho e nem fora dele, está o tempo inteiro envolvido em uma lógica capitalista que privilegia o produtivismo, o consumismo e o lucro. Para exemplificar essa “coisificação” da vida moderna, trago, como referência, o mito de Sísifo, analisado por Camus:

Sísifo foi um rei grego que, perdendo o apoio dos deuses, acabou condenado a um destino terrível no inferno. Sua tarefa era rolar uma pedra enorme até o topo de um monte, só para vê-la rolar de volta ao solo. Sísifo tinha então que caminhar penosamente de volta ao solo para recomeçar, repetindo isso por toda a eternidade. Fascinado por Sísifo, Camus acreditava que o mito parecia encerrar algo da falta de sentido e do absurdo de nossas vidas. E considerou a vida como uma luta infinita para realizar tarefas essencialmente sem sentido. (BUCKINGHAN; BURNHAM; HILL, 2011, p. 284-285).

O capital engloba todos os aspectos da vida. O ser humano fica preso à manipulação da indústria cultural, preenche seu vazio existencial com produtos, tornando homens idênticos, repetidos na miséria de humanidade e na pobreza de cultura. “Como posso ter consciência de que sou explorado ou controlado se tudo faz parte de mim, se não há estranhamento?” (PASSOS, 2011, p. 39). Deste modo, a luta não se constrói somente contra o capitalismo, mas “[...] contra os efeitos devastadores e degradantes do sistema capitalista na sua consciência de classe.” (LUKÁCS, 1969, p. 55). Para ilustrar esta afirmação, exemplificando a alienação promovida pela indústria cultural, utilizo a “Alegoria da Caverna”, de Platão:

Ele nos convidou a imaginar uma caverna na qual as pessoas estão aprisionadas desde o nascimento, amarradas, encarando a parede ao fundo, na escuridão. Elas só podem olhar para frente. Atrás dos prisioneiros há uma chama brilhante que lança sombras na parede para qual eles olham. Há também uma plataforma entre o fogo e os prisioneiros, na qual pessoas andam e exibem vários objetos de tempos em tempos, de modo que as sombras desses objetos são lançadas na parede. Tais sombras são tudo o que os prisioneiros conhecem do mundo, e eles não tem noção alguma sobre os objetos reais. Se um prisioneiro conseguir desamarrar e se virar, verá ele mesmo os objetos. Mas, depois de uma vida de confinamento, ele provavelmente ficará muito confuso e talvez fascinado pelo fogo, e muito provavelmente se voltará de novo para a parede, a única realidade que conhece (PLATÃO apud BUCKINGHAN; BURNHAM; HILL, 2011, p. 54).

“As verdades” propagadas pela indústria cultural nada mais são do que sombras da realidade, os indivíduos acreditam que essa é a realidade, não a questionando, consequentemente se alienando. O que consideramos como “verdade”, como fruto da “racionalidade” são modelos impostos socialmente e culturalmente construídos, “as verdades” são construídas como processo social de manutenção da ordem.

Nesse sentido, constrói-se um discurso de preservação da natureza que é transmitido pela indústria cultural e internalizado pelas massas. Fala-se de ecologia e de preservação dos recursos naturais, mas se esquece de que o capital converte a natureza em mercadoria, tendo uma visão utilitarista dela.

A sociedade capitalista tem separado o homem da natureza, o papel da natureza, nesse contexto, é atender o mercado, produzir cada vez mais mercadorias. O sistema capitalista se baseia primordialmente no lucro, cada vez compramos mais, criamos novas “necessidades supérfluas”, o valor de troca vale mais que o de uso, gerando, assim, uma produção e um consumo em massa.

Na busca por lucros, o consumo é estimulado através do marketing e da publicidade. A mídia não só propaga o consumismo, como também contribui para esconder o modo de produção capitalista. O consumo passa a ser correlacionado com o “status”, em que valoriza mais o “ter” do que o “ser”, a “felicidade” passa a ser correlacionada com o consumo.

Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho. É possível depreender de qualquer filme sonoro, de qualquer emissão de rádio, o impacto que não se poderia atribuir a nenhum deles isoladamente, mas só a todos em conjunto na sociedade. Inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo. (HORKEIMER, ADORNO, 1985, p. 118-119).

Os produtos passam a valer mais que o próprio sujeito criador, a criatura domina o criador. Um exemplo que Marcuse (1982) nos oferece são os carros: são usados pelos homens para se reconhecerem, assim, os homens são meras extensões das criações; constroem sua identidade por meio do consumo. Ele argumenta que a felicidade é incompatível com o modo de vida capitalista, que só têm falsas escolhas e uma felicidade efêmera, na qual o indivíduo precisa consumir para se constituir como sujeito.

Os meios de transporte e comunicação em massa, as mercadorias, casa, alimento, roupa, a produção irresistível da indústria de diversão e informação, trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais, que prendem os consumidores aos produtos. Os produtos doutrina, manipulam, promovem uma falsa consciência. Estando tais produtos à disposição de maior número de indivíduos e classes sociais, a doutrinação deixa de ser publicidade para tornar-se um estilo de vida. (MARCUSE, 1982, p. 31-32).

Além desse sentimento em que se envolve os produtos, fazendo com que as pessoas os consumam cada vez mais, eles, atualmente, têm uma obsolescência programada, são criados

para estragar, quebrar, ou seja, têm pouca durabilidade. Os produtos também são substituídos por não se adequarem ao que a moda determina, na qual, a cada semana, há um novo modelo mais sofisticado, uma nova tendência.

Em toda parte do mundo, a propaganda comercial de jornais, rádio, televisão e da internet incentiva as pessoas a adquirir vários produtos e a substituir os mais antigos pelos mais modernos. Relógios, brinquedos, sapatos ou eletrodomésticos logo ficam “fora de moda” e se transformam em lixo. (RODRIGUES; CAVINATTO, 2003, p. 9).

Rodrigues e Cavinatto (2003) afirmam que estamos vivendo a “Era do descartável”: papel, papelão e alumínio são produzidos como embalagens e descartados em abundância. Para exemplificar esse modelo consumista, trazemos Victor Lebow, um analista de vendas norte-americano, que, depois da segunda guerra mundial, afirmou que:

A nossa enorme economia produtiva exige que façamos do consumo nossa forma de vida, que tornemos a compra e uso de bens em rituais, que procuremos a nossa satisfação espiritual, a satisfação do nosso ego, no consumo. Precisamos que as coisas sejam consumidas, destruídas, substituídas e descartadas a um ritmo cada vez maior. (LEBOW, 1955, p. 3).

Todo esse consumo tem o mesmo fim: o lixo. O lixo é um problema global e essas enormes quantidades de lixo são resultados de nosso sistema de produção capitalista. “Estima-se que se produzam diariamente no mundo em torno de dois milhões de toneladas de lixo, o que significa um montante anual de 730 milhões de toneladas por ano.” (SUDAN, 2007, p. 26).

Segundo Soleiro, Caetano e Quick (2011, p. 41), no Brasil, cada brasileiro gera 1,1 kg de resíduos por dia, sendo que apenas 13% destes são reciclados ou vão para a compostagem. A reciclagem ainda é pouco praticada no país, sendo que 82,2% das cidades do país não têm coleta seletiva.

A reciclagem é um meio de evitar a degradação do meio ambiente, na medida em que contribui para a economia de recursos naturais (matéria-prima), diminui a quantidade de resíduos sólidos e auxilia na geração de renda. Porém, não devemos visualizar a reciclagem de uma forma ingênua, ela não resolverá a problemática dos resíduos como uma medida isolada.

Entendemos que soluções centradas na reciclagem de materiais são insuficientes, não dão conta de enfrentar a problemática lixo. O lixo tem que deixar de ser visto como um problema em si e ser analisado como um reflexo de um determinado modo de viver, produzir, consumir e descartar recursos no planeta envolvendo

impreterivelmente a revisão dos padrões de consumo e a forma de compreendermos a natureza. (SUDAN, 2007, p. 22).

Assim, o sistema capitalista gera um consumo exacerbado dos recursos naturais e uma grande quantidade de resíduos produzidos, sendo que a natureza não consegue absorvê-los na mesma rapidez com que eles são criados e descartados, a produção se torna uma “[...] produção destrutiva cada vez maior e mais irremediável.” (MÉSZÁROS, 2002, p. 267).

Nesse contexto, surge o conceito de desenvolvimento sustentável, como um modelo de desenvolvimento que satisfaça “[...] as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem suas próprias necessidades.” (BRASIL, 1988). No entanto, o termo *sustentabilidade* foi se reduzindo ao ambiental. Não podemos falar em sustentabilidade sem percorrer os âmbitos: ambiental, político, econômico e social de maneira intrínseca. Assim, o conceito de desenvolvimento sustentável:

[...] abriu brechas para interpretações diversas, que, sobretudo, se respaldam nos significados dos termos principais da expressão: desenvolvimento e sustentável. Uma visão reducionista, comprometida com uma perspectiva meramente econômica, difundiu uma acepção equivocada do conceito de desenvolvimento, que acabou sendo confundido com o de crescimento econômico, ainda que não fosse, em princípio, a intenção daqueles que a cunharam. (BUENO, 2012, p. 2).

Portanto, dois pontos que precisam ser desmistificados sobre a ação sustentável são: “a) reduzem a complexidade da crise ambiental à dimensão estritamente ecológica e, b) confinam os problemas ecológicos a uma discussão técnica, desvinculando-os, conseqüentemente, dos seus determinantes sociais.” (SILVA, M. G., 2010, p. 84).

Assim, a indústria cultural passa uma falsa ideia de que é possível conciliar natureza e o modo de acumulação vigente. Segundo a Comissão Brundtland (CMMAD, 1988), a integração da economia com a natureza acontece, mas pela via do mercado e não das políticas públicas. Palavras como “ecologia”, “meio-ambiente” e “natureza”, no contexto do capital, são usadas não para alteração da ordem produtivista, mas para manutenção do sistema, escondendo-se atrás do discurso vazio. Os discursos ambientalistas propõem reformas sem mudanças estruturais, ou seja, “[...] uma ecologia que ignora ou negligencia o marxismo e sua crítica do fetichismo da mercadoria está condenada a não ser mais do que uma correção dos ‘excessos’ do produtivismo capitalista.” (LÖWY, 2005, p. 38).

Outro problema que ocorre em nossa sociedade é a culpabilização do indivíduo, segundo Mézáros (2002), difundiu-se essa ideologia ecológica: que se tem de economizar água e reciclar seu lixo, como se as atitudes individuais fossem suficientes para resolver o

problema da degradação ambiental. “Ao pensar no meio ambiente, tem-se a impressão de que basta plantar uma árvore pagar uma multa por algum descuido ambiental, que todas sequelas da exploração dos recursos naturais, da má utilização da água, do desmatamento estarão amenizadas.” (MENDES, 2009, p. 40).

Cria-se um falso discurso em que o capitalismo é um sistema perfeito, já que é um sistema econômico que liberta o homem pela racionalidade, e são as pessoas que estão erradas.

“O Deus que falhou”, na imagem da onipotência tecnológica, é agora recomposto e novamente apresentado sob o disfarce do “interesse ecológico” universal. Há dez anos a ecologia podia ser tranquilamente ignorada ou desqualificada como totalmente irrelevante. Atualmente, ela é obrigada a ser grotescamente desfigurada e exagerada unilateralmente para que as pessoas – suficientemente impressionadas com o tom cataclísmico dos sermões ecológicos – possam ser, com sucesso, desviadas dos candentes problemas sociais e políticos. Africanos, asiáticos e latino-americanos (especialmente estes últimos) não devem se multiplicar como lhes aprouver – nem mesmo de acordo com a vontade de Deus, caso sejam católicos apostólicos romanos –, dado que o desequilíbrio demográfico poderia resultar em “tensões ecológicas intoleráveis”. Em termos claros, poderia até pôr em perigo a relação social de forças prevalecente. Analogamente, as pessoas deveriam esquecer tudo sobre as cifras astronômicas despendidas em armamentos e aceitar cortes consideráveis em seu padrão de vida, de modo a viabilizar os custos da “recuperação do meio ambiente”: isto é, em palavras simples, os custos necessários à manutenção do atual sistema de expansão da produção de supérfluos. Para não mencionar a vantagem adicional que constitui o fato de se compelir a população em geral a custear, sob o pretexto da “sobrevivência da espécie humana”, na sobrevivência de um sistema socioeconômico que se defronta agora com deficiências derivadas da crescente competição internacional e de uma mudança crescente na sua própria estrutura de produção, em favor dos setores parasitários. (MÉSZÁROS, 2002, p. 987).

Soluções pautadas em mudanças individuais e em políticas públicas não resolvem o problema da degradação ambiental, visto que o consumo exagerado, a produção em massa e o lucro são intrínsecos do modo de produção capitalista, sendo inerente ao próprio sistema a destruição da natureza, “[...] produtividade e destrutividade são inseparáveis, posto que a tecnologia é desenvolvida para que o capital possa se apropriar da totalidade de recursos humanos e materiais do planeta.” (MÉSZÁROS, 2002, p. 527).

Acreditar também que a racionalidade é a solução do problema da degradação ambiental é um devaneio, “[...] argumentar que ‘ciência e a tecnologia podem solucionar todos os nossos problemas a longo prazo’ é muito pior que acreditar em bruxas, já que tendenciosamente omite o devastador enraizamento social da ciência e da tecnologia atuais.” (MÉSZÁROS, 2002, p. 988). A racionalidade produz a dominação e destruição da natureza, assim a ciência e a tecnologia atualmente “[...] estão estritamente determinadas e circunscritas

pela necessidade da perpetuação do processo de maximização dos lucros.” (MÉSZÁROS, 2002, p. 989).

O problema ambiental está associado ao modo de produção capitalista, uma vez que a exploração do homem pelo homem e da natureza pelo homem é inerente ao sistema. O problema da degradação ambiental não pode ser resolvido apenas com mudanças políticas ou/e morais, para se ter uma mudança efetiva, não só paliativa, precisa-se de uma mudança nas relações sociais e materiais.

O modo burguês de produzir e reproduzir-se submeteu a humanidade a um impasse: a sociedade que esbanja riqueza é, ao mesmo tempo, uma usina de miseráveis; o desenvolvimento tecnológico que acalentou as modernas aspirações de domínio da natureza para dela obter fontes de satisfação das necessidades humanas transfigurou-se em pesadelo e fonte de destruição. O sistema do capital depara-se com a constatação da finitude dos bens naturais e a limitada capacidade da natureza absorver as mazelas da ganância e da voracidade do lucro, de um lado, e com as necessidades de expansão da produção de outro, motivo pelo qual as múltiplas iniciativas adotadas no sentido de atenuar os efeitos destrutivos da vida mercantil têm-se revelado insuficientes. (SILVA, M. G., 2010, p. 99).

Portanto, para Mészáros (1996, p. 145) “[...] o capital não pode ser controlado: ele é o próprio controlador e regulador do processo de metabolismo social.” Assim, tanto para Löwy quanto para Mészáros, a questão da degradação ambiental exige “[...] uma ruptura radical com a ideologia do progresso linear e com o paradigma tecnológico e econômico da civilização industrial moderna.” (LÖWY, 2005, p. 43). Só conseguiremos resolver as problemáticas ambientais “[...] por meio da transformação de todo o complexo de relações metabólicas da sociedade.” (MÉSZÁROS, 1996, p. 131).

1.3 Pensando uma ética socioambiental

Atualmente, vivemos uma crise de valores, por isso, é impossível discutir meio ambiente sem abordar a temática ética, “[...] a filosofia não pode fugir da urgência de articular uma ética a partir da premência dos grandes problemas que marcam nosso tempo como a crise ecológica [...]” (OLIVEIRA, 2000, p. 236). Para entender a degradação ambiental e social, precisa-se elucidar os valores e a moral em que a sociedade tem se baseado, o porquê dos bens materiais, da propriedade privada, da riqueza e do lucro serem mais importantes do que a vida, o ser humano e a natureza.

Até que ponto os dirigentes de um país têm o direito de, em nome de uma maior renda per capita - avaliada em dólares -, transformar um rio psicoso em represa geradora de energia elétrica para alimentar indústrias de latas coca-cola, obrigando

os habitantes das margens abandonarem sua pesca, sua canoa, seus cestos, sua cerâmica, e passar a habitar a cidade, vivendo em moradias de cimento e ferro, comendo alimentos enlatados, e trabalhando como operários, em uma função cujo significado e importância estão longe de compreender ou aceitar? Será esse o sentido do desenvolvimento? Será que esse tipo de desenvolvimento traz maior dignidade ao ser humano? Será esta a única ou melhor maneira de contribuir para a melhoria para condições de saúde, educação, segurança e conforto, ou será justamente o caminho da massificação, despersonalização do ser humano? (BRANCO, 1998, p. 87).

Assim, ao transformar a natureza, o ser humano se transforma e cria valores. O valor, nesse sentido, seria uma escolha individual e consciente de acordo com a preferência, porém este não é algo apenas subjetivo e sim algo que se efetiva na prática. “Os valores éticos somente se objetivam mediante ações práticas, sendo resultado da decisão e escolha de um sujeito coletivo.” (BARROCO, 2004, p. 32).

O valor, portanto, é uma categoria ontológica social; como tal, é algo objetivo; mas não tem objetividade natural (apenas pressupostos ou condições naturais) e sim objetividade social. É independente das avaliações dos indivíduos, mas não da atividade dos homens, pois é expressão e resultante de relações e situações sociais. (HELLER, 1972, p. 5).

Ao se relacionar com o outro e com a sociedade, o homem vai aprender valores que fundamentará suas escolhas. O sujeito está inserido em uma sociedade e em uma cultura que têm seus valores, seus costumes e seus significados.

Por isso, para pensarmos em utopias, para pensarmos em uma nova maneira de viver, precisamos de novos paradigmas, visando à ascensão de um sujeito cidadão, que participe efetivamente da vida política, portador de direitos políticos, sociais, culturais, econômicos e ambientais. Também a pessoa tornaria protagonista de sua história, agente de mudança social e ambiental, baseando-se em valores éticos de respeito à vida, à natureza e aos seres humanos. Nessa concepção, podemos dizer que o homem é um ser social, um ser ontológico, um sujeito ético.

A ética é uma conduta humana necessária para a concretização da sociabilidade, é a capacidade de escolher conscientemente, por meio do valor individual e sua concretização objetiva através da ação na vida social. “Ética vem do grego *ethos*, que significa ‘modo de ser’ ou ‘caráter’, enquanto forma de vida também adquirida pelo homem.” (SANCHEZ VÁZQUEZ, 1975, p.14).

Assim, “[...] a ética é, antes de tudo a preocupação com o outro.” (DROIT, 2012, p. 37). Por tanto, a partir dela, fazemos a crítica à vida cotidiana, que desmistificamos os preconceitos, temos escolhas conscientes e que mudamos a realidade em que vivemos. Ela estabelece relação

entre o humano singular e o humano genérico, entre o homem e sua consciência, entre o homem e a natureza.

Já moral advém da necessidade de se estabelecer normas e deveres. Ela integra o indivíduo e a sociedade. A intenção da moral é de concordar os interesses de cada um com o interesse coletivo. Esta relacionada aos costumes, à cultura, à coletividade, são conjuntos de valores que regulamentam o agir do homem.

Em nossa sociedade, a moral serve para legitimar a ideologia da classe dominante, desse modo, as escolhas não são conscientemente livres, pois sofrem direcionamentos por ideologias coercitivas, que ocultam as contradições, levando também em consideração que não existe liberdade de escolha sem meios objetivos para concretizá-la. “As alternativas abrem espaço para escolhas: gênese da liberdade. Pois a liberdade para Marx não consiste na consciência da liberdade ou das escolhas, mas na existência de alternativas e na possibilidade concreta de escolha entre elas.” (BARROCO, 2011, p. 26).

Desse modo, a moral se manifesta no cotidiano, no espaço das generalizações, do senso comum, do hábito, do imediato. Segundo Heller (1972), a vida cotidiana é pragmática, o pensamento é fragmentado, parcial, imediato e ultrageneralista. Esses pensamentos são insupríveis na vida prática, mas quando ficamos apenas neles, reproduzimos o consumismo, o preconceito, a alienação e não nos preocupamos com o meio ambiente e com o outro.

A moral da sociedade burguesa estabelece o princípio básico: o lucro. Assim, o homem e a natureza são vendidos. A natureza existe a bel prazer do ser humano, já o homem, por sua vez, é desumanizado, constituindo-se de uma moral individualista, baseada em si mesmo e não no coletivo. O ser humano não se identifica com o outro, nem com a natureza; o outro é um empecilho para sua liberdade e a natureza é algo alheio a ele.

O outro não é visto apenas como um estorvo: para o ethos individualista, o outro é o inferno, como bem mostrou Sartre, pois ele pode colocar limites à liberdade individual. Além disso, devido à reificação das relações sociais, o outro é tratado como objeto descartável, pois a lógica mercantil supõe relações efêmeras e o fugaz não implica compromissos; logo não existe uma ética fundada em uma cumplicidade entre pares que tem um mesmo projeto e compartilham valores comuns. (BARROCO, 2011, p. 160).

Segundo Dupas (2001), vivemos na “Sociedade da Informação”, marcada por uma produção científica que não teve compromisso político, econômico, social, com o bem estar geral dos sujeitos, com o acesso a um mundo mais justo, ou ambientalmente correto. A ética da cooperação, a ética ambiental, a ética da justiça social na produção foi substituída pelo ter.

“É preciso uma ética para os novos tempos, necessária e possível, que possa introduzir o dever onde tudo é poder.” (DUPAS, 2001, p. 17).

Talvez o caminho seja, como queria Gramsci, induzir uma reforma intelectual e moral que legitime as direções do progresso; ou, quem sabe, reabilitar o princípio platônico de responsabilidade [...] De qualquer forma, por moral, responsabilidade ou prudência, é preciso buscar condições para que uma nova hegemonia mundial, que inclua mas não se constranja ao capital, possa construir um mundo melhor, utilizando-se dos avanços da ciência em benefício da grande maioria de seus cidadãos. (DUPAS, 2001, p. 122-123).

O desafio que temos atualmente é destruir os velhos paradgmas. Temos que desmistificar a ideia de natureza como algo a ser dominado, como também temos que romper, com a dominação de minorias, o preconceito.

E aí se torna fácil perceber por que o imaginário ocidental costumeiramente associa à natureza os seguimentos ou classes sociais oprimidas e explorados, naturalizando essas condições:

1. As mulheres, por natureza, são frágeis e emotivas e, assim, devem ser mantidas em lugares protegidos, como o lar.
2. Os povos indígenas são selvagens, sendo da selva, da natureza, também são passíveis de dominação e discriminação.
3. Os negros são, por natureza, inferiores, portanto, incapazes de pensar socialmente (leia-se cartesianamente).
4. Os operários, por natureza, são incapazes de planejar, projetar, enfim, de pensar e, por isso, devem ficar restritos às operações manuais, ao fazer.
5. Os homossexuais, porque transgridem uma lei da natureza, adotam um comportamento desviante em relação à sua condição biológica. Como se o ser homem ou mulher fosse definido exclusivamente pela genitália.
6. Os velhos, que pela natureza da idade, estão incapacitados para o trabalho, sofrem naturalmente essa discriminação.
7. E também são discriminados os adolescentes que, pela natureza da idade, são inevitavelmente rebeldes e contestadores. Com relação aos adolescentes verifica-se, ainda, uma certa tolerância, pois se trata de uma condição passageira uma vez que também inevitavelmente amadurecerão, perdendo essa disposição contestatória “típica da idade”.
8. As crianças são consideradas na perspectiva do que elas serão e não pelo que são efetivamente. São por isso educadas para o futuro. Não têm presente porque, pela natureza da sua idade são irresponsáveis. (GONÇALVES, 2010, p. 125-126).

Portanto, para reproduzir os componentes alienantes e para se atingir os valores humano-genéricos à nossa humanidade, é necessário a suspensão da cotidianidade. A ética defende a dignidade da vida humana, considerando as possibilidades reais dos sujeitos, se eles têm acesso aos direitos, à possibilidade material, física, psicológica, para efetivar um agir conscientemente livre. Tendo uma perspectiva totalizante, crítica, que nos faça pensar e questionar, que possibilite desvelar o real e o movimento da realidade.

Logo, todo ser humano é um ser ético; a ética não está ligada em julgamentos, mas sim em reflexão, portanto, ela permite que o homem se coloque no lugar do outro em uma perspectiva de identidade. Para Lévinas (2009), a sociedade atual não se preocupa com o próximo, pensa somente em si, pautando-se em atitudes egoístas. Por isso, para ele, o homem precisa se reconhecer no seu semelhante e perceber que temos responsabilidade por ele. Precisamos dar um rosto ao outro, este tem que se tornar visível a nós:

A passividade pura que precede a liberdade é responsabilidade. Mas a responsabilidade que não deve nada à minha liberdade é minha responsabilidade pela liberdade dos outros. Lá onde eu teria podido permanecer como espectador, eu sou responsável, em outros termos, tomo a palavra. (LÉVINAS, 2009, p. 77).

Por isso, precisamos nos conectar com o outro ser humano, com os animais, com a natureza, precisamos abandonar o preceito de superioridade que temos que preservar a natureza e perceber que devemos nos sentir parte dela, só assim, conseguiremos uma mudança efetiva, quando recuperamos a nossa humanidade, mudando a ação do ser humano em relação à natureza e ao outro homem.

CAPÍTULO 2 DO LEGISLATIVO À REALIDADE

*“Antigamente o que oprimia o homem era a palavra calvário; hoje é salário”.
Maria Carolina de Jesus (catadora de materiais recicláveis e poetiza)*

2.1 Legislação ambiental brasileira: refletindo sobre a preservação da natureza

A necessidade de uma legislação ambiental surgiu com a degradação da natureza, sendo que sem a natureza não há vida na terra, assim a sua preservação surgiu também como uma necessidade de manutenção do capital. Dependemos da natureza para existir, o homem só tem vida se tiver meios naturais que o possibilite viver.

Mesmo que o homem do século XXI não precise mais caçar, coletar e até produzir como o homem primitivo, ele precisa, como ser social, investir e envolver-se numa atividade de intercâmbio orgânico com a Natureza, em sua forma natural e socialmente construída, para satisfazer suas múltiplas necessidades de vida. (ALVES, 2007, p. 75).

No Brasil, foi, a partir da década de 80, que as leis começaram a ganhar uma preocupação mais incisiva com o meio ambiente. A Política Nacional do Meio Ambiente, Lei nº 6.938/81 (BRASIL, 1981), é um exemplo disso, esta surge no Brasil no ano de 1981, regularizando a preservação da natureza de maneira geral, aumentando a fiscalização, sobre diversas atividades, como por exemplo, a exploração de madeira, a construção de hidrelétricas, entre outros, tornando obrigatório o licenciamento ambiental, que fiscalizava atividades que colocassem em risco o meio ambiente.

Outra lei desse período foi a Lei da Ação Civil Pública ou Lei nº 7.347/85 (BRASIL, 1985), na qual os danos ao meio ambiente eram devidamente encaminhados ao Poder Judiciário. Mas, o grande marco para a legislação ambiental foi a Constituição Federal de 1988, contemplando um capítulo dedicado inteiramente ao meio ambiente. No capítulo VI - Do meio ambiente (Art. 225), o poder público e a coletividade se tornam os responsáveis por defender e preservar o meio ambiente: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.” (BRASIL, 1988).

Em 1999, surge outra lei, que vem contribuir com a fiscalização da degradação ambiental, é a Lei de Crimes Ambientais, nº 3.179/99, (BRASIL, 1999) que criminalizava pessoas ou empresas que contribuíam com a poluição da água, ou com corte ilegal de árvores,

entre outros. Já em 2000, surge o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SUNC), Lei nº 9.985/2000 (BRASIL, 2000), que foi de suma relevância, visto que definia os critérios e os princípios para a criação e funcionamento das Unidades de Conservação Ambiental, que são

[...] espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob-regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção da lei. (Art. 1º, I).

A primeira definição legal de meio ambiente aparece na Política Nacional do Meio Ambiente, Lei nº 6938/81, que o define como “[...] o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas.” (Art. 3º, I). Em 2002, com a resolução do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), nº 306/2002, surge uma definição mais ampla: “Meio ambiente é o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química, biológica, social, cultural e urbanística, que permite e abriga e rege a vida em todas as suas formas.”

Assim, entende-se por meio ambiente essa diversidade de seres vivos e não vivos, que constituem a vida na Terra, é o conjunto de fatores físicos, químicos, biológicos, econômicos, culturais e sociais que constituem a vida, deixando a visão restrita que deveria pensar em preservação apenas visando à natureza, enquanto fauna e flora, mas percebendo que econômico, político, cultural e social se relacionam, interferem e também fazem parte da natureza.

A ciência moderna mudou a concepção que o homem tinha da natureza. Esta, por sua vez, também descobriu-se através do desenvolvimento da ciência. A concepção de natureza como algo morto, sem vida, era predominante até o século XVIII. Ela foi revolucionada pela ciência moderna, que buscou formular leis universais, simples e imutáveis que dessem conta de explicar os fenômenos naturais. (CAVALCANTE, 1995, p. 203).

Assim, a legislação ambiental brasileira, como as demais políticas públicas, constitui-se por meio de um paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que contribui com a preservação do meio ambiente, compactua ou regulariza o modo de produção vigente, não interferindo na estruturação da produção, mas apenas reformando-a.

2.2 Legislação ambiental com enfoque nos catadores de materiais recicláveis

Uma questão, que vamos priorizar em nossa discussão, são as legislações que contemplem os resíduos sólidos, principalmente as que contemplem a reciclagem, já que os catadores de materiais recicláveis, nossos sujeitos de pesquisa, utilizam-se dela.

Os catadores de materiais recicláveis constituem um segmento de trabalhadores em expansão. No Brasil, entre os anos de 1999 e 2004, seu número aumentou de 150 mil para 500 mil e, atualmente, estima-se que mais de um milhão de pessoas vive da catação, ou seja, do trabalho de catar, separar e comercializar materiais recicláveis. Esses trabalhadores realizam suas atividades nas ruas, no interior de galpões ou, ainda, em suas próprias casas. (BORTOLI, 2013, p. 249).

Para Magera (2003) e Miura (2004), o crescimento do número de catadores é resultado, principalmente, do aumento do desemprego e das exigências do mercado formal, que acaba excluindo os sujeitos por sua idade, condição social e baixa escolaridade.

A atividade de catação ganhou visibilidade política a partir da criação do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), que surgiu em 1999, tendo sua fundação em 2001, culminando com o “1º Congresso Nacional de catadores de Materiais Recicláveis.” Segundo Mendes (2009), o encontro reuniu mais de 1600 catadores, catadoras, agentes sociais e técnicos. O movimento buscava fortalecer a consciência de classe, o reconhecimento dos catadores, buscando direitos para os mesmos, como nos mostra o site oficial do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis:

O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) é um movimento social que, há cerca de 10 anos, vem organizando os catadores e catadoras de materiais recicláveis pelo Brasil afora. Buscamos a valorização de nossa categoria de catador que é um trabalhador e tem sua importância. Nosso objetivo é garantir o protagonismo popular de nossa classe, que é oprimida pelas estruturas do sistema social. Temos por princípio garantir a independência de classe, que dispensa a fala de partidos políticos, governos e empresários em nosso nome. (MNCR, 2013).

Além do que:

O MNCR atua a partir de princípios de autogestão, democracia e ação direta, independência e solidariedade de classe e com uma estrutura que comporta desde a participação e decisão das bases orgânicas até a representação nacional. Com esses princípios e estrutura, constitui-se em uma instância de organização e defesa dos interesses dos catadores pelos próprios catadores. (BORTOLI, 2013, p. 251).

Com a luta do movimento, os catadores vêm dispondo de novos direitos e de reconhecimento público do seu trabalho. Após a Constituição Federal de 1988, o Estado

assumiu a responsabilidade da gestão dos resíduos sólidos e, com isso, passaram a surgir legislações que contemplavam os catadores de materiais recicláveis. As leis federais que surgiram para contribuir com os catadores são: a Política Nacional de Resíduos Sólidos, o Decreto Pró-catador e as Diretrizes Nacionais para Saneamento Básico.

A Lei nº 11.445 (BRASIL, 2007), Diretrizes Nacionais para Saneamento Básico, foi a primeira lei a ser aprovada que contribuía com as cooperativas de catadores, regulamentando a contratação de associações ou cooperativas de catadores. Outra lei, que veio contribuir com os catadores de materiais recicláveis, foi o Programa Pró-catador, Decreto de nº 7.405 (BRASIL, 2010b), este denomina o Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis e dispõe sobre sua organização e funcionamento. Este decreto substituiu o Comitê Interministerial de Inclusão Social dos Catadores de Lixo, de 2003.

Art. 1º Fica instituído o Programa Pró-Catador, com a finalidade de integrar e articular as ações do Governo Federal voltadas ao apoio e ao fomento à organização produtiva dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, à melhoria das condições de trabalho, à ampliação das oportunidades de inclusão social e econômica e à expansão da coleta seletiva de resíduos sólidos, da reutilização e da reciclagem por meio da atuação desse segmento. (BRASIL, 2010b).

Também em 2010, criou-se a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei nº 12.305 (BRASIL, 2010a), esta altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 (BRASIL, 1998). O principal princípio dela é a minimização dos resíduos por meio de incentivos às práticas ambientalmente adequadas de reutilização, reciclagem, redução e recuperação dos resíduos sólidos. Seus principais objetivos são: promover a inclusão social de catadores nos serviços de coleta seletiva e fomentar a implantação do sistema de coleta seletiva nos municípios brasileiros.

Assim, a política nacional tem contribuído com a reciclagem e com os catadores, como se observa na própria Lei: “[...] incentivar a criação e o desenvolvimento de cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis que realizam a coleta e a separação, o beneficiamento e o reaproveitamento de resíduos sólidos reutilizáveis ou recicláveis.” (BRASIL, 2010a). E complementa dizendo que o Estado deve: “Fomentar parcerias das indústrias recicladoras com o Poder Público e a iniciativa privada nos programas de coleta seletiva e no apoio à implantação e desenvolvimento de associações ou cooperativas de catadores.” (BRASIL, 2010a).

Porém, antes dessas atuais legislações, “[...] o que predominou na gestão de resíduos sólidos no Brasil foi um esforço dos governos e empresas para esconder o lixo, resolvendo a questão estética sem uma preocupação com a dimensão ambiental do problema.” (SILVA, M. G., 2010, p. 113). Atualmente os empreendimentos de reciclagem são uma alternativa que o poder público se utiliza para resolver o problema do lixo e ao mesmo tempo para gerar emprego, assim os catadores atendem as demandas municipais, resolvendo um problema público que são os resíduos sólidos.

A ação do catador e o trabalho por este desenvolvido são aceitos pelo Estado, pelas empresas e pela sociedade como uma alternativa ao crescente desemprego, tornando-se objeto de uma política voltada para geração de renda. Mais, ainda, a realização da catação é absorvida como parte da política ambiental para minimização dos efeitos causados pela incomensurável produção de resíduos sólidos em ambientes urbanos, alçando esta atividade à condição de entre público. No entanto, não é reconhecida a centralidade do papel do catador na “cadeia de lixo”, fato que o destitui do estatuto de trabalhador, e portanto, gerador da riqueza socialmente produzida, reforçando um dos traços centrais do capitalismo reestruturado. (SILVA, M. G., 2010, p. 132).

Segundo Barbosa (2007), a política pública, se constitui contraditoriamente neste contexto, contribui para o fortalecimento político, na garantia de direitos para os catadores, porém propagam e regularizam o trabalho informal, conformando com uma política de “Estado Mínimo” sem a promoção de empregos assalariados e sem garantir os direitos sociais.

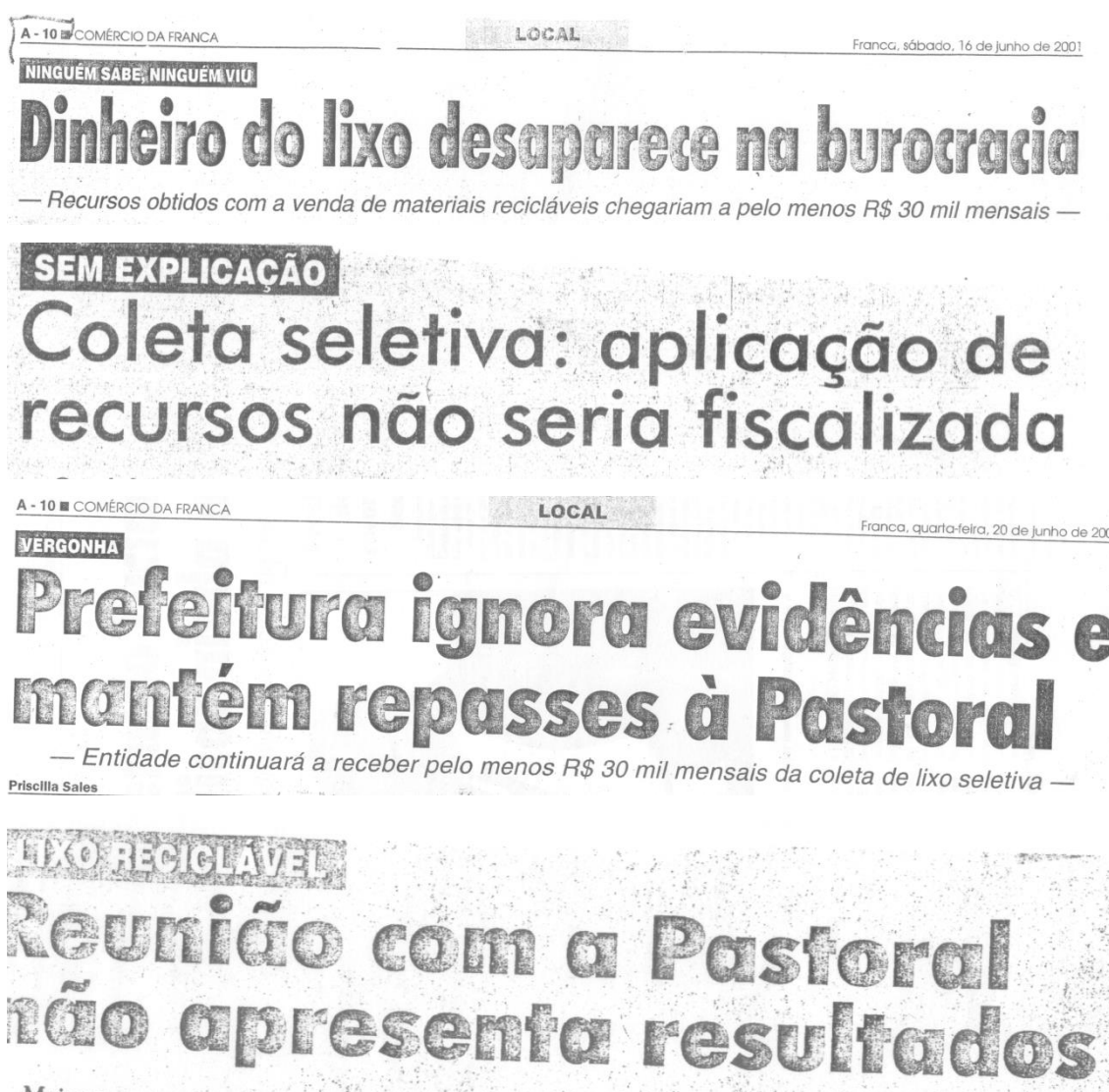
Nesse cenário, os catadores não têm o devido reconhecimento, ficando a mercê de políticas públicas que não atendem suas reais demandas, ou, até mesmo, sofrendo com medidas punitivas, como as instituídas em Campinas e São Paulo “[...] a proibição da circulação de carroças de tração animal, em Campinas, ou de tração humana, em São Paulo.” (WIRTH, 2013, p. 87).

2.3 Caracterizando a legislação e a cooperativa de catadores COOPERFRAN

A história da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN) se mistura com a Prefeitura Municipal de Franca. A cooperativa surgiu no ano 2000, sendo que três a quarto anos foram dedicados à formação e preparação da mesma, efetivando-se de fato em 2005. Esta se consolida como uma parceria entre Prefeitura Municipal de Franca e a Pastoral do Menor e da Família.

A Pastoral do Menor já desenvolvia um trabalho de reciclagem na cidade, segundo o jornal da cidade, Comércio da Franca, do ano de 2001, em anexo. A Pastoral e os responsáveis pela reciclagem tiveram desentendimentos quanto à prestação de contas do dinheiro da reciclagem, o que gerou problemas e até a abertura de uma fiscalização por parte da Prefeitura. Segue títulos das reportagens (para ter acessos às mesmas na íntegra, olhe o anexo):

ILUSTRAÇÃO 1 – Reportagens do Jornal “Comércio da Franca”



Fonte: Comércio da Franca, 2001(Reportagens na íntegra em Anexo)

Em 2000, a Prefeitura Municipal de Franca realizou uma pesquisa, constatando 237 catadores atuantes na cidade. Esta pesquisa foi incentivada pela campanha “Criança no lixo nunca mais” do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) (JUNTA,

2005). Assim, após a pesquisa, a Prefeitura iniciou com um processo de cooptação de catadores e capacitação, oferecendo suporte para que estes formassem a cooperativa. A Prefeitura Municipal de Franca organizou um grupo 70 catadores e contribuiu com o espaço físico, os equipamentos e maquinários necessários, além de uniformes e equipamentos de segurança individual. Junta (2005) afirma que o processo de reuniões e discussões para formar a cooperativa durou cerca de quatro anos até a constituição da cooperativa, este processo foi acompanhado pela Secretaria de Assistência, tendo uma assistente social responsável.

Faz quinze anos que a cooperativa está em funcionamento e depois de sua formação ainda manteve uma parceria com a Pastoral do Menor e da Família, mesmo com todo o problema anterior de corrupção e sumiço de dinheiro, sendo que 25% do que a cooperativa recebia era encaminhado para Pastoral. Atualmente, a presidente da cooperativa parou de repassar o dinheiro a Pastoral e o rompimento com a parceria se encontra em trâmites judiciais.

Essa parceria é regulamentada pela Lei Municipal 6.323, de 27 de dezembro de 2004, alterada pela Lei 6.525, de 13 de março de 2006. A princípio, a parceria estabelecia a divisão de 50% para a Pastoral, depois passaram para 25%, além disso, a Pastoral se responsabilizava pela venda do material reciclável e tinha uma prensa maior da qual a cooperativa dependia. Os catadores não concordavam com essa parceria, como se vê pela pesquisa de 2013: em um dos relatos o entrevistado vê a Pastoral do Menor não como um parceiro, mas sim como um concorrente.

Para melhorar eu acho que nós tínhamos que ter uma prensa, um prensa de fardo de 500 kg, de material né. Cada fardo de 500 Kg, ter uma prensa boa né. Para nós competirmos com a Pastoral lá em baixo. Porque, do contrário, a gente não dá conta, aquelas “prensinhas” lá, não dá conta de fazer tudo o serviço.

E outro entrevistado completa:

E que tirasse esses vinte cinco por cento, porque nós vem trabalhar aqui porque nós precisa, e tira vinte cinco por cento para dá. Eu acho que quem trabalha aqui é, todo mundo, gente humilde, né. Vamos dizer pobre, não vou falar pra você que a gente tem alguma coisa, tem gente ali que depende disso aqui para comer.

Assim, por meio dessas falas, percebemos que os cooperados não gostavam de depender da Pastoral, pois dela dependiam da prensa grande e da venda do material. Também não concordavam que fossem subtraídos 25% do lucro para a Pastoral, retirados do montante que cada um recebe, o que representa uma quantia expressiva de dinheiro que, na

contabilidade final, faziam-lhes falta. A parceria com a Prefeitura Municipal de Franca e com a Pastoral do Menor deveria ajudar a emancipá-los economicamente, a cooperativa deveria ser responsável pela venda do material e deveria enxergar essas entidades como parceiras e não como concorrentes.

O terreno e a manutenção dos equipamentos são de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Franca. Esta, por meio de uma parceria com a empresa que recolhe o lixo no município, a Leão-leão, recolhe o material reciclável na cidade e também retira o rejeito, o que não é reciclável no final da esteira. A prefeitura também contribui com passes de ônibus dentro da cidade, com uniformes e equipamentos de segurança. A Prefeitura Municipal de Franca, no caso, ora tem uma postura de omissão, sobrecarregando, culpabilizando os trabalhadores da cooperativa, ora tem uma postura paternalista, clientelista, que reforça, ainda mais, a dependência da cooperativa.

Na cooperativa, o trabalhador deixa de ser empregado e passa a ser cooperado, este não tem salário, tem retirada, o lucro da cooperativa é dividido igualmente entre os cooperados. As decisões são tomadas coletivamente em assembleias: as ordinárias são para decisões do cotidiano da cooperativa, as extraordinárias são para outro tipo de decisões, como exemplo, para eleição de um novo presidente. Há uma diretoria que é constituída democraticamente, composta por seis pessoas que ocupam cargos de secretários, tesoureiros, presidente e vice-presidente. Para serem válidas, as assembleias têm que conter, no mínimo, metade dos cooperados mais um, também deve ser registrada no livro de Ata.

Outras peculiaridades da cooperativa são as sobras, constituídas pelo dinheiro que sobra das retiradas e da manutenção do empreendimento, ou este dinheiro é dividido entre eles ou vai para o Fundo Único da Cooperativa. As Cotas Partes seriam como um investimento em que cada trabalhador faz antes de entrar na cooperativa. O que regulamenta essas questões é o Estatuto Social, uma lei que organiza a cooperativa, explica sobre as eleições, os cargos da diretoria, como vai ser as retiradas. Outro documento importante é o Regimento Interno que regulamenta o funcionamento da cooperativa, o horário de entrada e de saída dos cooperados e outras questões internas.

Segundo dados obtidos por meio do Grupo de Extensão Democracia Econômica (GEDE), as retiradas da COOPERFRAN ocorrem quinzenalmente, esse valor se altera de acordo com o que a cooperativa produziu naquela quinzena, sendo em média R\$300,00 a R\$400,00 reais. Os cooperados trabalham oito horas diárias, com parada de uma hora para almoço, normalmente; pela localização afastada, os cooperados almoçam na própria cooperativa, sendo a única refeição dos mesmos. O refeitório, por ser pequeno, na hora de

almoço, não contempla a todos, sendo que alguns almoçam espalhados pela cooperativa. Os cooperados chegam às 5 horas da manhã, alguns vêm de outras cidades da região. Já outros vêm dos bairros com o ônibus circular. O ônibus da cidade só vai até a cooperativa em dois horários: às cinco horas para levar os cooperados e às dezessete horas para buscá-los.

A triagem de materiais ocorre posterior à coleta seletiva. A atividade dos cooperados é determinada pela chegada dos caminhões que trazem o material reciclável e despejam o material de 15 a 20 vezes por dia, com o auxílio de um guincho que passa pela esteira (mesa mecanizada), onde ocorre a separação do material. O material atrai ratos, urubus e cachorros; o cheiro é característico e forte, devido aos gases que o material reciclável produz. O teto do barracão não consegue cobrir todo material, sendo que, quando chove, este tem seu preço desvalorizado no mercado.

FOTO 1 - Foto da chegada do material reciclável na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN).



Fonte: Foto tirada por Bárbara Oliveira Rosa, em 2012.

FOTO 2 - Foto da chegada do material reciclável na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN)



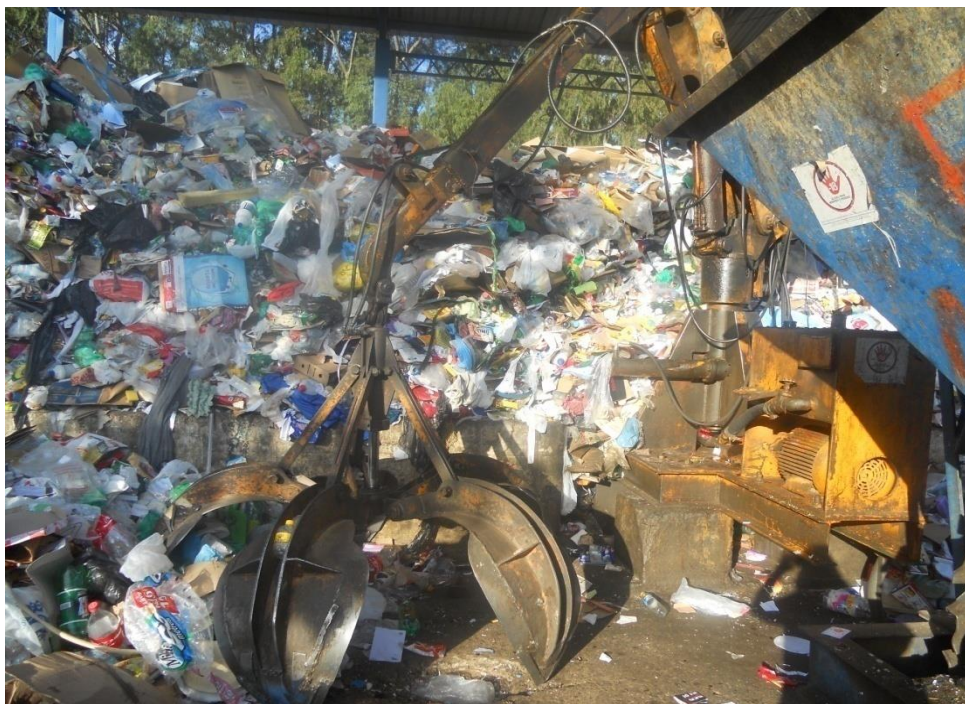
Fonte: Foto tirada por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

FOTO 3 - Foto do guincho na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN)



Fonte: Foto tirada por Bárbara Oliveira Rosa, em 2012.

FOTO 4 - Foto do guincho na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN)



Fonte: Foto tirada por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Os cooperados ficam em frente à esteira, uma esteira fordista, esta dita o tempo e o movimento dos mesmos. Cada trabalhador separa um tipo de material: o papel branco, papel colorido, o papelão, a caixa de leite, o plástico (sacos e sacolas), o jornal, a garrafa pet, a latinha, o vidro, o metal, o cobre, embalagens de óleo, plástico duro, plástico mole e o ferro.

Na esteira, só trabalham mulheres, uma, em cada lado da esteira, é responsável por um material, são responsáveis pela triagem, enquanto os homens ficam nos trabalhos considerados pesados como na prensa, manobrando o guincho e na alocação de fardos.

A divisão sexual do trabalho é considerada como um aspecto da divisão social do trabalho, e nela a dimensão opressão/dominação está fortemente contida. Essa divisão social e técnica do trabalho é acompanhada de uma hierarquia clara do ponto de vista das relações sexuais de poder. (HIRATA, 2002, p. 280).

Assim, por meio da observação do cotidiano e do processo de trabalho dos cooperados, podemos perceber que a mulher fica responsável pelas atividades consideradas mais leves, que é a esteira, que não precisa de esforço físico. Porém, esta acaba cumprindo uma atividade monótona, repetitiva e estressante que é separar os tipos de materiais na esteira, exigindo da cooperada habilidade manuais e agilidade para acompanhar o ritmo da máquina.

Wirth (2013, p. 169), em seu estudo, mostra a divisão sexual do trabalho em duas cooperativas, mostrando a naturalização da divisão sexual de tarefas nas cooperativas de reciclagem:

Os trabalhos considerados pesados, que demandam grande força física concentrada e nos quais se utilizam maquinário, como a alimentação das mesas de triagem, a prensagem, o manejo dos fardos no estoque e o carregamento de caminhão, são considerados masculinos nos dois empreendimentos. O trabalho da triagem, descrito como uma função que demanda atenção, capricho, habilidades manuais finas como tato e agilidade é, e sempre foi, majoritariamente feminino nas duas cooperativas.

O fato de os homens serem responsáveis pelo maquinário se justifica por demandar maior força física, assim, Wirth (2013) nos traz reflexões sobre os homens serem estimulados a se desenvolver fisicamente, além do fato de a tecnologia não ser projetada para as mulheres, “O equipamento mecânico geralmente é produzido e montado de um modo que o torna muito grande e pesado para ser utilizado por uma mulher comum.” (WAJCMAN, 1998, p. 255 apud WIRTH, 2013, p. 170).

FOTO 5 - Foto da esteira, onde ocorre a separação dos materiais recicláveis na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN)



Fonte: Foto tirada por Bárbara Oliveira Rosa, em 2012.

FOTO 6 - Foto da esteira, onde ocorre a separação dos materiais recicláveis na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN)



Fonte: Foto tirada por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Depois de separados, esses materiais são prensados. A cooperativa possui pequenas prensas e conta com a prensa grande que pertence a Pastoral. Depois de prensados, os materiais são vendidos para intermediários.

O trabalho realizado pela associação de catadores e cooperativas, como a coleta e a triagem é, em geral, absorvido pelos elos da cadeia produtiva posicionados acima dessas organizações. Após a separação por tipo (plástico, papelão, vidro, alumínio, etc), os materiais são vendidos para atravessadores e sucateiros, que são intermediários entre as organizações populares (ou catadores individuais) e as indústrias recicladoras. Os preços praticados obedecem a padrões internacionais e são “ditados pela Bolsa de Valores de Londres”. (MNCR, 2009, p. 55 apud WIRTH, 2013, p. 98).

FOTO 7 - Foto dos “bags”, material prensado para a venda, na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN)



Fonte: Foto tirada por Bárbara Oliveira Rosa, em 2012.

FOTO 8 - Foto dos “bags”, material prensado para a venda, na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPERFRAN)



Fonte: Foto tirada Por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Como vimos no capítulo anterior, as principais legislações promovem a reciclagem, incentivam o Município a fomentar cooperativas de catadores, além de propor a participação social dos catadores por meio de trabalho em associações e cooperativas. Porém, as políticas públicas se constituem de maneira contraditória, como observamos na cooperativa COOPERFRAN. Ao mesmo tempo em que gera empregos e utiliza a reciclagem como uma alternativa para a problemática do lixo, acaba sendo um espaço em que os catadores fazem um trabalho de responsabilidade pública, sem direitos trabalhistas, expostos a doenças, no qual se atende mais o interesse público que o interesse do coletivo.

Há duas legislações que regulamentam a cooperativa COOPERFRAN: o Estatuto Social, uma lei que organiza a cooperativa, explica sobre as eleições, os cargos da diretoria, como vai ser as retiradas; outro documento importante é o Regimento Interno que regula o funcionamento da cooperativa, o horário de entrada e de saída dos cooperados e outras questões internas.

Na legislação e por meio da observação, percebemos a invisibilidade da cooperativa para o poder público, além de outras questões, como uma distorção entre o “Estatuto Social” e a “Cooperativa Real”. No “Estatuto Social”, o Fundo Único tem valores altíssimos, que seriam uma reserva da cooperativa, o que se torna um agravante, pois a cooperativa nunca consegue ter este fundo, porque os cooperados conseguem tirar apenas seus salários.

Outro ponto é a cota parte, um trabalhador que começa a trabalhar na cooperativa, não tem o dinheiro da cota parte para poder entrar no empreendimento, por isso, este é regularizado posteriormente ou parcelado, como vemos, no anexo, o Estatuto Social da Cooperativa de Trabalho de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região.

Os catadores ficam expostos a doenças, sem direitos trabalhistas (porque é uma cooperativa), além de terem que contribuir, por conta própria, ao Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, fato que está acontecendo recentemente na cooperativa.

2.4 Dados sobre a cooperativa de catadores COOPERFRAN

De acordo com a pesquisa realizada em 2015, com todos os 28 cooperados, o tempo, em que os catadores estão trabalhando na cooperativa, varia em:

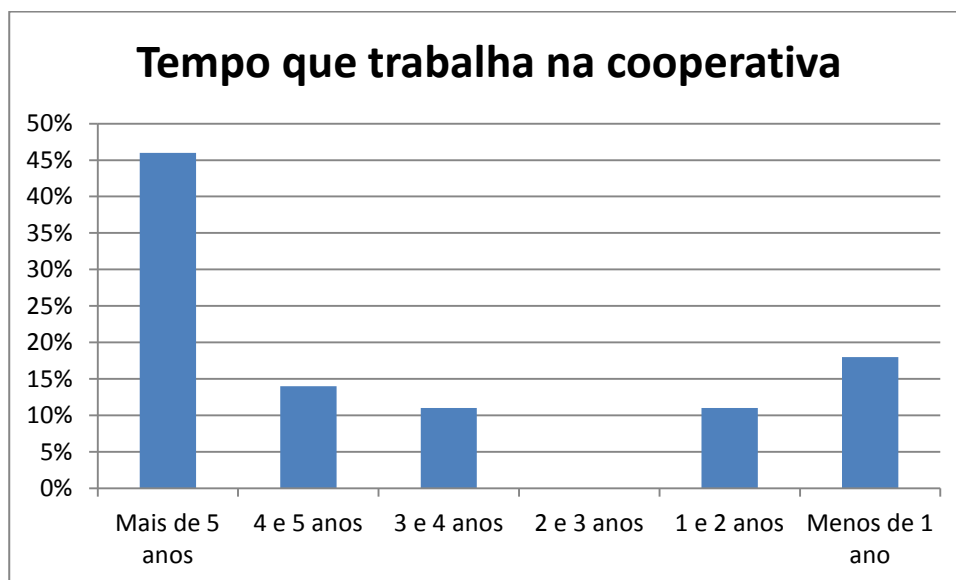
QUADRO 1 – Tempo que trabalha na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015

Porcentagem (%)	Tempo de serviço
46	mais de cinco anos
14	entre 4 e 5 anos
11	entre 3 e 4 anos
11	entre 1 e 2 anos
18	menos de um ano

Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Assim, segundo a pesquisa de 2015, a maioria dos cooperados está neste trabalho a mais de cinco anos e 75% deles dizem que pretendem continuar trabalhando com materiais recicláveis, sendo que apenas 25% responderam que pretendem trabalhar com materiais recicláveis até conseguirem outro emprego.

GRÁFICO 1 - Tempo de trabalho na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015

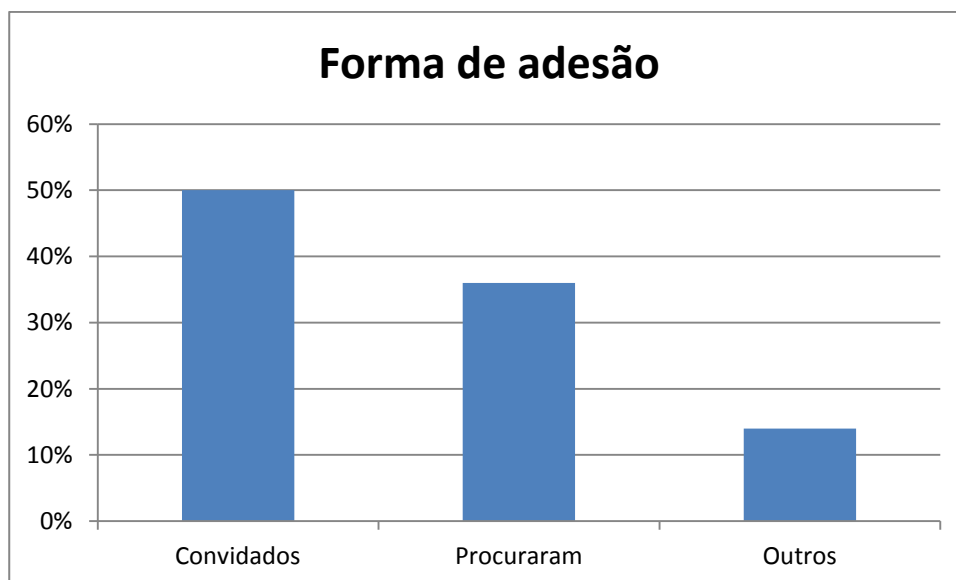


Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Sobre a adesão na cooperativa, 50% dos catadores responderam que foram convidados a participarem da COOPERFRAN, 36% procuram a cooperativa e 14% alegaram outras formas, que vão de indicação de parentes até mesmo de um vereador da cidade. Por meio destes dados, percebemos que, por não ter sido uma iniciativa dos próprios catadores a criação

da COOPERFRAN, e sim eles terem sido convidados a participarem, isso traz a eles um sentimento de não pertencimento/envolvimento com as questões da cooperativa.

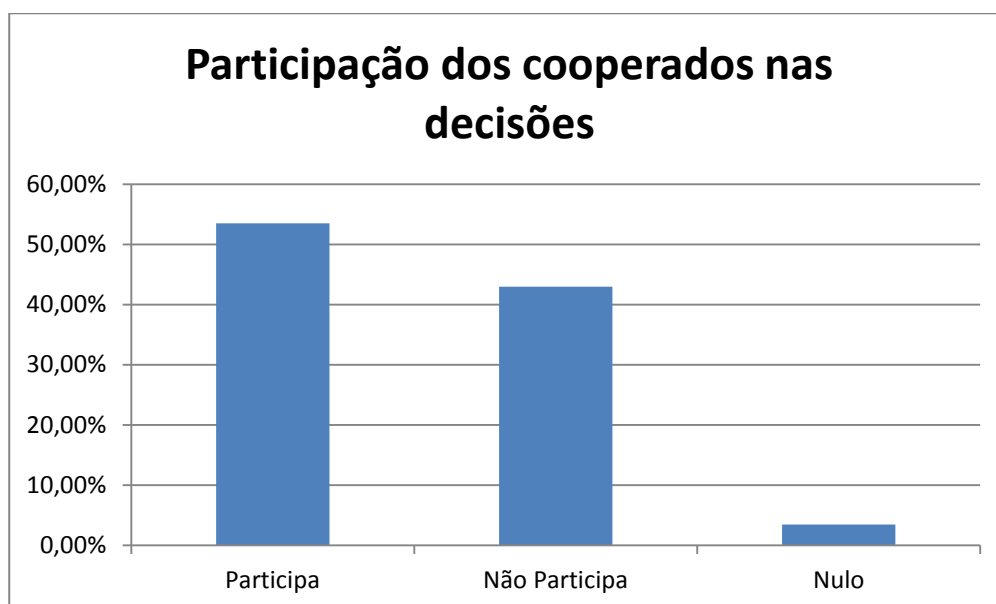
GRÁFICO 2 - Forma de adesão à cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Sobre a participação dos cooperados nas decisões da COOPERFRAN, 53,5% dos catadores alegaram que participam e dão opiniões, 43% alegaram que não dão opiniões e nem participam, sendo que 3,5% não quiseram responder. As pessoas, que alegaram a não participação, disseram que não eram da “chapa”, ou do administrativo, justificando que estas participam mais.

GRÁFICO 3 - Participação dos cooperados nas decisões da cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Há divergência nas visões dos cooperados em relação à própria cooperativa, como vemos na pesquisa de 2013, quando questionamos sobre a diferença do trabalho anterior e o trabalho na cooperativa, um entrevistado respondeu que não há diferença em ser cooperado e empregado, já outro responde que é melhor ser cooperado. Como vemos respectivamente:

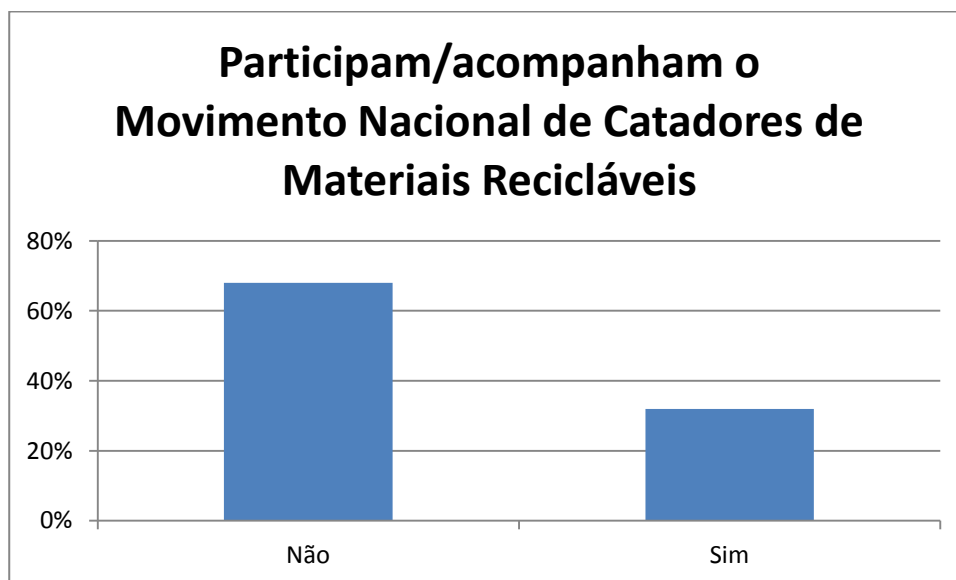
Doméstica e roça. A eu acho a mesma coisa, doméstica e trabalha aqui um serviço só.

Era faxineira, agora nós somos, em vez de empregados, nós somos patrão, dono do próprio negócio.

A partir dessas respostas, percebemos que nem todos os cooperados se enxergam donos do empreendimento. Na primeira resposta, por exemplo, a entrevistada demonstra que a exploração de um trabalho assalariado doméstico ou de uma cooperativa se constata da mesma forma. Já a segunda resposta assevera que este cooperado se enxerga dono da cooperativa, sentindo-se parte da gestão do empreendimento.

Outra questão é a não participação e acompanhamento do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, ou seja, 68% deles alegam não ter incentivo, nem tempo e oportunidades para participar, alguns disseram não terem informação e nem conhecerem o movimento, sendo que apenas 32% responderam que acompanham/participam do movimento.

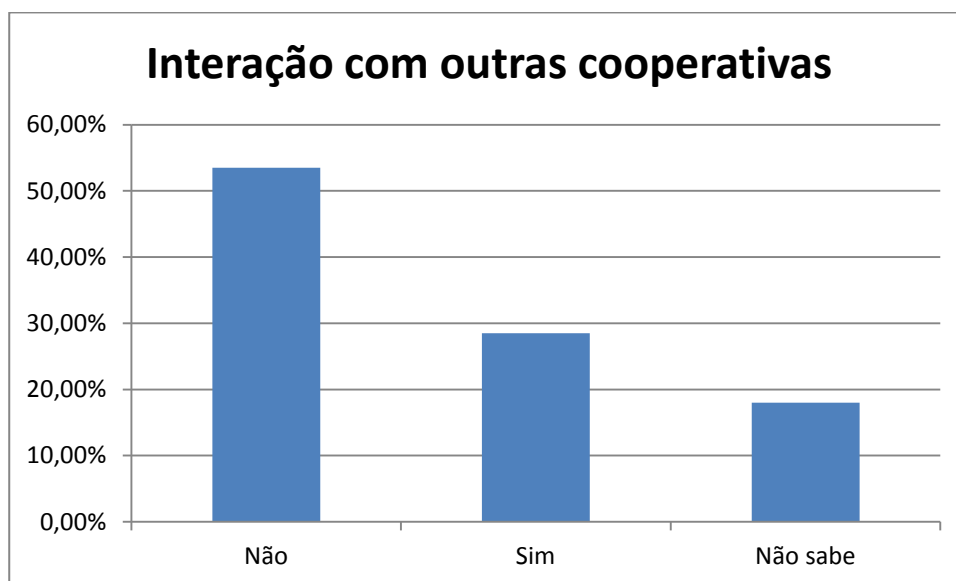
GRÁFICO 4 - Os trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN participam/acompanham o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, pesquisa realizada em 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Quando perguntamos se a cooperativa interage com outras, 53,5% disseram que não, 28,5% disseram que sim, 18% não sabiam, mostrando que esse sentimento de não pertencimento ultrapassa “os muros da cooperativa”.

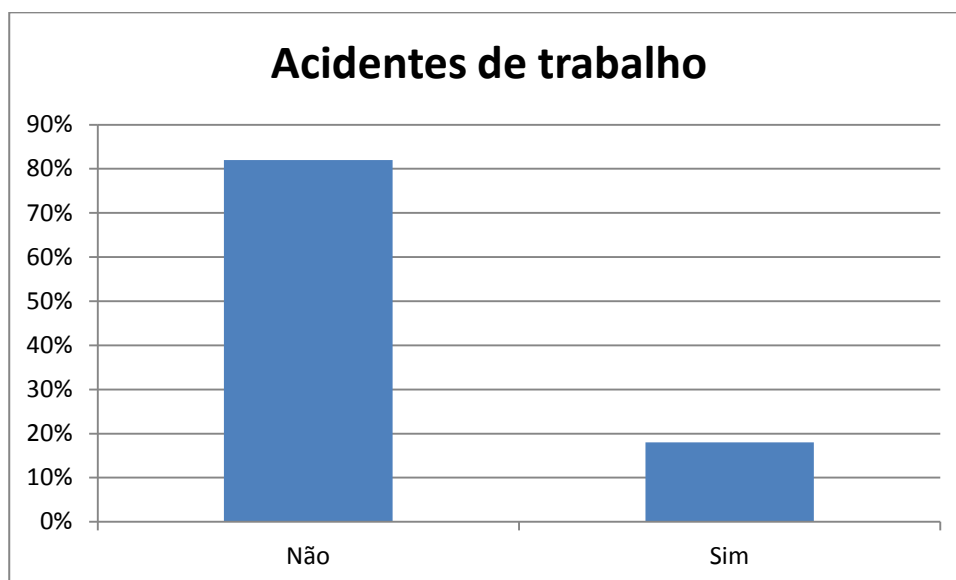
GRÁFICO 5 - A cooperativa COOPERFRAN interage com outras cooperativas, pesquisa realizada em 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Por meio das entrevistas, observamos que, na cooperativa COOPERFRAN, é constante a possibilidade de os catadores serem picados por insetos e mordidos por animais, além de terem o contato, pela pele, com substâncias químicas e tóxicas, com lixo hospitalar e restos de animais mortos que passam na esteira, sendo que, durante as entrevistas de 2013, um dos cooperados foi picado por um escorpião, sendo levado ao pronto socorro da cidade. E, na entrevista de 2014, um dos cooperados teve sua perna cortada por um vidro durante a triagem na esteira. Porém, quando perguntamos se eles já sofreram algum acidente de trabalho, a maioria disse que não, 82%, sendo que, os dois casos relatados anteriormente, não foram considerados acidentes de trabalho pelos catadores, por isso apenas 18% disseram sim.

GRÁFICO 6 - Acidentes de trabalho na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015



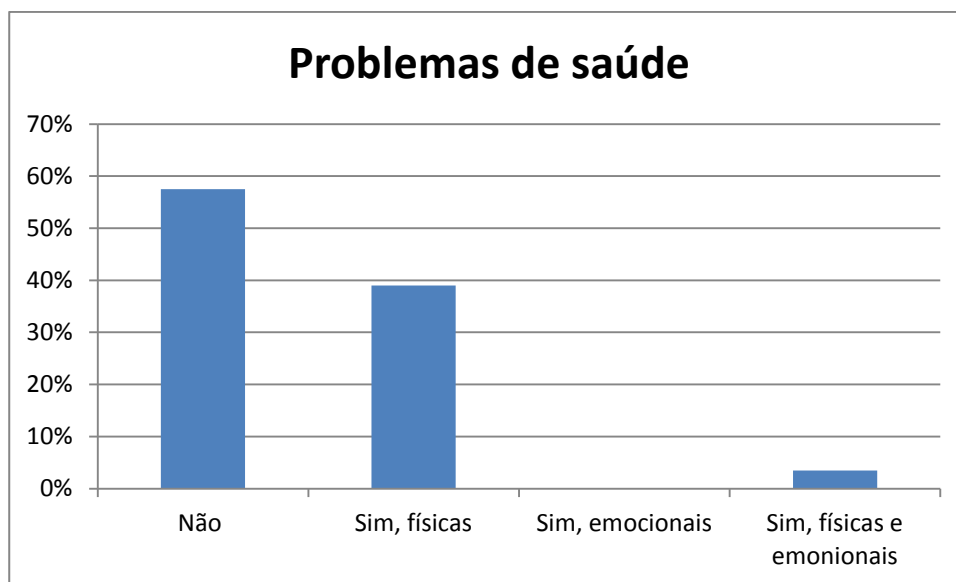
Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Assim, observamos que um meio de o próprio capital encobrir a exploração é dificultando a identificação do que é acidente de trabalho, sendo que, os únicos que responderam sim, foram casos muito graves como: mão presa na esteira, atropelamento, a ruptura de uma parte do corpo ou corte profundo na mão, no braço ou na perna.

O lixo “[...] funcionando como abrigo e local propício à proliferação de animais, pode se configurar como uma importante via de transmissão de doenças como peste bubônica, tifo, leptospirose, salmonelose, febre amarela, malária, dengue, leishmaniose.” (RODRIGUES apud JUNCÁ, 2004, p. 14). Quando a pergunta se direcionou a problemas de saúde, a maioria (57,5%,) respondeu não ter problemas de saúde. Outros 39% alegaram ter doenças físicas,

mas nenhum afirmou ter doenças emocionais, embora 3,5% alegaram ter doenças físicas e emocionais.

GRÁFICO 7 - Problemas de saúde dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015

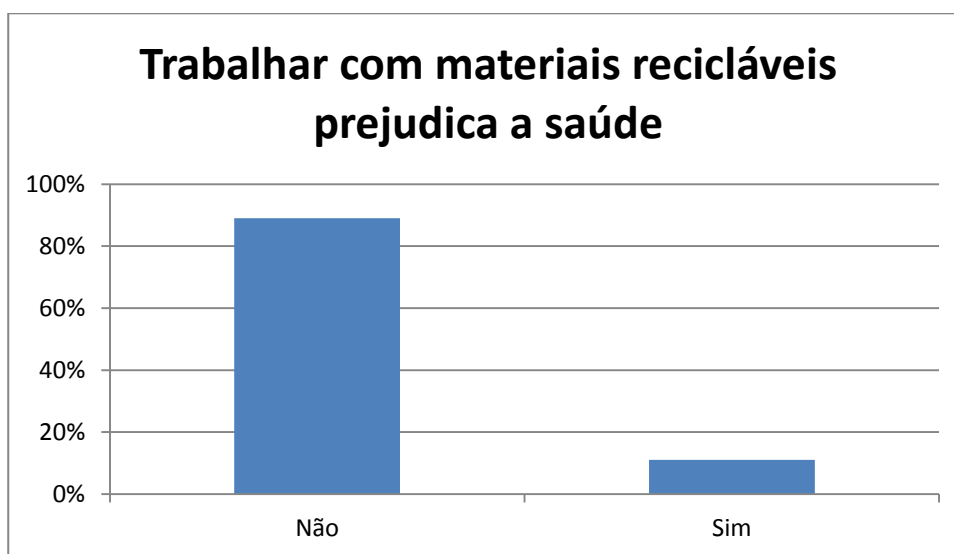


Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Quando questionamos se essas doenças decorriam do fato de trabalhar com materiais recicláveis, 96,5% atestaram não e 3,5% afirmaram que não sabiam. Porém, quando abordamos sobre as doenças, como dores nas pernas e na coluna, vemos que elas podem ser relacionadas ao tipo de trabalho sim, já que a posição dos catadores podem causar dores, além de o fato de ficarem o dia inteiro de pé.

Segundo Cavalcante (2007), os catadores ficam expostos à contaminação de materiais perfuro-cortantes, animais mortos e lixo hospitalar. Porém, eles não acham que, trabalhar com materiais recicláveis, pode ser prejudicial à saúde, sendo que 89% responderam que o trabalho com materiais recicláveis não prejudica a saúde e apenas 11% confirmaram isso.

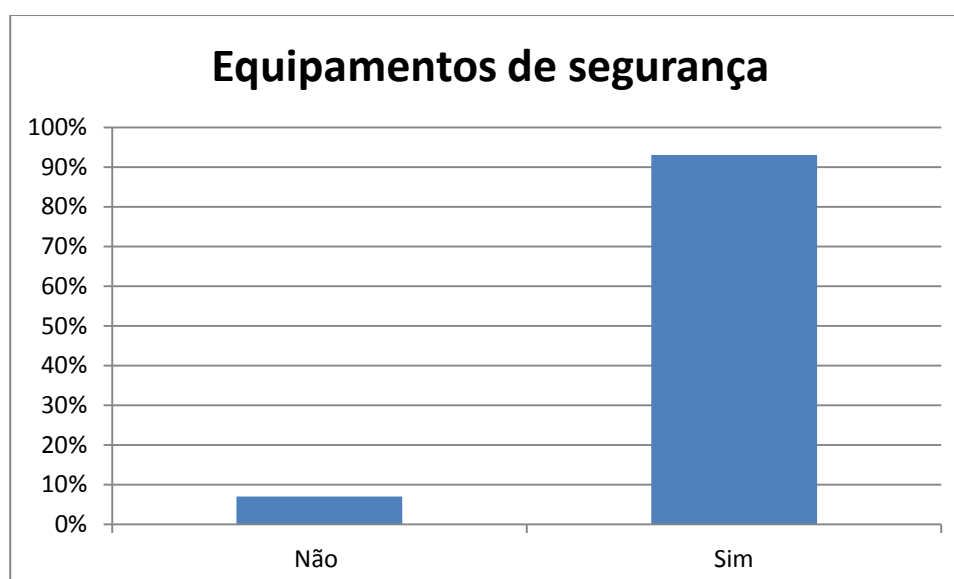
GRÁFIO 8 – O trabalho com materiais recicláveis na cooperativa COOPERFRAN prejudica a saúde dos trabalhadores, pesquisa realizada em 2015.



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Assim, a saúde perpassa o visível e o invisível, como a insalubridade e periculosidade do trabalho, é como se os catadores negassem os riscos, como meio de continuar trabalhando, mesmos com as dificuldades. Sobre o uso de equipamentos de segurança, 93% responderam que usam equipamentos e apenas 7% responderam que não usam. No entanto, o único equipamento que apareceu em todas as respostas foram as luvas.

GRÁFICO 9 - Equipamentos de segurança na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015

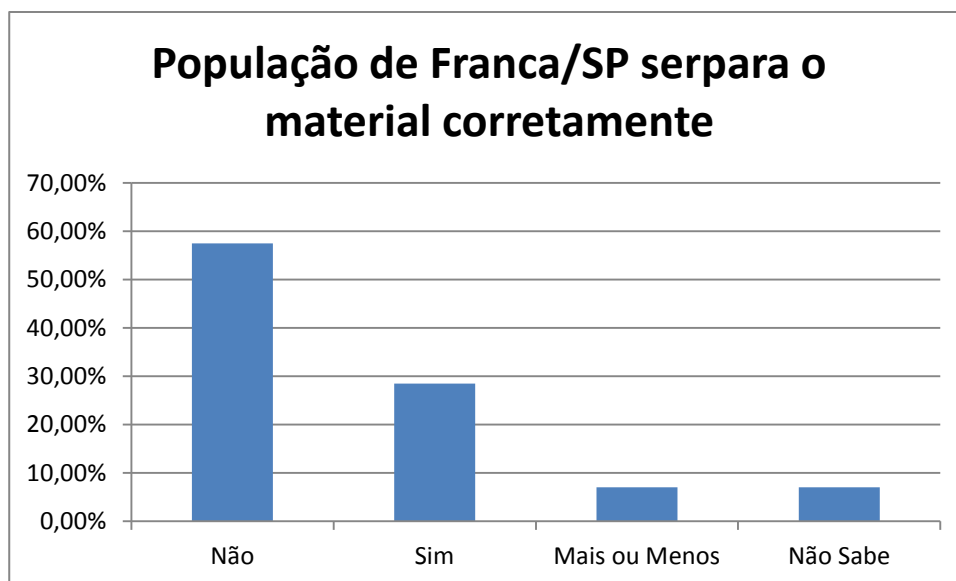


Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Além dessas questões, o que mais os cooperados reclamam é a falta de conscientização da população, sobre o fato de, junto aos materiais recicláveis, virem misturados resíduos orgânicos, como nos mostra o relato de um catador, “[...] vem gato, vem bicho, vem bosta, a gente pega tudo aqui.” (COCKELL et al., 2004, p. 22). Assim, com a pergunta: o que já encontrou de perigoso junto ao material reciclável?, a maioria respondeu: material hospitalar e vidro, sendo que, depois desses, tiveram as mais variadas respostas, como: faca, material inflamável, agrotóxico, produto químico, animal morto, lâmpadas e lixo industrial.

A separação incorreta do lixo, feita pela população de Franca /SP, confirma os dados acima. Os resultados obtidos foram: 28,5% separam assertivamente; 57,5% não; 7% de modo regular; 7% não souberam responder.

GRÁFICO 10 - População de Franca/SP separa o material corretamente na perspectiva dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Os riscos do trabalho dos catadores são os mais variáveis como: materiais recicláveis sujos, a mistura de materiais não recicláveis, materiais cortantes, movimentos repetidos, ficar em pé o dia inteiro, contaminação com produtos tóxicos ou químicos, uma infraestrutura inadequada (não cobre todo material reciclável, deixando o mesmo molhar; refeitório pequeno em relação ao número de cooperados; entre outros), animais no ambiente de trabalho (baratas, ratos, etc).

Outro problema é o modo de organização do trabalho, que se constitui no ritmo da esteira. Assim, a produção é por quantidade de material que o cooperado consegue separar, ou seja, quanto mais trabalha mais ganha. Consequentemente, a produção se constitui pela exploração do trabalhador, prejudicando sua saúde. Ao mesmo tempo em que os catadores são trabalhadores, eles são donos da cooperativa, assim, eles se tornam donos da sua própria exploração, o que dificulta a possibilidade de atingir uma consciência de classe e agrava a situação da saúde do mesmo.

A cooperativa de reciclagem se torna uma “indústria de subsistência”, apesar de a reciclagem ser um trabalho do século XXI, um trabalho moderno, esta se torna arcaico nas condições precárias em que se desenvolve, como o risco à saúde, como exposição a doenças, a falta de direitos trabalhistas: o trabalho na cooperativa se torna análogo à escravidão, sem direito a férias, décimo terceiro e demais direitos.

Assim, as cooperativas deveriam ser um meio de o trabalhador ter acesso aos meios de produção e não serem mais um meio de exploração da classe trabalhadora. Contudo, as cooperativas se tornam um meio de trabalho penoso para o trabalhador. Segundo Luxemburgo (1970), as cooperativas não estão alheias ao sistema capitalista, por isso, seria mais uma reforma do próprio capital para manutenção da ordem e, por esse motivo, as cooperativas se corrompem, sendo um meio de os trabalhadores se autoexplorarem “[...] com toda a autoridade absoluta necessária e de os seus elementos empenharem entre si o papel de empresários capitalistas.” (LUXEMBURGO, 1970, p. 78).

Mas – é aqui que reside o maior segredo atual do capital -, ao mesmo tempo em que ampliam os mais diversos modos de ser do trabalho informal e precarizado ampliação das novas formas geradoras do valor, ainda que sobre aparência do não valor, utilizando-se de novo e velhos mecanismos de intensificação da mais-valia, absoluta e relativa, que frequentemente camuflam mecanismos de auto-exploração do trabalho. O “cooperativismo”, o “empreendedorismo”, o “trabalho voluntário” para lembrar alguns exemplos são modalidades desse tipo de trabalho mascarado ou mesmo invisibilizado. Dado que a informalidade se verifica quando há ruptura com os laços formais de contratação e regulação da força de trabalho, pode-se acrescentar que a informalidade é a porta de entrada para a condição de maior precariedade, visto que em sua vigência ocorrem formas de trabalho frequentemente desprovidos ou burlados em seus direitos. (ANTUNES, 2013, p. 22 -23).

CAPÍTULO 3 REFLEXÕES DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS SOBRE O MEIO AMBIENTE

*“Eu não sou como vocês, que são apenas robôs sanguíneos”.
Estamira (catadora de materiais recicláveis)*

3.1 Vivendo e vendo: Qual o sentido do nosso trabalho?

Para compreender o sentido do trabalho dos catadores, fizemos uma combinação de perguntas como: Sente satisfação no que faz? Qual a melhor coisa do seu trabalho? Qual a pior coisa do seu trabalho? Todavia, para além das perguntas, utilizamos o instrumental de fotografias, no qual câmeras fotográficas foram emprestadas aos sujeitos pesquisados e estes tiraram fotos de seu cotidiano de trabalho. Cada catador escolheu algumas fotos, isso contribuiu para compreender a realidade dos catadores, o que eles pensam e o modo como eles significam o seu trabalho.

Eu precisava de um instrumento metodológico que permitisse ao grupo expressar sua percepção da realidade, seus sentimentos múltiplos a respeito dessa realidade, de si mesmo e da sociedade mais ampla. Isso devia ser feito da forma mais espontânea possível, sem a sensação de se estar revelando um segredo. (ARAÚJO, 1997, p. 101-102).

Na primeira fotografia, tivemos a imagem do material reciclável. A justificativa dela foi que ele era um dos principais fatores para que ocorresse o trabalho. E depois, ao longo da pesquisa, apareceram mais onze fotos do material reciclável. Alguns cooperados tiraram fotos bem de perto do material, mostrando os produtos que se tinha ali como plástico, papel. Já outros captaram bem de longe como nos mostra a segunda foto, evidenciando quase que o empreendimento como um todo.

FOTO 9 - 1º Material Reciclável



Fonte: Foto tirada pelo entrevistado, em 2015.

FOTO 10 - 2º Material Reciclável



Fonte: Foto tirada pelo entrevistado, em 2015.

FOTO 11 - 3º Material Reciclável

Fonte: Foto tirada pelo entrevistado, em 2015.

A foto revela valores éticos e estéticos de quem fotografa, valores esses elaborados a partir de uma cultura e que refletem a retórica de uma época. Assim, a construção da imagem fotográfica implica numa compreensão-interpretação-transformação da realidade, pautada sobre os signos de uma cultura. (ARAÚJO, 1997, p. 106).

“A fotografia não pode ser pensada como um documento que vale por si próprio, neutro, isento de manipulação.” (KOSSOY, 2007, p. 46). Assim, segundo Kossoy (2007), a fotografia tem uma intencionalidade, não podendo ser neutra. Ela passa uma ideologia, um significado, cria uma realidade. Ao rever as fotografias, um dos catadores relatou: “Nossa, só tem lixo nessas fotos e a gente não aparece?”. Nessa fala vemos que o sistema capitalista é corrosivo aos valores humanos, não é só a mídia e a ideologia burguesa que exalta o somente o lixo, valoriza o meio ambiente e não percebe o trabalho do catador, mas o próprio catador só vê o lixo.

Sete catadores privilegiaram a esteira, local onde se concentra a maioria dos trabalhadores da COOPERFRAN, a justificativa é que a esteira era o mais importante do trabalho, visto que ela comandava o processo de produção.

FOTO 12 - 1º Esteira



Fonte: Foto tirada pelo entrevistado, em 2015.

FOTO 13 - 2º Esteira



Fonte: Foto tirada pelo entrevistado, em 2015.

A opção dos catadores de tirarem foto da esteira, sendo a segunda parte da cooperativa que mais foi representada nas fotografias, abre espaço para a reflexão do processo de transformação do material reciclável, entretanto, para além, nos faz refletir sobre a máquina, a importância da tecnologia, do modo de como que se organiza o trabalho. A maior valorização da esteira, da máquina, do que das pessoas, nos faz refletir sobre como o homem se transformou em apenas um apêndice da máquina, do sistema.

Interessante destacar que apenas uma cooperada retratou a esteira de baixo para cima, mostrando outro ângulo de visão:

FOTO 14 - 3º Esteira



Fonte: Foto tirada pelo entrevistado, em 2015.

Mesmo sendo um trabalho precário, sem reconhecimento, alienado, os trabalhadores sentem satisfação com o trabalho que realizam, na entrevista 93% afirmaram que sente satisfação; apenas 3,5% não sente e 3,5% disseram mais ou menos.

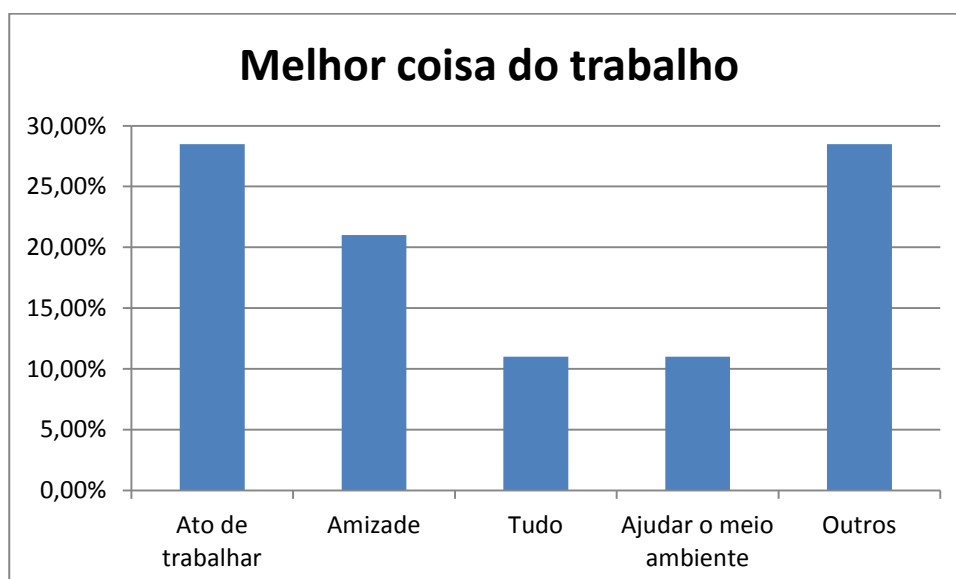
GRÁFICO 11 - Satisfação com o trabalho na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Quando perguntei qual é a melhor coisa do seu trabalho, 28,5% responderam que é o próprio trabalho, o ato de trabalhar; 21% disseram ser a amizade, as pessoas; 11% afirmaram que é tudo; 11% evidenciaram o fato de estarem ajudando o meio ambiente, contribuindo com a natureza e a reciclagem; 28,5% deram as mais variadas respostas como: pelo pagamento, trabalhar ao ar livre, trabalhar com máquinas, etc.

GRÁFICO 12 - Melhor coisa do trabalho na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Portanto, percebemos que a cooperativa possibilitou a construção da identidade de trabalhador, pois a maioria afirmou que a melhor coisa do trabalho é poder trabalhar, como nos revela a fala de alguns cooperados na entrevista realizada em 2013, falando o que mudou depois que ele entrou na cooperativa:

Ah pra mim mudou porque, antes, eu não conseguia arranjar emprego, arrumei na cooperativa, e firmei na cooperativa, to até hoje.

Eu trabalho, ganho meu dinheiro, compro minhas coisas, pra mim. Sou independente. Gosto de ser independente. Não gosto de depender de ninguém.

Ser catador de materiais recicláveis não foi uma escolha e sim uma necessidade, por falta de emprego, gerado pela idade, por falta de estudos ou por preconceitos advindos do gênero/raça que os levaram até a este trabalho. Mas, mesmo não sendo um trabalho escolhido e sim imposto, os catadores o valorizam, pois este trabalho, por mais precário que seja, vai garantir a sua sobrevivência e a de sua família.

O sujeito recupera sua dignidade quando trabalha sua autoestima e o status de trabalhador. Este é central nessa sociabilidade, é uma utilidade social. Quando perguntamos: qual o significado do trabalho para os cooperados, respondem que o trabalho é tudo na vida deles, respectivamente:

Tudo. Você faz amizade, você distrai a cabeça, não fica pensando só na “bobageira” e você acaba ajudando as pessoas lá fora.

Tudo né. Meu trabalho é tudo. Tudo de que a gente precisa, necessita, é muito bom. Eu gosto de trabalhar aqui.

Tudo, né. Porque, sem o trabalho a gente não tem dinheiro e sem o dinheiro, você precisa compra o remédio. Ainda mais, no meu caso, que eu preciso toma vários medicamentos, eu tenho, é tudo para mim, daqui é o que eu tiro meu sustento, o dinheiro que eu compro meu remédio, os remédios meus, que eu tomo. Pra mim é importante, tem muita importância.

Um dos cooperados complementa sua resposta dizendo “trabalho é honestidade, dignidade, tudo de bom na minha vida”, demonstrando o valor moral do trabalho. A pessoa, que se sustenta com o esforço de sua atividade, orgulha-se disso, por meio do trabalho, os cooperados se sentem dignos.

Além disso, a cooperativa é um espaço de convivência, mostrando que o trabalho é primordial para desenvolver o ser social, aquele que interage com o meio ambiente e com outros sujeitos. Como vemos na foto, na qual a cooperada disse que o mais importante da cooperativa são as pessoas:

FOTO 15 - Pessoas

Fonte: Foto tirada pelo entrevistado, em 2015.

Apenas uma pessoa fotografou os trabalhadores, os colegas de trabalho, mostrando que é próprio do modo de produção capitalista, esconder e omitir a importância dos trabalhadores, tratando-os como apenas “peças descartáveis”.

Dois dos catadores tiraram fotos dos fardos de recicláveis prontos para ser vendidos e da prensa que faz os fardos.

FOTO 16 - “Bags”

Fonte: Foto tirada pelo entrevistado, em 2015.

FOTO 17 - Prensa

Fonte: Foto tirada pelo entrevistado, em 2015.

As fotos sobre os “fardos” nos fazem perceber que apenas dois cooperados visualizam o produto final do seu trabalho, sendo que os outros, frutos do próprio modo de organização fordista/taylorista, apenas veem a esteira, o processo de trabalho, ou a matéria-prima, o material reciclável ou, como vemos na última foto, a prensa, a máquina.

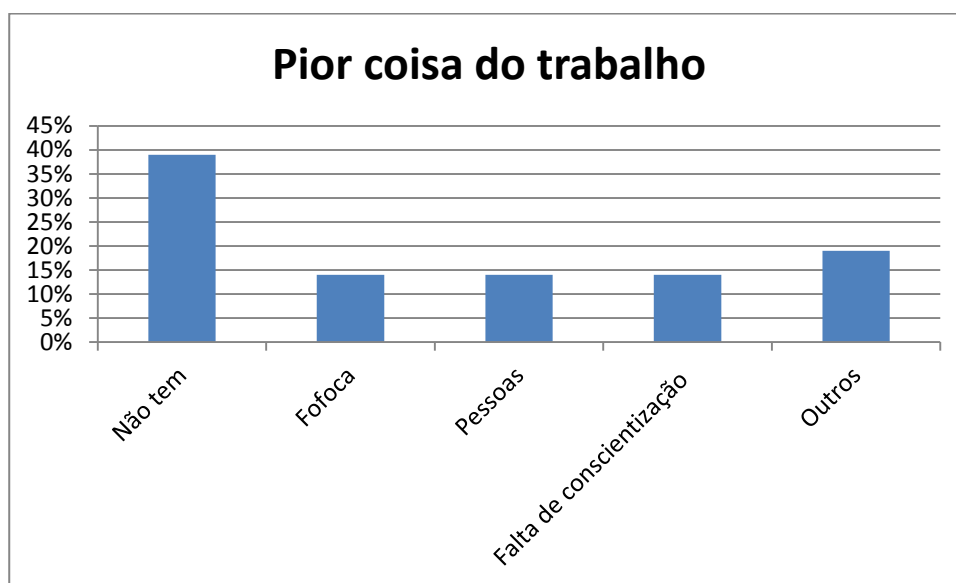
Outros dois catadores fotografaram o “ar livre”, as árvores da cooperativa, como meio de mostrar o lado positivo do ambiente de trabalho. Porém, pode ser, também, um jeito de negar o material reciclável, que é sujo e atrai animais, como uma maneira de negar a experiência de trabalho de que se vive.

FOTO 18 - Ar livre

Fonte: Foto tirada pelo entrevistado, em 2015.

Quando questionamos o que é a pior coisa do seu trabalho, 39% não apontaram nada que desabonasse o trabalho; 14% afirmaram ser a fofoca; 14% disseram ser as pessoas; 14% evidenciaram ser a falta de conscientização, o que contribui para inclusão de materiais não recicláveis na esteira; 19% deram as mais variadas respostas como: sol, salário, falta de oportunidade, etc.

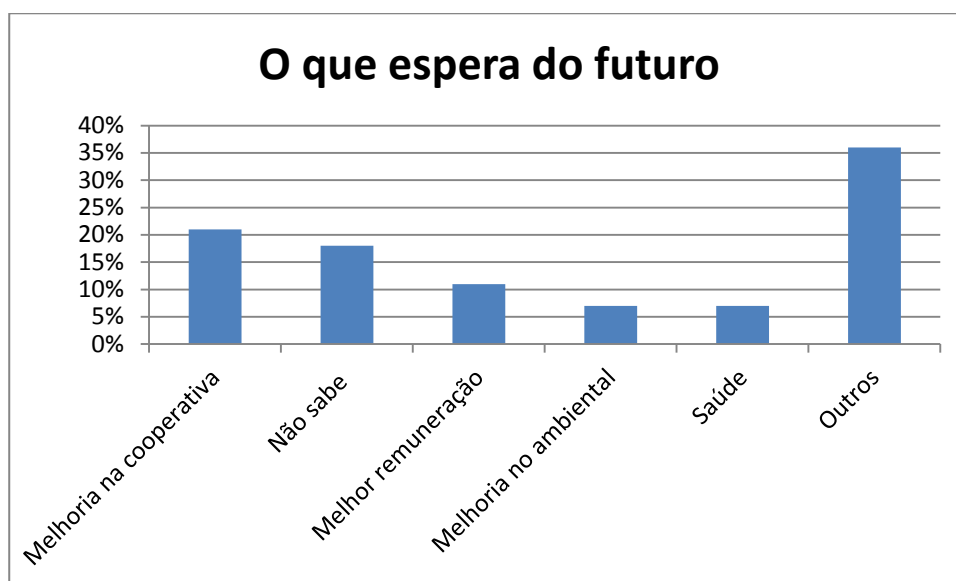
GRÁFICO 13 - Pior coisa do trabalho na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

Apesar de os cooperados falarem que não têm coisas ruins no trabalho deles, quando perguntamos o que eles esperam do futuro, 21% declararam que a cooperativa precisa de melhorias e 11% melhor remuneração. Além de outras respostas, como: 18% não sabia responder; 7% melhoria na questão ambiental; 7% saúde e 36% responderam as coisas mais variadas como: casa própria, registro na carteira, aposentadoria, um futuro mais humanizado, a morte, nada, etc.

GRÁFICO 14 - O que os trabalhadores esperam do futuro na cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada em 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2015.

As fotografias foram reveladas e levadas, em duas cartolinas, para realização de um estudo focal na COOPERFRAN. Alguns cooperados viram e discutiram sobre as fotos na própria esteira, local em que realizam seu trabalho, e outros no pátio e no refeitório da cooperativa, na hora do almoço, em pequenos grupos. Os catadores visualizaram as fotografias e opinaram sobre elas, falando o que eles queriam mostrar com as mesmas.

Porém, a discussão das fotografias contou com alguns problemas. Primeiramente, foi impossível retirar os catadores da esteira, só foi autorizado pela presidência da cooperativa, se ausentasse um cooperado por vez. Como as entrevistas já tinham abordado os catadores individualmente, preferimos abordá-los na própria esteira e privilegiar a discussão em grupo, sem prejudicar o dia-a-dia de trabalho dos mesmos.

Cada pequeno grupo, de quatro pessoas, enquanto trabalhava na esteira, olhava as fotografias e comentava sobre elas, entretanto o barulho da esteira impossibilitou a gravação daquelas discussões. Além disso, os cooperados tiveram que distribuir sua atenção entre o trabalho e as fotografias.

FOTO 19 - Estudo focal na Esteira



Fonte: Foto tirada pela autora, em 2015.

Na fotografia acima, a cooperada trabalha e, ao mesmo tempo, olha a cartolina com as fotos. Outro mecanismo metodológico que utilizamos foi propor a discussão na hora do almoço, conseguindo que alguns cooperados olhassem as fotografias nesse meio tempo, contudo foi algo que ocorreu rapidamente para não atrapalhar os mesmos.

FOTO 20 - Estudo focal no pátio



Fonte: Foto tirada pela autora, em 2015.

FOTO 21 - Estudo focal na hora do almoço

Fonte: Foto tirada pelo entrevistado, em 2015.

Apesar das problemáticas, a maioria dos catadores disse que as fotos ficaram boas e que representavam o trabalho deles. Nós colocamos o nome de cada pessoa que tirou a fotografia em frete à foto na cartolina, alguns cooperados nem lembravam que as tinham tirado. Por fim, com ajuda dos catadores, fixamos as cartolinas no refeitório, já que uma das catadoras pediu para ficar com as fotografias.

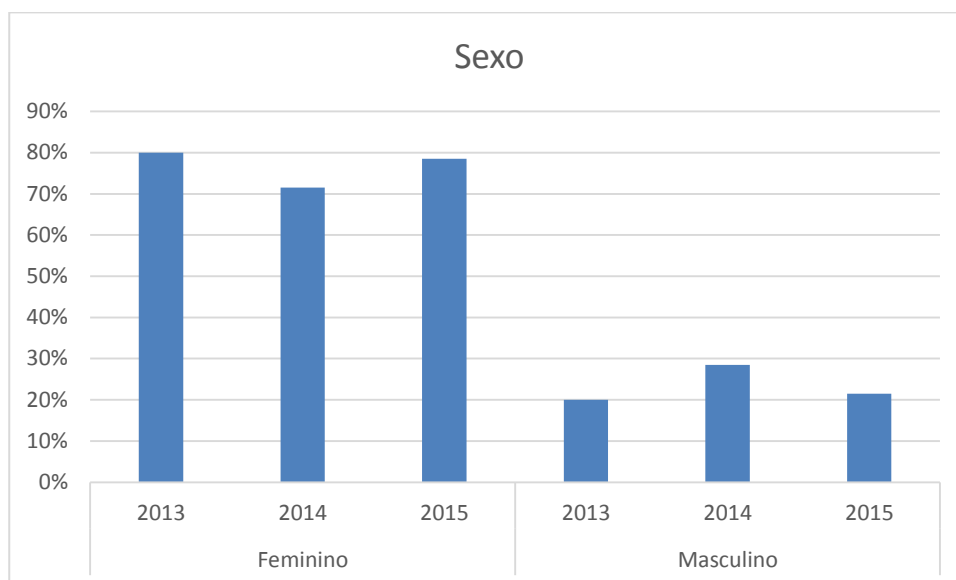
FOTO 22 - Fotos de lembrança da pesquisa

Fonte: Foto tirada pela autora, em 2015.

3.2 Caracterizando o perfil dos catadores de materiais recicláveis

Dos 31 catadores da cooperativa COOPERFRAN, entrevistados em 2013, 80% são do sexo feminino e 20% são do sexo masculino (25 mulheres e 6 homens). Dos 28 catadores, entrevistados em 2014, são do sexo feminino 71,5% e do sexo masculino 28,5% (20 mulheres e 8 homens). Dos 28 catadores, entrevistados em 2015, são do sexo feminino 78,5% e do sexo masculino 21,5% (22 mulheres e 6 homens). Sendo que, no ano de 2013 para 2014, saíram três trabalhadores da cooperativa. De 2014 para 2015, saíram cinco cooperados e entraram cinco novos.

GRÁFICO 15 - Sexo dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

A maioria dos trabalhadores de cooperativa ainda são mulheres, mesmo que em 2014 tenha aumentando a quantidade de homens. Segundo Hirata (1998, p.19) o crescimento do trabalho feminino trouxe como consequência: “[...] menores salários, maior instabilidade, condições de trabalho acumulando atividades domésticas e profissionais, maior desemprego, impactos previsíveis sobre a saúde.”

[...] a situação evidente e generalizada segregação da mulher aos piores postos de trabalho, a pior remuneração e a ausência de mobilidade social nas atividades ditas femininas. A maioria das mulheres está vinculada às atividades informais e, portanto, de modo geral, mais sujeita as flutuações de demanda e crescimento da concorrência por parte de outros trabalhadores transferidos do setor formal para o informal da economia que se dá na época atual. (CARVALHO, 1998, p. 85).

Assim, o trabalho feminino vive um paradoxo: as mulheres se reconhecem pelo trabalho, ganham autonomia por meio deste, mas sofrem preconceitos, discriminações e violências que transpassam todos os aspectos da vida, inclusive no trabalho. Elas acabam ocupando os trabalhos subalternos, informais, além da jornada dupla, de tarefas domésticas e o cuidado dos filhos, que recaem apenas “nos ombros” das mulheres, como se só elas tivessem de cumprir com essas responsabilidades.

[...] o processo de feminização do trabalho tem um claro sentido contraditório, marcado pela positividade do ingresso da mulher no mundo do trabalho e pela negatividade da precarização, intensificação e ampliação das formas de modalidade de exploração no trabalho.[...] que nessa dialética que a feminização do trabalho ao mesmo tempo, emancipa, ainda que de modo parcial, e precariza de modo acentuado, oscilando, portanto entre a emancipação e a precarização, mas buscando ainda caminhar da precarização para a emancipação. (NOGUEIRA, 2004, p. 94).

Os trabalhadores da COOPERFRAN são, em sua maioria, negros, a pergunta sobre raça foi retirada porque diretoria achou ofensiva, e um dos representantes disse “você já sabe, só de olhar que todo mundo é negro”, demonstrando o preconceito sofrido e tendo até receio de falar sobre o assunto. Segundo Schumacher e Brazil (2013), o racismo é um poder ideológico para manutenção de uma hierarquia, que garante a superioridade de um sobre outro, por meio de justificativas sobre características físicas e culturais.

Os negros estão fortemente concentrados nas ocupações da indústria tradicional e nos serviços gerais, sendo que o acesso à educação é um dos principais fatores de produção dessa desigualdade. Entretanto, mesmo quando eliminadas as diferenças educacionais, os negros ainda apresentam desvantagens, principalmente no acesso às melhores posições ocupacionais, demonstrando que há uma distribuição desigual de indivíduos no mercado de trabalho e um dos fatores dessa desigualdade é a cor. (LIMA, 2001, p. 152).

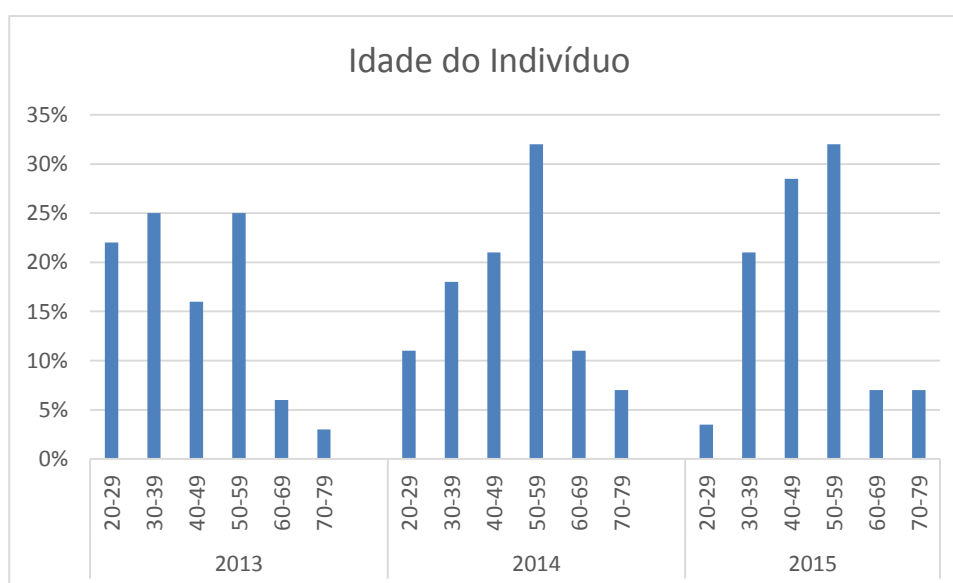
Assim, as mulheres negras foram “empurradas” para o trabalho com materiais recicláveis, “[...] as mulheres negras arcam com todo o peso da discriminação de cor e de gênero, e ainda mais um pouco, sofrendo a discriminação setorial-regional-ocupacional que os homens da mesma cor e a discriminação salarial das brancas do mesmo gênero.” (SOARES, 2000, p. 51). As mulheres negras são desvalorizadas socialmente, é como se tivessem apagado sua história, trazendo uma invisibilidade: o não reconhecimento. Elas sofrem com a discriminação de gênero e raça, é como se a mulher negra já tivesse um lugar reservado na sociedade: em trabalhos precários e subalternos.

QUADRO 2 - Idade dos indivíduos da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015

*Idade dos cooperados em 2013 Em anos (%)		**Idade dos cooperados em 2014 Em anos (%)		***Idade dos cooperados em 2015 Em anos (%)	
20 aos 29 anos	22	20 aos 29 anos	11	20 aos 29 anos	3
30 aos 39 anos	25	30 aos 39 anos	18	30 aos 39 anos	21
40 aos 49 anos	16	40 aos 49 anos	21	40 aos 49 anos	29
50 aos 59 anos	25	50 aos 59 anos	32	50 aos 59 anos	32
60 aos 69 anos	6	60 aos 69 anos	11	60 aos 69 anos	7
70 aos 79 anos	3	70 aos 79 anos	7	70 aos 79 anos	7

Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

GRÁFICO 16 - Idade dos indivíduos da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

Assim, a partir desses dados, podemos constatar que a maioria dos cooperados são mulheres dos 50 aos 59 anos, que moram sozinhas com os filhos, como demonstra na tabela de 2013 e 2014. Já com a pesquisa de 2015, percebemos que o número de casadas e que vivem sozinhas deu empate de 50%.

QUADRO 3 - Estado civil dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015

*Estado civil dos cooperados em 2013 Em porcentagem (%)		** Estado civil dos cooperados em 2014 Em porcentagem (%)		*** Estado civil dos cooperados em 2015 Em porcentagem (%)	
Casado	29	Casado	36	Casado	50
Solteiro	42	Solteiro	43	Solteiro	29
Divorciado	19	Divorciado	11	Divorciado	11
União estável	3	União estável	7	União estável	7
Separado	3	Separado	0	Separado	0
Viúvo	3	Viúvo	3	Viúvo	3

Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

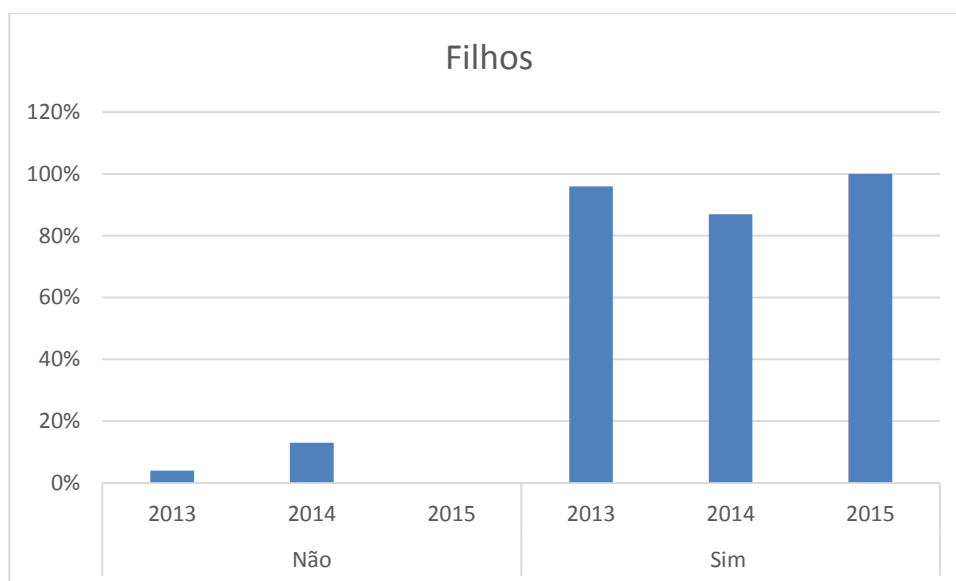
GRÁFICO 17 - Estado civil dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

Sobre a pergunta filhos, em 2013, 96% responderam terem filhos e apenas 4% disseram não terem filhos. Em 2014, os dados se repetem em 87% afirmaram terem filhos e 13% negaram terem filhos. Em 2015, 100% afirmaram ter filhos.

GRÁFICO 18 - Filhos dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

Por meio desses dados, visualizamos que, em 2013 e 2014, a maioria eram mulheres sozinhas que cuidavam de seus filhos, sem ajuda de outro adulto, além do que, também podemos perceber que a identidade materna ainda é uma marca feminina. Segundo Chauí (1998), ainda hoje, mesmo que em concepções mais diluídas, ainda se acredita em uma “natureza feminina”, em uma “natureza materna”, que se deriva de um “instinto materno”, “amor materno”, como coisas naturais e não construídas.

Um dos marcadores mais importantes da identidade feminina é, sem dúvida, a maternidade. A condição de mulher, sempre associada ao papel de mãe, cuja responsabilidade no cuidado com os filhos parece uma imposição da ordem da natureza, limita as oportunidades de construção de outros marcadores identitários necessários à ordem civilizatória. (AZEREDO, 2010, p. 84).

Segundo Bruschini (2000), a responsabilidade das mulheres pelos cuidados com a casa, com a família e com os filhos é um dos fatores determinantes da posição secundária no mercado de trabalho. Essa questão tende a se agravar, quando os filhos são pequenos. Além

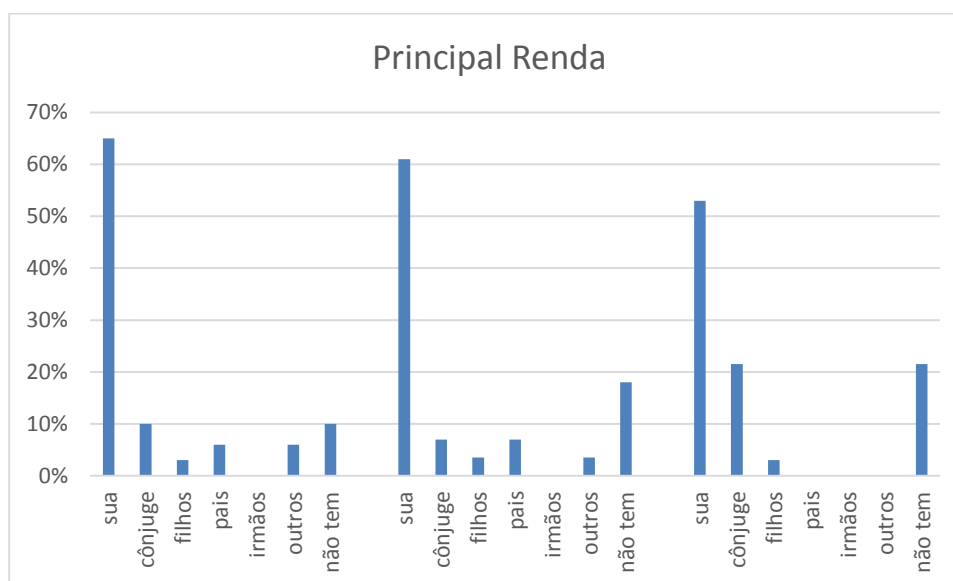
dessas questões, a principal renda da casa é da própria catadora, como mostra o quadro a seguir:

QUADRO 4 - Principal renda dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015

*Principal renda da casa dos cooperados em 2013 Em porcentagem (%)		** Principal renda da casa dos cooperados em 2014 Em porcentagem (%)		*** Principal renda da casa dos cooperados em 2015 Em porcentagem (%)	
Sua	65	Sua	61	Sua	53,5
Cônjuge	10	Cônjuge	7	Cônjuge	21,5
Filhos	3	Filhos	3,5	Filhos	3,5
Pais	6	Pais	7	Pais	0
Outros	6	Outros	3,5	Outros	0
Não tem uma renda principal	10	Não tem uma renda principal	18	Não tem uma renda principal	21,5

Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

GRÁFICO 19 - Principal renda dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

Assim, com essas perguntas, já podemos traçar o perfil social dos catadores: alterou-se em 2013 e 2014, a maioria era mulheres, “chefes de família”, ou seja, são mulheres que moram sozinhas com seus filhos, sendo as únicas responsáveis economicamente e emocionalmente pelo lar.

A realidade tem mostrado que se por um lado cresce o número de domicílios no qual a mulher tem papel fundamental na manutenção econômica, com ou sem presença do marido/companheiro, por outro, ela ainda é na maioria das casas a responsável pela esfera doméstica. Esta situação se agrava entre as mais pobres, pela absoluta falta de acesso a formas de apoio, como creches, escolas em período integral, sistema de saúde de qualidade, moradias dignas e demais fatores que poderiam aliviar a sobre carga de trabalho doméstico. (CARLOTO, 2004, p. 146).

Em 2015, o número de cooperadas casadas e solteiras está empatado, porém mesmo casada, a sua renda ainda é a principal do lar. Outro ponto que percebemos com os relatos e a observação, são problemáticas que ultrapassaram o âmbito do trabalho. Uma questão, que se faz presente na vida dessas mulheres é a falta de uma política pública realmente voltada para a emancipação da mulher. Elas não têm apenas o direito ao trabalho, os direitos trabalhistas, sendo desrespeitados. Também não têm acesso aos direitos sociais básicos: como creche, educação, saúde, o que acaba prejudicando, ainda mais, a situação da trabalhadora, aumentando sua opressão e exploração.

O que poderia de fato gerar impacto na perspectiva de gênero e no enfrentamento das condições de pobreza, sobretudo nas famílias cuja responsabilidade econômica não é partilhada, é o acesso a equipamentos sociais de qualidade, como creches, escolas em tempo integral, serviço de saúde, entre outros que poderiam aliviar a carga de trabalhos domésticos e gerar melhores oportunidades de vida, emprego e rendimentos. (AZEREDO, 2010, p. 586-587).

3.3 Dados sobre a negação de direitos dos catadores de materiais recicláveis

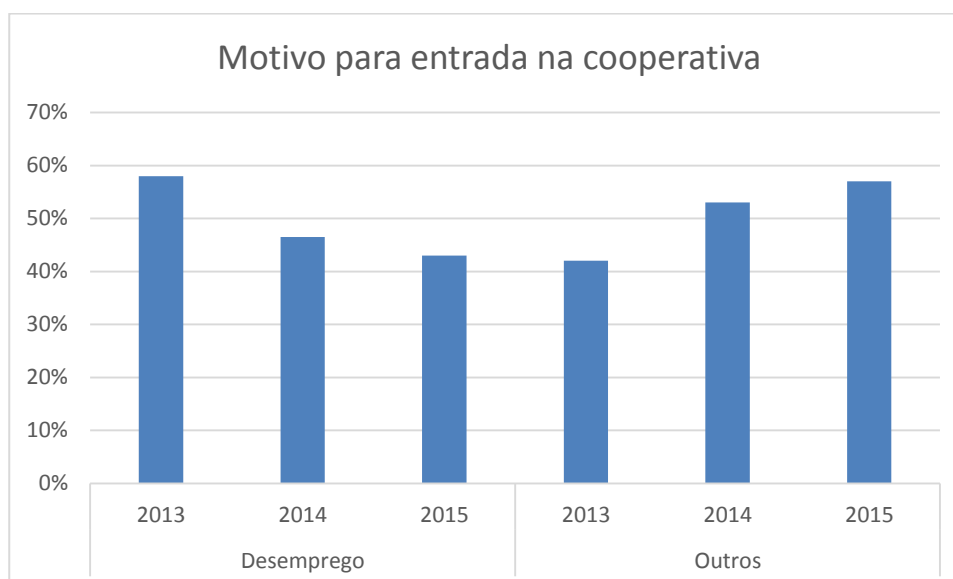
A maioria dos cooperados entrou na cooperativa porque estavam desempregados:

QUADRO 5 - Motivos para entrada na cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015

*Motivo de entrada na cooperativa em 2013 Em porcentagem (%)		**Motivo de entrada na cooperativa em 2014 Em porcentagem (%)		***Motivo de entrada na cooperativa em 2015 Em porcentagem (%)	
Desemprego	58	Desemprego	57	Desemprego	54
Por causa da idade	10	Facilidade de se inserir na cooperativa	11	Facilidade de se inserir na cooperativa	7
Questão de gênero	10	Falta de opção	7	Falta de opção	7
Gosta do trabalho	6	Gosta do trabalho	7	Gosta do trabalho	7
Outros	10	Outros	18	Outros	25

Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

GRÁFICO 20 - Motivos para entrada na cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

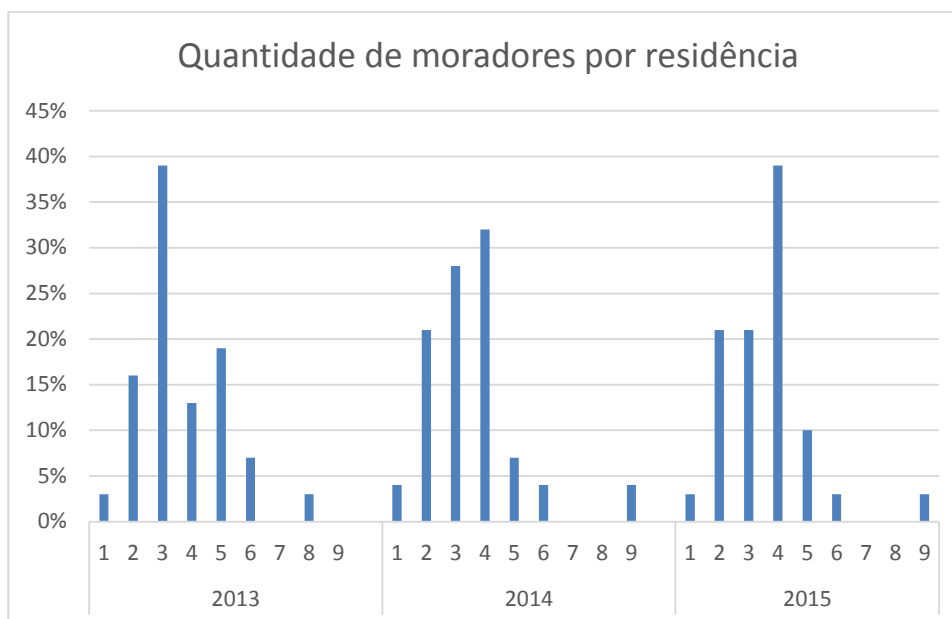
Quando o catador tem a possibilidade de trabalhar negada, seus direitos negados, ele tem sua vida negada. Segundo Wanderley Santos (1979), o sujeito só é considerado cidadão, se comprovar sua condição de trabalhador. Assim, para acessar os benefícios sociais, o sujeito precisa possuir um trabalho reconhecido legalmente, o que o autor denomina como cidadania regulada.

No entanto, uma questão que agrava esse problema é que o desemprego é algo estrutural e inerente ao modo de produção capitalista. Marx (1983a) vem afirmar que, para os salários continuarem baixos, é necessário o exército industrial de reserva ou a superpopulação relativa, ou seja, trabalhadores desempregados que mantêm a procura por trabalho maior que a oferta de empregos.

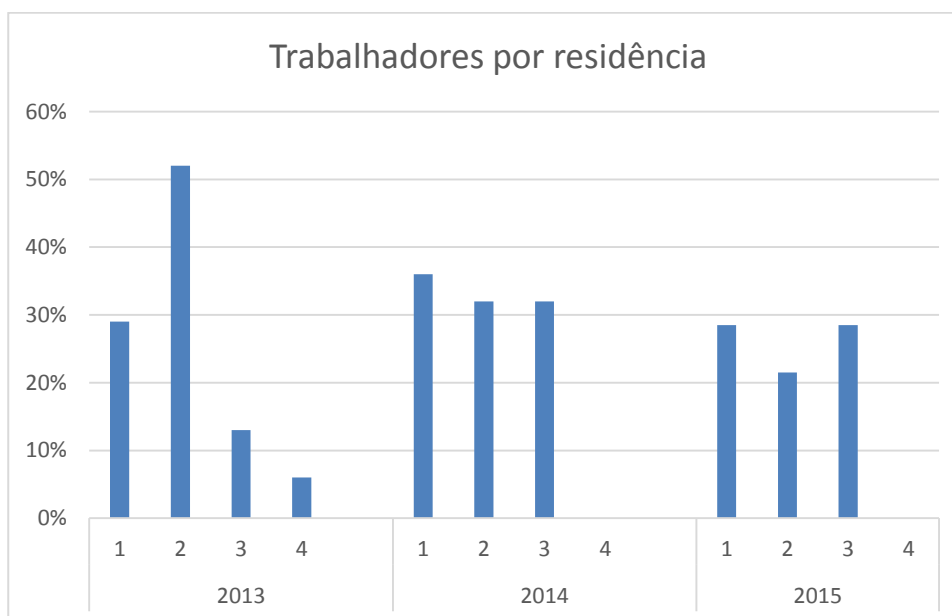
Assim, uma parte (sempre variável, maior ou menor) do proletariado aparece como sobrança em face das necessidades de acumulação; essa parcela de supérfluos (excedentes) constitui o exército industrial de reserva; trata-se, mesmo de uma população que, diante das exigências da acumulação, pode ser designada como população excedentária ou superpopulação relativa. (PAULO NETTO; BRAZ, 2011, p. 143).

Nesse contexto, ocorre a culpabilização e a naturalização da pobreza, sempre jogando a responsabilidade do desemprego para o indivíduo e mascarando a necessidade do desemprego para a manutenção do modo de produção capitalista. Atualmente, segundo Antunes (2008), há uma corrosão das condições de trabalho que reduz o operário fabril e aumenta o subproletariado, o trabalho informal, “[...] a precarização vem se tornando a regra, e não a exceção.” (ANTUNES, 2013, p. 22).

Uma questão que complementa essa afirmação, é a que os catadores enfrentam no seu cotidiano, são muitas pessoas que moram em suas residências em relação às pessoas que trabalham. Sendo assim, a renda do grupo familiar se torna baixa em relação ao número de moradores, como nos mostra os gráficos a seguir:

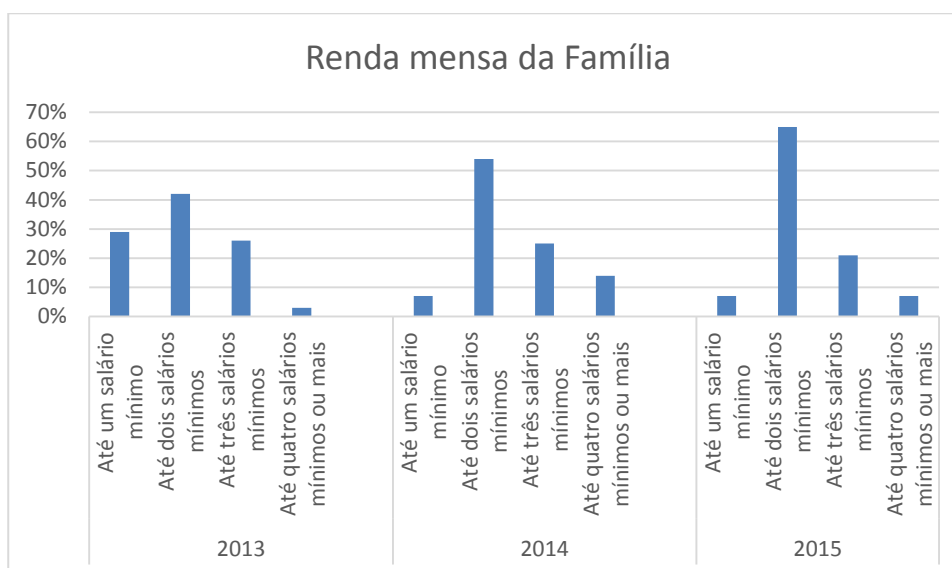
GRÁFICO 21 - Quantidade de moradores por residência, nos anos de 2013, 2014 e 2015

Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

GRÁFICO 22 - Trabalhadores por residência, nos anos de 2013, 2014 e 2015

Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

GRÁFICO 23 - Renda mensal da família dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

Com os dados, percebemos que, no ano de 2013 para 2015, a quantidade de trabalhadores aumentou e não só com ela a renda mensal da família também aumentou. Entretanto, mesmo com esses dados, a quantidade de moradores continua maior do que a de trabalhadores, tendo em vista que a renda mensal da família também continua pequena nessa relação.

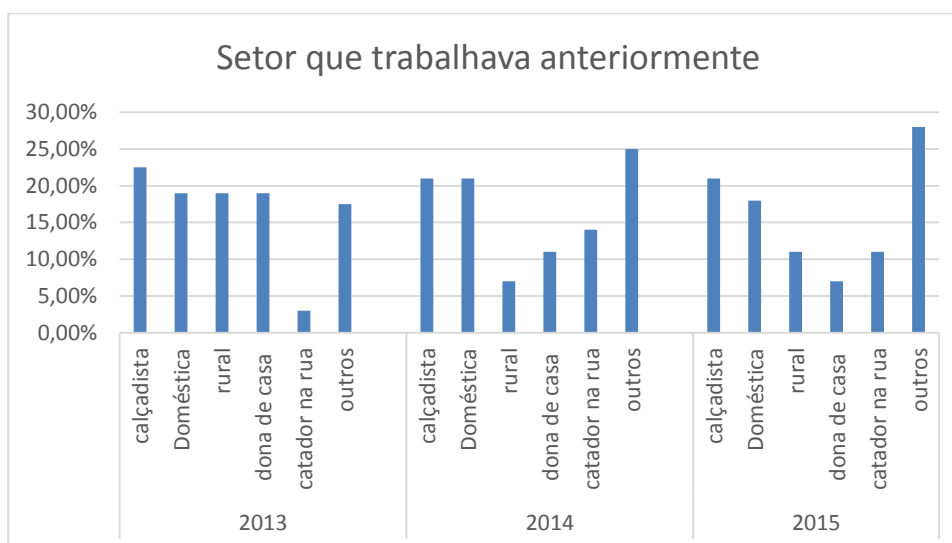
A maioria dos cooperados saíram de dois setores prioritariamente: o setor calçadista e o setor doméstico.

QUADRO 6 - Setor que o sujeito trabalhava anteriormente da cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada nos anos de 2013, 2014 e 2015

*Setores que trabalhava anteriormente, em 2013 Em porcentagem (%)		** Setores que trabalhava anteriormente, em 2014 Em porcentagem (%)		***Setores que trabalhava anteriormente, em 2015 Em porcentagem (%)	
Doméstica	19	Doméstica	21	Doméstica	21
Área calçadista	22,5	Área calçadista	21	Área calçadista	18
Dona de casa	19	Dona de casa	11	Dona de casa	11
Trabalhador rural	19	Trabalhador rural	7	Trabalhador rural	7
Catador na rua	3	Catador na rua	14	Catador na rua	11
Outros	17,5	Outros	25	Outros	28

Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

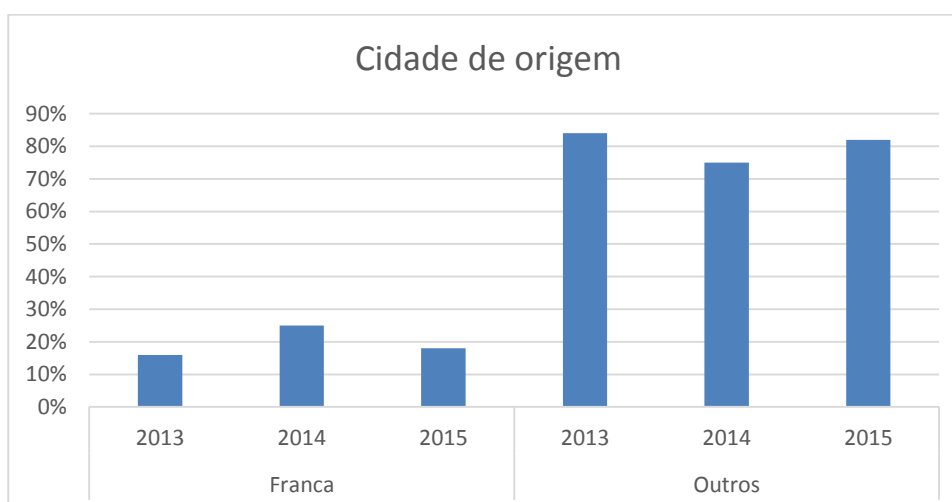
GRÁFICO 24 - Setor que o sujeito trabalhava anteriormente da cooperativa COOPERFRAN, pesquisa realizada nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

A falta de emprego e a pobreza levam a migrações, sendo que a maioria dos trabalhadores da COOPERFRAN é migrante de outras regiões. No ano de 2013, a pesquisa mostrou que 16% apenas tiveram origem na cidade de Franca, onde se localiza a cooperativa, contudo a maioria, 84%, era de outras cidades. Refeita a pesquisa em 2014, 25% afirmaram ser de Franca e 75% de outras cidades. Em 2015, 18% responderam ser de Franca e 82% de outras cidades, sendo as principais localidades: Ouro Verde (459,28 km de distância de Franca) e São José da Bela Vista (23,75 km de distância de Franca).

GRÁFICO 25 - Cidade de origem dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

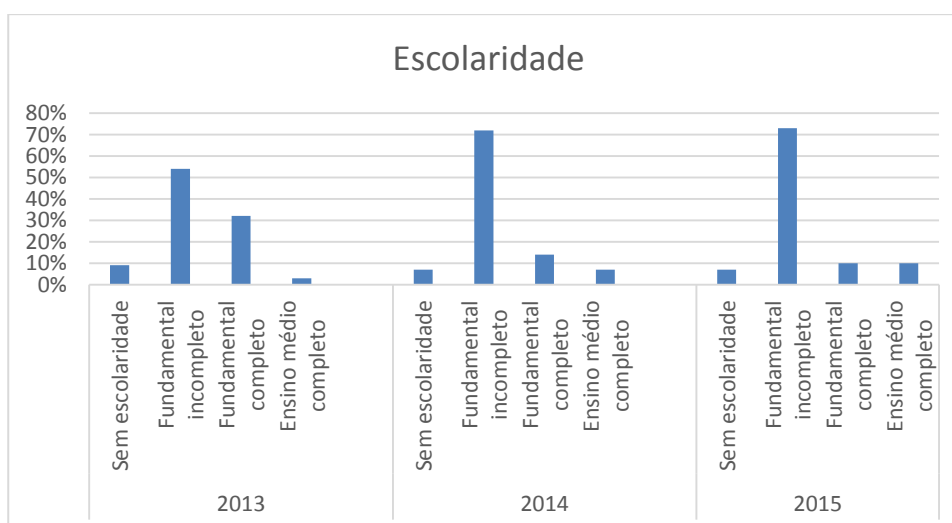
A baixa escolaridade é um dos fatores que levam os trabalhadores a não conseguirem um emprego em outro setor. Em uma das entrevistas, a cooperada relatou que não conseguia trabalhar como doméstica porque precisava anotar recados ou ler uma receita e, sem ser alfabetizada, não conseguia cumprir essas atividades.

QUADRO 7 - Escolaridade dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015

*Escolaridade dos trabalhadores em 2013 Em porcentagem (%)		**Escolaridade dos trabalhadores em 2014 Em porcentagem (%)		***Escolaridade dos trabalhadores em 2015 Em porcentagem (%)	
Sem escolaridade	9	Sem escolaridade	7	Sem escolaridade	7
Ensino Fundamental Incompleto	54	Ensino Fundamental Incompleto	72	Ensino Fundamental Incompleto	73
Ensino Fundamental Completo	32	Ensino Fundamental Completo	14	Ensino Fundamental Completo	10
Ensino Médio	3	Ensino Médio	7	Ensino Médio	10

Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

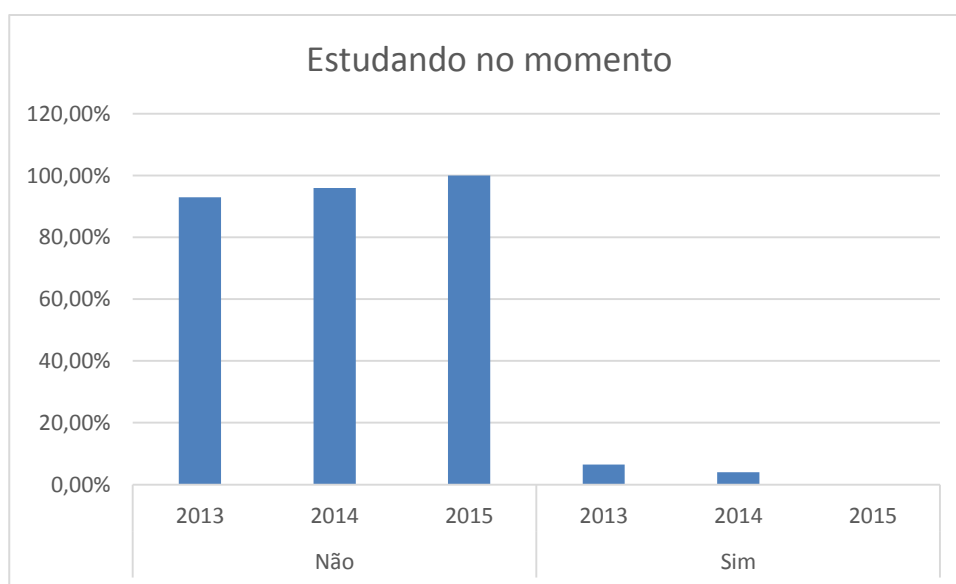
GRÁFICO 26 - Escolaridade dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

O direito à educação é negado, tanto no passado como no presente, como vemos pelos dados: em 2013, apenas 6,4% estavam estudando e 93,5% alegaram que não estudavam. Refeita a pesquisa em 2014, 96% alegaram que não estão estudando e 4% disseram estar estudando. Em 2015, 100% alegaram que não estavam estudando.

GRÁFICO 27 - Trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN estão estudando no momento, pesquisa realizada nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

Assim, os catadores têm dificuldade de acesso ao direito da educação. Eles não tiveram oportunidades de estudar e nem estão tendo, no momento, incentivo para voltar a estudar. Em um sistema em que a educação se torna o principal meio para certa mobilidade social, estes sem acesso à educação, se tornam presos a um trabalho precário.

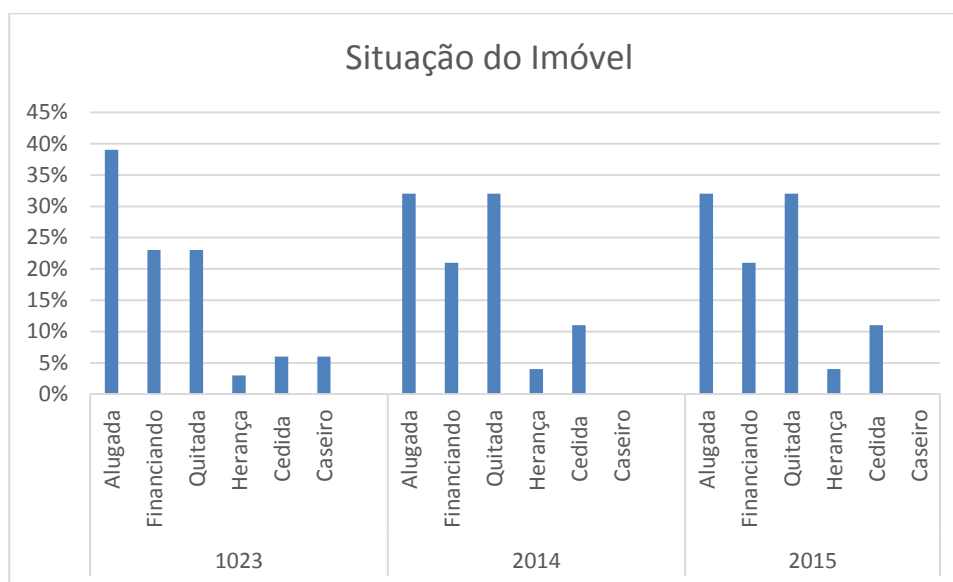
O que diz respeito ao direito à moradia, a situação do imóvel é variável, como vemos na tabela:

QUADRO 8 - Situação do imóvel dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015

*Moradia dos trabalhadores em 2013 Em porcentagem (%)		**Moradia dos trabalhadores em 2014 Em porcentagem (%)		***Moradia dos trabalhadores em 2015 Em porcentagem (%)		
Aluguel	39	Aluguel	32	Aluguel	32	
Quitada	23	Quitada	32	Quitada	32	
Financiava	23	Financiava	21	Financiava	21	
Caseiro	6	Caseiro	0	Caseiro	0	
Cedida	6	Cedida	11	Cedida	11	
Sempre foi da Família	3	Sempre foi da Família	4	Sempre foi da Família	4	

Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

GRÁFICO 28 - Situação do imóvel dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015

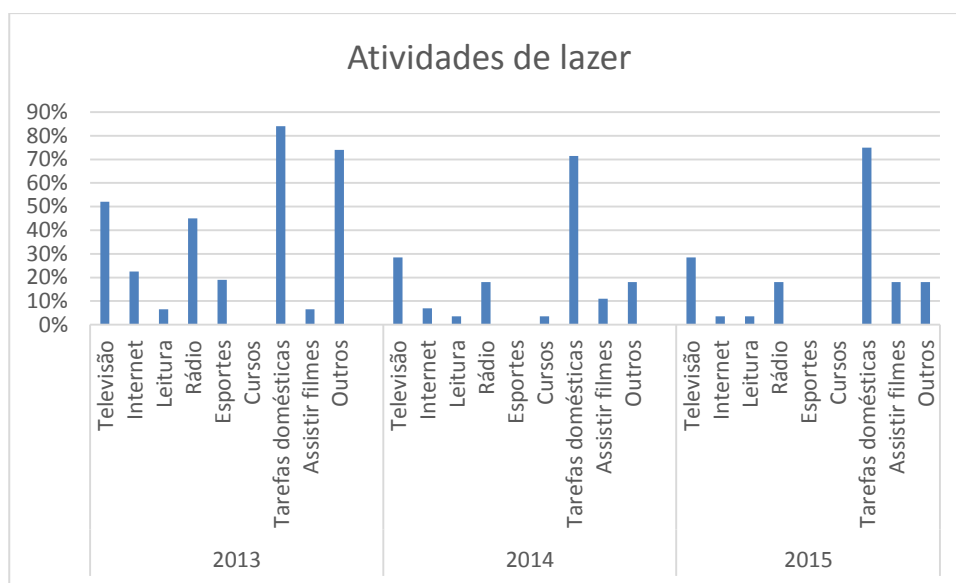


Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

Quando falamos de direitos, não podemos esquecer o direito ao lazer. As atividades que os cooperados mais praticam no seu tempo livre são tarefas domésticas, com 84% em 2013, 71,5% em 2014 e 75% em 2015. Tendo vista que a maioria dos cooperados são mulheres, essa resposta é justificada pelas raízes do machismo que responsabiliza a mulher

pela limpeza da casa e pela criação dos filhos. A televisão e o rádio ficaram respectivamente em segundo e terceiro lugar, mostrando como a mídia influencia e participa da vida das pessoas, quando não estão trabalhando.

GRÁFICO 29 - Atividades de lazer dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015.

Muitos trabalhadores são privados do lazer e da cultura, existem poucas políticas públicas para abranger esses direitos, sendo que sua principal atividade é o descanso para voltar ao trabalho. O sujeito não se emancipa no trabalho e nem fora dele.

Parece improvável que o homem possa transformar o seu tempo livre em momentos em que propiciem uma autêntica individualidade, na medida em que ele está inserido na sociedade capitalista, cuja lógica de valorização do capital privilegia o produtivismo e o consumismo desenfreados, em detrimento das efetivas necessidades humanas e sociais. (PADILHA, 2000, p. 17).

Outra questão, que abordamos, foram os programas de transferência de renda: o direito à assistência social. Sendo que, de 2013 à 2015, a maioria dos cooperados respondeu não ter acesso a programas sociais. Em 2013, a maioria alegou ter Bolsa Família, mas também apareceram Bolsa Escola e Ação Jovem, já em 2014 e 2015, só apareceu o programa Bolsa Família;

GRÁFICO 30 - Participação em programa social dos trabalhadores da cooperativa COOPERFRAN, nos anos de 2013, 2014 e 2015



Fonte: Pesquisa realizada na COOPERFRAN por Bárbara Oliveira Rosa, em 2013, 2014 e 2015

O catador vive esse processo de exclusão e inclusão, visto que não tem acesso aos mínimos sociais, não tem acesso a todos os direitos sociais, como mostra os dados acima. Porém, são incluídos na medida em que esses têm um trabalho, sustentam-se e produzem mais-valia. “O trabalho dos catadores de recicláveis no Brasil está integrado ao processo de acumulação de capital e que a suposta situação de exclusão dos catadores (desemprego, baixa escolaridade, faixa etária elevada) o qualifica para esse tipo de ocupação.” (BOSI, 2008, p. 102).

O catador, nesse contexto, não é um excluído do sistema capitalista, mas sim um extremamente incluído em um sistema desigual, incluído na geração de mais-valia, na exploração do homem pelo homem, tornando-se um reflexo dessa sociedade desigual. Os catadores apresentam histórias de vidas individuais, entretanto têm em comum o processo de exclusão social, sendo restringido a eles um trabalho regular, direitos básicos, como acesso à educação, ao lazer, a programas sociais e à moradia.

Contudo, para além da exclusão material, os catadores sofrem com uma exclusão subjetiva. Carregam estigmas por trabalharem com material reciclável. Para Wanderley (2002, p. 17) a “exclusão social” vai além de determinações econômicas, “[...] existem valores e representações do mundo que acabam por excluir as pessoas.” A exclusão ultrapassa

a questão econômica, material e a questão do acesso aos direitos, perpassa questões subjetivas, valores, representações e cultura.

Por desempenharem uma função considerada humilde socialmente, os catadores passam despercebidos pelas pessoas, não tendo seu reconhecimento, como se fossem invisíveis. Fernando Costa (2004, p. 126), ao estudar sobre o trabalho dos garis, mostra como os serviços de baixa qualificação refletem em uma invisibilidade pública, no qual o sujeito não é visto: “[...] os garis, depois das faxinas públicas, são recolhidos como flanela suja, aquela que não deve ficar na sala de estar quando as visitas chegam.” Para demonstrar essa questão, o autor se vestiu com o uniforme de gari e relatou que se tornou invisível, sendo que professores, alunos e funcionários da universidade, na qual estudava, não o reconheceram.

Entramos pela porta principal, eu e o Antônio (um dos garis). Percorremos o piso térreo, as escadas e o primeiro andar. Não fui reconhecido. E as pessoas pelas quais passávamos não reagiam à nossa presença. Talvez apenas uma ou outra tenha se desviado de nós como desviamos de obstáculos, objetos. Nenhuma saudação corriqueira, um olhar, sequer um aceno de cabeça. Foi surpreendente. Eu era um uniforme que perambulava: estava invisível, Antônio estava invisível. Saindo do prédio, estava inquieto; era perturbadora a anestesia dos outros, a percepção social neutralizada. (COSTA, F. B., 2004, p. 58).

O uniforme fornece uma única identidade aos sujeitos, representando um “lugar social”, no qual o sujeito, por debaixo do uniforme, desaparece. O autor também falou sobre o sentir-se invisível, é a sensação de não existir enquanto pessoa, a substituição do se sentir “ser” para se sentir “coisa”, comparando com uma espécie de morte do sujeito, por isso ele cria o termo invisibilidade pública, como se o sujeito fosse invisível e paralelamente como se todos o reparassem e o julgassem.

A invisibilidade pública, condição não natural a que um homem pode ser submetido, forma-se entre “cegos superiores” e “subalternos invisíveis”. No cego, representa obliteração na comunicação com cidadãos rebaixados, representa interdição de nossa sensibilidade à revelação de outrem como revelação de alguém. Insensatez, ignorância e indelicadeza. O sujeito cegado comporta-se com ignorada impolidez ou com indiferente impolidez, passa neutro pelos garis, como quem passa por objetos, por obstáculos, ou faz presunçosamente e sem perturbação. Qualquer que seja o caso, resiste aos poderes da presença de um outro humano quando se trata de um outro “abaixo”: incorre em negação automática ou arrogante da humanidade dos pobres. Não visita o subalterno com o seu olhar; e desvia ou recusa o olhar do gari, não permite que olhar do outro o visite. Mantém-se separado, pouco frequentado pelo sofrimento ou interpelação dos humilhados. Isolamento artificial, parece dispensar aqueles de quem depende, isolamento artificial, neutraliza o poder de aproximação de um outro humano. Suspende a vivência genuína de ser e aparecer como humano no meio de outros humanos. O sujeito cegado opõe-se a uma experiência de igualdade e alteridade que, sem oposição, alcança-nos naturalmente e irresistivelmente. Forja não ter ciência do outro, assume conduta insana, age com doidice; contesta, apaga, recusa um registro: não reconhece a existência de outrem. (COSTA, F. B., 2004, p. 157).

Outro autor, que contribuiu com essa reflexão, é o Goffman (1982), que vai dizer que só existe apenas um homem que não tem nada do que se envergonhar em nossa sociedade, aquele que atinge o padrão burguês imposto pela mídia: “[...] um homem, casado, pai de família, branco, urbano, do norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto e bom peso, boa altura e com um sucesso recente nos esportes.” (GOFFMAN, 1982, p. 139). Todos os outros sofrem algum tipo de preconceito, ou, mais especificamente o termo que ele usa, estigma.

Acreditamos que alguém com estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como a de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica sem pensar no seu significado original. (GOFFMAN, 1982, p. 15).

Assim, ao trabalhar com serviços desvalorizados na sociedade capitalista, o catador não tem seu trabalho e nem sua identidade reconhecida. Segundo o artigo de Fraga (2007), as representações, que a sociedade faz do lixo, moldam a forma como os catadores são tratados. Na sociedade capitalista, o lixo simboliza “tudo aquilo que se joga fora”, “algo sujo”, “descartável” e, por ser o meio de sobrevivência dos catadores, estes sofrem preconceitos. “A visão de que o lixo significa o dispensável, a imundice, a sujidade, o que não se quer mais, o que deixa um local feio, mal cheiroso e contaminado é transferido como adjetivos para as pessoas que trabalham nessa ocupação [...]” (MENDES, 2009, p. 17).

Desse modo, a desigualdade social é algo presente na sociedade capitalista, e vai muito além da ausência de emprego formal, da cidadania, da vida política, da legalidade jurídica, é algo valorativo, porque perpassa preconceitos e discriminações. “Uma das consequências da exclusão é uma certa perda de identidade em que as pessoas e os segmentos sociais são reconhecidos apenas como os que ‘não são’, os que ‘não tem’, ‘não sabem’, ‘não fazem’.” (SPOSATTI, 1988, p. 45).

Segundo Perlman (1877) tem-se uma tendência a culpabilizar o pobre, como se fosse uma escolha dele sua condição social, como se fosse culpado por tal pobreza. Portanto, podemos constatar que a alta concentração de renda e a desigualdade social no Brasil acabam sendo um limitante à liberdade. O catador sem escolha, não tem liberdade nesse sistema, fica preso a um trabalho desumano para garantir a sua sobrevivência, “[...] é excluído a ponto de ser considerado redundante, eliminável, como é o lixo no qual procura materiais recicláveis.”

(RODRIGUEZ, 2002, p. 339). A exclusão é mais que uma restrição da vida material, do econômico, é mais que uma restrição da vida subjetiva, do convívio com o outro, é uma exclusão do ser, do poder ser, do viver.

3.4 A visão dos catadores de materiais recicláveis sobre o meio ambiente

Depois desses dados que nos mostraram quem são os catadores de materiais recicláveis, vamos discutir neste tópico o que ele pensa sobre o meio ambiente. Esta entrevista foi realizada na COOPERFRAN, no ano de 2014. Nossa entrevista começa com a seguinte questão: o que é meio ambiente para você? A pergunta soava como um eco “meio ambiente?”, depois da repetição da pergunta, tivemos cinco tipos de respostas e três catadores que não sabiam o que era meio ambiente, e nunca ouviram falar sobre o termo.

Como que você fala? Sei lá, tá falando um monte de coisa que eu não guardo nada na minha cabeça, nove anos que to aqui, não sei. Não vou em reunião essas coisas. Meio ambiente é o que? Coisa boa? O que é?

Não sei.

Não entendo. Fala aí? Não sei de nada não.

Além desses, tivemos os que relacionavam o meio ambiente à natureza, excluindo o ser humano, e considerando apenas aspectos naturais, sendo nove respostas.

Nossa, você me pego agora. Meio ambiente? Onde tem área tratada uma coisa assim?

Meio ambiente é tipo é a natureza, a água que nós bebe, ar que a gente respira. Esse tipo de coisa.

Meio ambiente é a gente não joga lixo na rua, a gente preserva a natureza.

É natureza, essas coisas.

Meio ambiente é a gente manter a natureza limpa, as ruas limpa, as árvores bonitinhas, as praças. Enfim, acho que meio ambiente gira com limpeza, não joga nada no solo, ter um lugar apropriado para cada tipo de material.

É natureza, preservação dos lugar, dos rios, do ar que respira.

É natureza.

Meio ambiente é preservar a natureza.

Pergunta difícil, é a natureza.

Usualmente no cotidiano, baseando em senso comum, construímos a ideia de que meio ambiente é sinônimo de natureza, mas, em uma abordagem mais ampla e científica, compreende-se meio ambiente como a interação entre seres vivos e não vivos, que engloba fatores biológicos, econômicos, culturais, químicos e físicos, como já abordamos no primeiro capítulo.

O senso comum é a forma como assimilamos conhecimentos, ideias, valores na vida cotidiana. É por meio da vida cotidiana que o homem coloca “[...] todos os seus sentimentos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias.” (HELLER, 1972, p. 17). E por vezes, acaba reproduzindo as ideias da ideologia dominante a que visa manter/reproduzir esse modo de vida. Logo é proposital o indivíduo achar que meio ambiente é apenas natureza, pois ele não se sente parte da natureza, vendo-a como algo externo e não tendo responsabilidade sobre a mesma.

Porém, também tivemos quatro respostas em que o meio ambiente foi caracterizado o local em que se vive, considerando o homem, deixando apenas a visão naturalista.

Meio ambiente? É o método que nós vive, o ar que nós respira, eu acho que é isso.

Trabalhar, conviver certinho com as pessoas.

Meio ambiente para mim é o local que a gente vive.

Meio ambiente é o lugar que a gente vive, que a gente precisa cuidar, aqui mesmo, as árvores, que tudo que tem lugar que é verde, a gente precisa manter o meio ambiente limpo, até mesmo a cidade, não joga papel na rua. Eu mesmo tenho mania, se eu chupo uma bala, eu cato o papel guardo, e chega em casa eu coloco no lixo.

Apesar dos cooperados divergirem da visão antropocêntrica de meio ambiente, na qual a natureza deve ser usada pelo homem, eles reconheceram a veracidade dessa visão na sociedade contemporânea, pois relatam a poluição e a destruição da natureza.

Como que eu posso te explicar é tudo né, acho que é uma função, é um coisa que deveria ter em todo lugar. Se o meio ambiente vai sofre com essa poluição, se tivesse assim como se diz mais reciclagem, mais gente reciclando. Seria bem melhor.

É nosso país poluído, né? Assim, mais ou menos, também não entendo muito bem não. Mas eu acho que meio ambiente é o nosso país né, que tem que se manter limpo.

Ai Ai, Jesus amado. É não joga lixo no chão, é não corta árvore. É não bota fogo, não entendo muito dessas coisas não.

A poluição é o desequilíbrio entre homem e natureza, na qual se utiliza indiscriminadamente dos recursos naturais, contaminando as águas, o solo e o ar. Assim, por degradação ambiental, entende-se a ação do homem que provoca alterações nos ecossistemas, e isso acontece porque o homem se julga superior à natureza.

Também tivemos nove respostas em que catadores relacionaram meio ambiente a seu trabalho na cooperativa.

Não sei explica não, é tipo cata o lixo?

Meio ambiente? É cuidar do lixo, é cuidar, não deixar bagunçado.

Meio ambiente pra mim? É reciclar o lixo corretamente, é cuidar do planeta corretamente. Isso pra mim é o meio ambiente.

Uai, o meio ambiente pra mim, significa assim que a gente tem que cuidar né, do meio ambiente, assim, não deixar garrafa na rua, por exemplo sacolinha, “prástico”, qualquer coisa. Significa que nós temos que cuidar do meio ambiente.

Meio ambiente é pessoas igual nós trabalhamos aqui com resíduo sólidos, cuidando do meio ambiente. É apoiando a natureza, os material não sendo jogado no lixão. Os material sendo, tem material aqui, que nós trabalha com eles aqui que gasta na medida 100 anos, 200 anos pra eles desmancha na terra. Então, nós tamos trabalhando a favor da natureza.

Sabe que eu não sei, eu acho que meu trabalho é meio ambiente, ajuda o meio ambiente, acho que o que eu faço.

É meio ambiente é isso que nós fazendo, nós cuida das coisas, tenta protege as coisas.

É limpeza.

É a limpeza.

É por meio do agir e do trabalho que o homem vai construir seu ser, entretanto não só vai construir seu pensar, e assim conceituar meio ambiente, a partir de sua experiência de trabalho. “Não é a consciência dos homens que determina o ser; é inversamente o ser social que lhes determina a consciência.” (MARX; ENGELS, 1983, p. 301).

A maioria dos catadores se dividiu em duas respostas principais pela associação de meio ambiente: à natureza e ao seu trabalho. Com isso, percebemos que, os catadores que relacionam meio ambiente ao trabalho, têm uma visão mais ampla, na qual se veem como agentes transformadores da natureza. Enquanto, os que apenas o relacionam com aspectos naturais, têm uma visão fetichizada, restrita, que separa homem e natureza.

Logo, como já discutimos no primeiro capítulo, a racionalização não apenas domina a natureza, mas também o próprio homem por meio do trabalho explorado, e, por meio da

ideologia. Com a pergunta: com quem você aprendeu sobre meio ambiente? Conseguimos visualizar a questão da ideologia, já que as três respostas principais foram: no próprio trabalho, na mídia e na escola.

O discurso reproduzido pela mídia foi à minoria, com apenas três catadores.

Na escola, na TV também. Eu aprendi que é cuidar do planeta corretamente, não desperdiçar muita água, porque estão desperdiçando muita água no planeta. Cuidar dos animais corretamente, da natureza, isso que eu aprendi de meio ambiente.

Com a televisão, eu aprendi que o meio ambiente é viver da gente mais ta complicado porque tá muito poluído, por isso meu trabalho é importante porque ajuda a despoluir um pouco.

A gente vê fala todo dia na televisão sobre meio ambiente, tem uma visão onde eu vivo, onde tá me complicado vive, porque tá sujo né.

Meio ambiente é um conceito já antigo, contudo no século XXI, tem sido constantemente usado na mídia. O que provocou esse aumento do uso do termo foi a preocupação com a degradação ambiental. Porém, a mídia passa um discurso vazio, de responsabilização do indivíduo e de ocultação do sistema de produção capitalista que ocasiona a degradação, não só na natureza, mas dos seres humanos.

Além dessas respostas, os cooperados afirmaram ter aprendido sobre meio ambiente na escola:

Começo desde a escola, desde quando eu estudava. Na escola eu aprendi que lixo tem que ser no lixo. Geralmente a maioria das pessoas não tem isso, né. Onde tá joga, vai pra rua, é onde acontece enchente, essas coisas, entope bueiro, entope tudo.

Bom, um pouco na escola, e com a convivência aqui na cooperativa. Aprendi na escola que a gente deve cuidar do meio ambiente, porque hoje em dia, por exemplo, a chuva, quase não chove porque muita poluição, através de muita sujeira. Lá em São Paulo mesmo eles jogaram muita sujeira na rua. É um lugar que as pessoas, não se preocupam em cuidar, então aí vai prejudicar o que na chuva, porque aí vai poluindo tudo. E é onde tá essa seca danada. Aqui eu aprendi que tem separar as coisas, que a gente tem que manter o lugar que a gente fica sempre limpo. Eu aprendi bastante coisa aqui.

Na escola, para não corta árvore, não joga lixo, essas coisas.

Pouca na escola e um pouco aqui também. Aprendi a separação, como é importante separar em casa, fazer o acolhimento pra não deixar na rua, pra não ir direto pro aterro. Na escola, aprendi sobre os rios, poluição.

Na escola, fiz trabalho, projetos, aprendi a preservar o meio ambiente, saber respeitar o meio ambiente, saber separar o lixo certinho, que é o caso que nós faz aqui.

Aprendo mais lendo né, gosto de ler. Aprendendo lendo em livro de ciências, de biologia, de química, esse tipo de coisa. Ah que se a gente não cuidar do meio ambiente, a gente tá morrendo. Que a destruição do ambiente está em nossas mãos, a

gente cria, praticamente cria o meio ambiente, aí vem outro é destrói. É como se fosse um ciclo.

Na escola, faz muitos anos, então a professora ensina que não podia deixar as coisas acumular água, lixo.

A escola aparece como um reflexo da sociedade em que vivemos; é um espaço de contradição, marcado pela “[...] globalização da economia, pela fome, pela pobreza, pelo tradicionalismo, pela modernidade e até pós-modernidade, pelo autoritarismo, pela democracia, pela violência, pela impunidade, pelo cinismo, pela apatia, pela desesperança, mas também pela esperança.” (FREIRE, 1995, p. 59). A escola pode reproduzir tanto um discurso para a alienação, como um para a emancipação. Assim, pouca diferença se vê no discurso da mídia e no discurso escolar, sendo um discurso em que culpabiliza o indivíduo, transferindo toda a responsabilidade ambiental para o mesmo, conformando com a teoria de Mészáros descrita no primeiro capítulo.

[...] o problema ambiental não possui sua origem simplesmente na falta de educação dos indivíduos, mas sim na visão de mundo que impregna o paradigma hegemônico de valores contrários aos princípios ecológicos. Portanto, entende-se que a pura transmissão de informações a respeito dos processos ecológicos, na perspectiva do “conhecer para preservar”, é absolutamente insuficiente para a promoção de uma educação que se pretenda crítica e transformadora da realidade. (LAYRARGUES, 1999, p. 139).

Além dessas respostas uma cooperada mostra a opressão de gênero, quando relata que aprendeu com sua mãe, já que relaciona o trabalho com limpeza, uma função designada pela sociedade machista patriarcal, como uma função feminina.

Com a minha mãe, de limpeza, de trabalhar em um lugar limpo, “a tem que limpa isso”, tem que viver em um ambiente limpo.

Porém, a grande maioria aprendeu sobre meio ambiente no próprio trabalho, percebemos a diferença no discurso, pois esse se constituiu de forma mais natural.

Ai isso aí a gente vê na rua mesmo, porque eu mesmo já catei muito “reciclado” na rua, então a gente aprende lá na rua mesmo.

Eu comecei a trabalhando na rua, mas tudo que eu aprendi fui aqui dentro. Trabalhar, separar mais o material, tipo assim quando fala reciclável muita gente pensa, que mistura aquilo tudo ali, mas não sabe o que é feito pelo material que vem pra cá, cada coisa tem seu lugar, cada material tem seu lugar.

Não porque eu não tenho estudo, eu já catava “reciclado” na rua.

Foi palestra que a gente teve, aqui na cooperativa mesmo.

Foi aqui mesmo, meio ambiente é uma parte de organização de não deixa poluir, a poluição.

Foi na cooperativa, aprendi tanto coisa, por exemplo, que tem tipo de material que demora 10, outro demora 20, outro demora 100, outro demora a eternidade pra pode se decompor no solo é muita coisa que a gente acha que não tem necessidade de aprender, quando você aprende você vê que faz a diferença quando você sabe o que fazer com o material.

Foi aqui. Aprendi a separar o lixo reciclável porque antes não tinha, depois que surgiu a cooperativa que passou a reciclar tudo.

Aqui mesmo. Eu aprendi muita coisa, que vamos supor que tudo aquilo que eu não sabia que a gente tinha que reciclar lá, eu aprendi aqui, né. Porque lá jogava o caminhão de qualquer jeito né, punha lá, punha fogo, aqui não aqui a gente separa.

Foi aqui. A presidente que explica com a gente, fala um monte de coisa, mas eu nem presto atenção.

Quando os catadores respondem o que é meio ambiente, baseando-se no trabalho e que aprenderam sobre esse assunto no trabalho, costatamos que o trabalho é central na vida do sujeito. Este vai refletir no modo como em que vivem, no que pensam, nos imaginários e nas em suas representações.

O trabalho é categoria central do ser social, por meio dele que o homem cria condições de existência, desenvolve a sociabilidade humana, realiza-se de forma objetiva e subjetiva. Marx (1984) afirma que o trabalho é a relação estabelecida entre o homem e a natureza; é o processo do qual o homem utiliza de sua própria ação para modificar seu metabolismo com a natureza. Este fenômeno se constitui quando o homem, por meio de suas forças naturais (braços, pernas, cabeças e mãos), apropria-se de alguma matéria natural, modificando a natureza externa. Ao transformar a natureza, o homem desenvolve relações sociais, políticas, econômicas, ideológicas, produz valores e constrói uma forma de viver. Dejours (2011) destaca que trabalhar é um processo de subjetivação em que não se trata somente de produzir ou transformar o mundo, é transformar a si próprio, produzir-se a si mesmo.

“Pensar e ser, portanto, certamente diferentes, mas estão ao mesmo tempo em unidade mútua.” (MARX, 2010, p. 108). A consciência, neste contexto, é fruto das relações concretas dos seres humanos, “[...] seria o processo de representação mental (subjetiva) de uma realidade concreta e externa (objetiva), formada neste momento, através de seu vínculo de inserção imediata (percepção). Dito de outra maneira uma realidade que se interioriza.” (IASI, 2011, p. 14).

Desse modo, as concepções de mundo e a consciência dos catadores não surgem do nada, elas se constituem a partir das relações concretas e objetivas que existem no mundo.

Também podemos perceber essa questão nas respostas da pergunta: o que mudou depois que você começou a trabalhar com material reciclável?

Oito responderam o que aprenderam depois que entraram na cooperativa.

To aprendendo mais.

Antes eu não noção do que era separação do material, hoje eu já sei onde eu joga o plástico, onde eu joga o lixo orgânico. Eu já sei separar o orgânico do reciclável.

Mudou muito, porque antes eu achava que podia joga as coisas em qualquer lugar, por exemplo, lixo essas coisas assim, hoje eu penso duas vezes, o que posso joga, o que eu tenho que separar, o que causa mais dano ao meio ambiente. E eu aprendi que tem que separar, que os material tem que ser separado. Os que reciclam tem que separar pra não ir pro meio ambiente.

Mudo, bastante coisa. Porque conforme a gente vai trabalhando a gente vai aprendendo né. Porque agora, por exemplo, eu to lá na pastoral, Lá eu não posso deixar ir sujeira no papelão, então o papelão tem que ficar limpo pra poder se é, como que fala, prensado, né. Ai quando eu não to lá eu to na esteira, ajudando as meninas, então, ir sempre separando as coisas, então a gente sempre aprende um pouco.

Ah acho que mudo, que mudou mesmo assim, é eu tô aprendendo mais né. Cada tipo de material, que antes eu não sabia, agora eu sei.

Antes eu não separava, agora eu já separo. Aqui eu aprendi a separar, porque antes eu não separava não.

Uai, a gente fica mais conscientizado das coisas recicladas, meio ambiente.

Abre a mente da gente, muita coisa que é reaproveitável eu não sabia, às vezes você joga no lixo uma coisa que você pode separar.

Diferente da educação formal, do conhecimento científico, da racionalidade, esse tipo de saber, construído coletivamente, nos remete a um conhecimento da práxis, em um saber que se pauta na prática, em uma relação horizontal de aprender junto que valoriza a cultura local e o saber popular, “[...] ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” Só teremos um conhecimento verdadeiramente revolucionário, diferente do conhecer para servir o capital, quando o saber científico não for hierarquizado como superior ao popular, “[...] não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes.” (FREIRE, 1987, p. 52, 68).

Dois cooperados afirmaram que nada mudou em suas vidas. Alguns afirmaram mudanças no “ato” do trabalho, relatando dificuldades que tinham no trabalho anterior e agora não há mais.

Aqui é melhor que na rua, tem diferença, porque aqui é mais fácil né vem tudo, vem tudo os caminhão só separar.

Eu sempre trabalhei em fabrica fechada, aqui eu achei melhor porque é ar livre. Pra mim foi melhor por isso.

No meu caso mudou tudo em geral, porque na rua é bem mais precário, é mais difícil né. Agora aqui mesmo que você tem horário, trabalhando às vezes pesado é uma coisa que você sabe que tem no final do mês, recebe seu retorno né. Tem seus horários, tem tudo.

Bastante, mudou que eu não preciso sair na rua, mais andando com o carrinho. Ganhava muito pouco também, se chovesse tinha que sair catando.

O restante afirmou mudanças financeiras, mostrando a necessidade do trabalho para sobreviver.

Ter salário melhorou pra mim.

Não mudo nada, tá tudo do mesmo jeito, trabalho porque eu preciso. To pagando aluguel agora deus me livre, vou parar de trabalhar não.

Mudou muito, toda quinzena tenho meu dinheirinho. Mudo muito.

Aumento pra nós um pouquinho.

Muita coisa, o salário mudo, a minha vida um pouco tá melhorando, através da cooperativa, a cooperativa melhorou muita coisa, que eu já pude adquirir bastante com o salário daqui, antes eu não podia ter tanta coisa, agora a minha vida tá mudando. Mudo mais e tá mudando.

Muda muita coisa, porque às vezes a gente acha alguma roupa que dá pra gente aproveitar, às vezes a gente algum calçado, que dá pra gente aproveitar. Alguma coisinha que dá pra gente aproveitar. Então ajuda né, um pouco.

Melhor o salário, porque nós ganhava muito pouco.

Eu fiquei independente.

Melhor bastante, minha profissão era na fabrica né, ai fiquei meio parado né. Ai depois que eu comecei trabalha aqui reformei a casa, troquei de móveis.

Eu sempre trabalhei em fabrica, em banca, trabalhei até na secretaria de obra, limpeza as praças, os bairros, já pinte na rua. Assim, acho que tudo é bom, a gente tano trabalhando é bom.

Mudo tudo, porque eu tava precisando do serviço.

Portanto, “[...] o ser mais ameaçado da natureza hoje é o pobre.” (BOFF, 2000, p 15). Com a pesquisa, conseguimos costatar que a existência precede as questões ambientais, visto que, em diversas perguntas sobre meio ambiente, a questão da renda aparece. Essas respostas comprovam que os catadores estão nesse serviço por necessidade e não por escolha, e que essa questão, para eles, se faz primordial e anterior à questão ambiental, “[...] a maioria das pessoas sente mais a perda de empregos do que a perda de bem-estar ambiental.” (AYRES, 1991, p. 265).

O que é meio ambiente para você?

(risos) Você me pego porque eu to com a minha cabeça tão cheia que eu não to nem lembrando que é meio ambiente tanta conta aqui que eu tenho que dá um jeito até sexta-feira, eu to enrolada.

O seu trabalho contribui com o meio ambiente?

Muito, porque muita coisa que nós tira ali não vai pro meio ambiente, contaminar o meio ambiente. Gera renda né, que nós ganha e ainda não vai, por exemplo, sacolinha que demora tanto tempo para... Como fala lá destruir de baixo da terra né. Nós recicla além de nós ganha o dinheiro ela não vai pro aterro pra prejudicar o meio ambiente.

O seu trabalho contribui com o meio ambiente?

Eu acho, ao mesmo tempo que é limpo e é sujo, ganha o dinheiro dá gente.

O que você acha das grandes quantidades de lixo que você vê no seu dia a dia?

Ah acho que assim, muita gente guarda junta por ganho próprio. Às vezes passa igual o caminhão que vem aqui é despeja, eles manda pra cá. Mas geralmente as pessoas junta pra fazer o próprio ganho né. Porque como o material hoje em dia tá dando dinheiro, então a gente vai juntando. Mas, acho legal também que elimina a sujeira da rua.

Além dessas questões, outra que nos surpreendemos foi: o que você acha das grandes quantidades de lixo que você vê no seu dia a dia? A maioria dos cooperados responderam que achavam satisfatórias, visto que era um meio de renda para eles, conformando com a afirmação acima.

Acho bom.

Acho bom, sinal que ta rendendo, dando emprego pra muita gente.

Ai isso ai é bom né, quanto mais, mais né.

Bom, eu acho bom né. Se não fosse isso ai a gente não teria um emprego.

Bom né.

Muito material.

Acho importante.

Material bom.

É bom, ainda vem de 10% a 15% depende de cada bairro de orgânico no meio. Mas, resumindo é um material bom.

Bom né.

Eu acho que é muito importante pra nós.

Acho bom, num acaba o serviço.

O restante falou que era excelente, entretanto que precisava melhorar porque vinha muito material orgânico, misturado ao reciclável.

Ixi muito sujo, eles mistura tudo o lixo, tá separando nada. Tá misturado. Até lixo hospitalar passa na esteira. Semana passo com seringa. Eu trabalho de luva. Olha a cor da mão? E ainda suja ainda toda hora. A poeira. Olha aqui a poeira! A gente fica que sujeira, olha aqui, dois dias com essa calça, tá separando não, tá misturando é tudo. Separando não. Não tem consciência para separar. Muita poeira no lixo, sujeira demais, papel higiênico, bosta de cachorro, terra, vem tudo isso no lixo. Cabeça aqui? Tem que lava todo dia, cabelo cumprido deixa amarrado. Suja muito.

O que tá vindo muito lixo, eles põe tudo dentro do saco.

Eu acho assim, que eles deveria de ter consciência separar melhor os materiais, vem muita porcaria junta assim com o lixo orgânico, né. Então, se o pessoal toma-se consciência, de separar esse “reciclado” melhor. Pra nós seria melhor. Que tem muitas coisas que não dá pra aproveitar.

Precário, vem muito orgânico, lixo hospitalar, fralda, às vezes animal. O que atrapalha aqui é isso, se não fosse isso, não teria assim tanto serviço, seria mais rápido de recicla, aproveitava mais o material, porque às vezes estraga por causa desse tipo de coisa no meio.

Vem muita sujeira né. As pessoas põe tudo misturado ali.

Podia melhora mais, vir mais separado, mais certo, porque a gente vê muito lixo orgânico no meio do reciclado ainda.

Essas respostas mostram a situação precária do trabalho do catador, que o expõe a doenças e a um trabalho insalubre; e ele, sem outras oportunidades/escolhas, acaba se sujeitando a essa situação de risco.

Quando perguntamos “O que é lixo para você?”, a maioria respondeu que o lixo é o que se joga fora, o que não é aproveitado. Como vemos nas principais respostas selecionadas:

Lixo é só o que não serve. Né... Porque realmente vem orgânico, mas o lixo é isso, o que não serve mais, mas fora isso é só reciclado mesmo.

Esse rejeito aqui que vai embora.

Lixo é orgânico, arroz, feijão, papel higiênico.

Lixo é o material que a gente não recicla, é lixo.

Lixo a gente vê que não serve pra mais nada. Diferencia do reciclado né que você recicla, faz outras coisas. Agora o lixo, é aquilo que realmente não serve.

Lixo é o que não é aproveitado.

Lixo é lixo, tirando o material reciclado o resto é lixo.

Tudo que não é usado é jogado fora. O que não é reciclado.

Tudo que não é reciclado.

Lixo é só aquele orgânico que vai para o aterro, que eles pegam nas casas.

As respostas da pergunta “Qual a diferença entre lixo e material reciclável?” mantiveram o mesmo padrão de respostas: o lixo não pode ser reaproveitado, já o material reciclável pode.

É o que vai ser reaproveitado, o que não pode se torna lixo, ai ele tem que ir pro aterro, para um lugar pra ser tratado. Para não prejudicar o meio ambiente.

O lixo joga fora, o material reciclado é o que se usa.

Ai meu Deus, ai como que eu falo. A gente recicla o material reciclado, que a gente a tem... Como fala? A gente recebe a gratidão de volta né... O lixo já nem tem como né.

Lixo é o que a gente joga fora, e o reciclado é o que a gente vende.

O reciclado você aproveita fazendo outros materiais e o lixo já não tem como aproveitar mesmo, né. Ai tem que ser descartado.

Reciclado é reciclado, para ajuda o meio ambiente e o lixo normal não tem como reciclar.

A diferença é o tipo de material e o orgânico também não é reciclado, os plásticos diferentes.

O material reciclado você recicla e usa de novo.

Lixo vai fora e o reciclado o que aproveita.

A diferença que o lixo não se aproveita nada e reciclável se aproveita.

Reciclado é o material seco, o orgânico é molhado, das casas.

Tem diferença. O lixo é lixo, o reciclado é reciclado.

Sendo que apenas um cooperado considerava o material reciclável e o lixo a mesma coisa, ficando na dúvida: “Lixo é reciclado. Ou reciclado é outra coisa?”. Já com a pergunta “O que é sustentabilidade?” Dos 28 entrevistados, ninguém soube responder.

Você acha que o seu trabalho contribui com o meio ambiente? Por quê?

Contribui, porque a gente cata, faz o trabalho contribuindo lá fora.

Contribuí, porque não gosto de ver lixo jogado, tem que por no lugar certo.

Contribuí, porque como aqui é uma cooperativa se trabalha com reciclagem, querendo ou não o lixo que vem da rua é todo separado aqui, então a gente vende. Tem uma saída para ele né, não fica parado na rua fazendo essa sujeira toda na cidade.

Muito, porque enquanto tá trazendo pra cá pra nós separar, é sinal que lá no meio ambiente tá limpo né.

Acho que sim. Reciclando não suja a cidade.

Acho que sim, porque a gente aprende muita coisa, tipo não joga garrafa, saber separar as coisas, né, colocar as garrafas separadas, separar comida, separar até mesmo os papel, a gente aprende muita coisa. Separando quase que tudo não misturando as coisas.

Contribui, aí Jesus não sei conversa essas coisas não.

Contribui, através da reciclagem, que contribuí com meio ambiente, mas ultimamente a população não tá reciclando o lixo corretamente. Mas eu tento fazer minha parte, mas meu trabalho eu acho que contribuí com o meio ambiente, sim.

Contribui e muito. Ao invés dessas coisas tá na rua, tá vindo pra cá pra gente recicla. Então, isso contribuí e muito.

Eu acho que sim porque a gente trabalha com muitos material, trabalha com pet, garrafa, vidro, com materiais cortantes.

Muito, aí tá tirando um pouco da poluição, porque tudo que vem pra cá você tá tirando da rua e não tá indo né pro aterro. Várias coisas que precisava ir pra lá não tá indo né, menos poluição.

Acho que sim, bastante, porque vai tirando os lixos da rua. Vai catando os “recicrados” não acumula água.

Muito, porque o material reciclável que a gente produz aqui não está indo pro aterro.

Contribui, porque hoje eles tão procurando tirar o lixo da terra, do solo né, pra não contaminar. Não fica um meio ambiente contaminado né.

Muito, lógico. Porque geralmente quantas toneladas de reciclagem deixa de ir por solo, que nós reciclamos aqui, muita coisa né.

Eu acho assim que protege, que é bom pode trabalhar com jornais, assim sempre tirar a sujeira, tudo. Conserva arrumadinho né limpo. Acho que é isso.

Muito, não deixando o lixo na rua, o que é poluição nos rios, com a separação dos reciclados.

Sim, pelo, como posso fala, porque recicla né. Porque nós trabalha com reciclagem né.

Eu acho que sim, porque eu faço parte de limpeza né, mantendo as coisas limpas, não deixando pneu com água, a sacolinha com água, tudo que junta água, acho que é preservar o meio ambiente.

Acho meu trabalho muito importante, muito coisa que ta acabando com meio ambiente não vai mais pra terra, tirando isso já via limpando e melhorando né.

Esse processo de consciência não surge do nada, surge por meio das ações, da capacidade do coletivo de se organizar, discutir e refletir sobre si mesmo e sobre seu papel social na sociedade. Visto que o processo de consciência não é linear e uniforme, as pessoas podem atingir a consciência em momentos diferentes da vida. Só quando o indivíduo reflete que não é um problema individual, mas estrutural, quando ele passa a ter uma visão de

totalidade, lutar junto ao grupo por melhorias, é que se consegue uma mudança efetiva, uma mudança política, ambiental, social e/ou econômica.

Entretanto, em alguns casos ocorre o fetiche das consciências, no qual o sujeito não vê o todo, visualiza somente uma faceta. Observamos nas respostas da pergunta: de onde vem tanto lixo? Vinte e seis cooperados alegaram vir das casas ou das ruas, sendo que apenas dois cooperados tiveram uma visão mais abrangente, respondendo das lojas, supermercados e empresas.

Casas, supermercados, lojas.

Ah acho que dessas empresas, não sei, mas acho que essas empresas ao menos assim reciclassem o dela também, não ia vir tanto material pra cá também. Tem muita empresa que joga muito material nos rios, nos “corgos”, suja a água. Igual tá tento muita falta de água nas cidades por ai, então isso prejudica um pouco também. Tem muita gente que não sabe, assim guarda o material sabe? Tipo fazer o negócio certo, já joga em qualquer lugar. Acho errado isso ai também.

A consciência se expressa como alienação quando entra em contato com a ideologia burguesa, tornando-se uma falsa consciência da realidade. A alienação e o estranhamento aparecem quando o indivíduo não consegue ir além da cotidianidade, da individualidade e da aparência.

A ideologia dominante é passada pela mídia, pela igreja, pela escola. O Estado também é uma instância que perpassa a ideologia, que reflete os interesses da classe detentora do poder econômico, apesar da falsa ideia de que este está acima dos interesses, de que possui uma neutralidade.

Por isso, quando perguntamos: a responsabilidade dessas grandes quantidades de lixo é de quem? Apenas quatro catadores alegaram ser da prefeitura ou do Estado, e apenas um disse que as empresas têm responsabilidade. O restante afirmou ser de todos: “Nossa mesmo, do consumidor”. Assim, há uma ocultação da responsabilidade do poder público e das empresas sobre o lixo, como que se os resíduos fossem unicamente de responsabilidade dos cidadãos.

Do prefeito

A responsabilidade maior é da Prefeitura, do Estado. Eles tem que dá a maior força, tem que vir da parte deles.

Da prefeitura, sede o espaço, né? Mas deixo tudo pronto, mas podia ajuda igual, tipo assim estrago a máquina podia ajuda a paga as máquinas, uma cesta básica por pessoal, essas coisas.

Do Governo.

Ah depende da onde que vem, tipo se depender vir de uma empresa grande é função deles deixar em um local mais específico, onde pode guarda, ou pode mandar pra cá, ou mandar pra alguma outra empresa de reciclagem também. Pra não fica jogado, na natureza. Prejudica um pouco também tanto nós, como os seres vivos. É o que eu penso.

Para concluir questionamos: o que poderia ser feito para diminuir a quantidade de lixo? Surgiram soluções pautadas na reciclagem: “[...] com a reciclagem; nosso trabalho mesmo né, tirando da rua trazendo e a gente trabalhando; diminuindo os lixo.” A maioria sugeriu que a solução é melhorar o modo de separação: “[...] acho vem muito material que não é reciclável junto com os reciclável, então separar mais um pouco, teria que ser a responsabilidade a consciência do pessoal que põe o lixo pra fora, separa mais, porque vem muitas coisas que vem no meio do reciclável.”

Alguns cooperados mencionaram a questão do consumismo e do desperdício “[...] consumir menos, parar de desperdiçar porque tem muito desperdício.” Outros responderam com um pessimismo em relação à diminuição: “Isso não diminui, né? Isso aí nunca vai diminuir (risos). Não tem como diminuir, porque é muita gente, é muito habitante, não tem como acabar né!?” E outro complementou essa questão, falando que “Como? a gente é consumidor, você chupa uma bala você tá consumido, você chupa um chiclete tá consumindo, você vai no banheiro, enfim acho que não tem nada que se possa fazer, pelo contrário eu acho que a tendência o consumo do ser humano, da pessoa, a tendência só tem a aumentar, não diminuir. Não tem nada que possa fazer para diminuir o consumo, por exemplo, quantos refrigerantes você toma durante a semana ou no final de semana? Dois litros? Você deixaria de tomar dois litros pra tomar um litro pra contribuir com o meio ambiente? Pra não joga a sua embalagem de refrigerante lá no solo? Não! Não tem como.”

Com essas respostas, notamos que é muito difícil pensar em uma solução para a questão do lixo, enquanto um degradante do meio ambiente. Será que só a reciclagem daria conta da problemática lixo? Ou a solução está na melhora da separação do material reciclável por parte dos cidadãos? Em uma conscientização? Ou será que as últimas respostas estão certas: é impossível acabar com o lixo, consequentemente com o consumo nesta sociedade? Enfim, com as respostas dos cooperados, consideramos que a reciclagem é um mecanismo importante para amenizar a problemática lixo, ainda mais quando o consumismo é naturalizado, por isso a maioria acredita que, se houver uma conscientização da população na hora de separar os resíduos, facilitaria o trabalho deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Onde existia fim, eu vi um começo”.
Tião Santos (catador de material reciclável)

Com a compreensão, tanto teórica quanto prática sobre o tema, percebermos a complexidade da questão ambiental atualmente. Com as falas dos catadores, implorando para população separar o material corretamente, e com o teórico Mézáros (2002), criticando a responsabilização do indivíduo pelas questões ambientais, constatamos que a degradação ambiental é inerente ao sistema capitalista.

A população precisa saber separar os materiais corretamente, contudo ela também precisa pensar, refletir sobre a questão ambiental de forma crítica. Para adquirirmos um agir consciente, é preciso entender a conjuntura social, econômica e política a que estamos inseridos.

A reciclagem é uma alternativa ambientalmente correta, porém ela não pode ser analisada de modo isolado, como se sozinha fosse resolver a problemática do lixo. Em nossa sociedade, da mesma forma que ocorre um fetiche da mercadoria, no qual não se vê o processo de exploração e a sua produção apenas o produto, ocorre com o lixo. O lixo se constitui como um fetiche, tendo em vista que os entrevistados não perceberam que estão atrelados a um modo de produção e de consumo.

O lixo é um paradoxo do sistema capitalista, visto que a produção e o consumo em alta escala produzem altas quantidades deste, o que o torna um meio de sobrevivência dos sujeitos pobres. O lixo precisa ser retirado rapidamente de nossas casas, para conseguir consumir mais, para o modo de produção continuar. Ele é símbolo de exploração, de desigualdade, mas acaba sendo também um trabalho, a aprovação social para aquele que estava desempregado.

Assim, os catadores tiveram que se reciclar, em um século marcado pela informalidade, pelo fechamento de postos de trabalho, pelo desemprego. Eles encontraram no lixo uma maneira de reinventar a vida. Apesar de a reciclagem ser um trabalho moderno e de ser muito rentável economicamente para uma minoria, ela se torna um meio de exploração para o catador. Transforma-se arcaico nas condições precárias em que se desenvolve, tendo risco à saúde, exposição a doenças, sem direitos trabalhistas, sem direito a férias e a décimo terceiro.

A cooperativa de reciclagem caracteriza-se como uma “indústria de subsistência”, os catadores, mesmo se fortalecendo em um coletivo, ainda permanecem explorados, na qual o

trabalho se torna muitas vezes análogo à escravidão. Há um interesse ideológico por trás do discurso ambiental; há uma questão política. O catador atende mais aos interesses públicos do que ao próprio interesse, resolvendo um problema social, político e econômico, e não tendo seu devido reconhecimento.

Ao mesmo tempo em que os catadores são trabalhadores, eles são donos da cooperativa, logo, eles são donos da sua própria exploração, o que dificulta a possibilidade de atingir uma consciência de classe, visto que, atualmente, há o aumento da informalidade, de cooperativas, associações e do empreendedorismo. O trabalhador não se reconhece mais enquanto trabalhador, mas sim, como colaborador, cooperado, microempreendedor, ou, no caso dos catadores de materiais recicláveis, agentes ambientais.

Por um lado, essas nomeações aumentam a autoestima, o próprio reconhecimento do sujeito. Por outro lado, mascara o conflito de classe, como se o catador que ainda depende da sua força de trabalho para viver, não fosse mais um trabalhador. As legislações e o incentivo à cooperativa de catadores legalizam o trabalho informal, ao mesmo tempo que garante direitos à categoria.

Portanto, as cooperativas têm de ser um meio do trabalhador ter acesso aos meios de produção e não ser mais um meio de exploração da classe trabalhadora ou uma nova forma de reproduzir o capital. Na atual conjuntura, valorizam-se as questões ambientais, discute-se, na mídia, a importância de preservar o meio ambiente, por outro lado discrimina quem trabalha para a preservação do mesmo, desvalorizando o trabalho dos catadores, não reconhecendo sua identidade, tornando-os invisíveis.

Com a pesquisa de campo na COOPERFRAN, conseguimos constatar que os cooperados participam das decisões, mesmo a maioria tendo sido convidada a fazer parte do empreendimento, ou seja, mesmo que a iniciativa de organizar a cooperativa não tenha partido deles. Os catadores sentem satisfação com o trabalho, pelo fato de estarem trabalhando, e não têm nada de ruim para falar da cooperativa. Apesar de que, quando questionamos sobre o futuro, eles esperam que ocorram melhorias na Cooperfran.

Com a pesquisa fechada, foi possível construir o perfil socioeconômico dos trabalhadores da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região (COOPEFRAN). A maioria são mulheres, de 50 a 59 anos, são mantenedoras do lar, sustentam-se e sustentam seus filhos com o trabalho na cooperativa. A principal tarefa, quando não estão trabalhando, são os afazeres domésticos. Constatamos que a maioria não completou o ensino médio, sobrevive com até dois salários mínimos e entrou na cooperativa principalmente por que estava desempregada.

Por meio das entrevistas constatamos que o poder público abandonou o social e o ambiental. As políticas de reciclagem e o incentivo à cooperativa são poucos, sendo que a preocupação ainda é mais estética, em esconder o lixo, do que resolver o problema, tendo as questões sociais e ambientais sempre posteriores da econômica.

Percebemos que, o que vem sendo negado aos catadores, não é apenas um direito, todavia todos os direitos sociais. Enquanto, o catador não tiver todos os direitos sociais respeitados, enquanto ocorrer a negação dos direitos sociais, teremos uma negação da vida. O homem não pode apenas sobreviver, não é apenas ter acesso aos mínimos sociais, o ser humano tem de viver, tem que ter sua capacidade humana completa respeitada e efetivada.

Constatamos que Marx estava certo, são as condições materiais que vão determinar o modo de vida, de pensar, de agir do homem. Portanto, a maioria dos catadores entrevistados relacionou o meio ambiente, o que sabem sobre a temática, com seu próprio trabalho. Por isso, a temática ambiental, quando posta para eles, surgiu como uma novidade, fazendo muitos deles refletirem sobre isso pela primeira vez, falar de meio ambiente com eles parecia, muitas vezes, uma conversa abstrata e fora da realidade.

A preocupação ambiental frente à questão da precariedade da vida do catador se transforma em um problema pequeno, irrelevante, ou até mesmo burguês. Quando perguntamos o que eles achavam da grande quantidade de resíduos que viam no seu dia-a-dia, a maioria afirmou que quanto maior a quantidade melhor, porque mais trabalho era mais dinheiro. Nessa sociabilidade, todos precisam de dinheiro para sobreviver, dinheiro vem ser uma necessidade maior que a natureza, que o homem, que a vida.

Por isso, mais do que reduzir a quantidade de material que consumimos, mais do que reutilizar os produtos evitando o desperdício, mais do que reciclar o lixo, precisamos revolucionar. Revolucionar a cabeça dos sujeitos, fazendo esse pensar. Revolucionar a maneira de viver, não dominando a natureza, mas se relacionando com ela. Revolucionar a relação com outro, a relação comigo mesmo, enquanto ser humano.

Portanto, a discussão se faz uma reflexão ética, porque precisamos construir uma nova sociabilidade, com novos valores, nos quais não se separam o homem do seu trabalho, o homem dos meios de produção, dos bens produzidos, o homem da natureza. Todavia, que se construam valores que liguem o homem com a natureza, com o seu trabalho, com a ética, com os outros homens, com sua própria natureza humana e principalmente com a vida, em um sentido pleno.

O período, em que estamos vivendo, não marca apenas uma crise econômica, uma crise ambiental, mas também uma crise humana. Há uma exploração do meio ambiente, mas

não só isso, existe também uma exploração das pessoas, que são expostas à poluição, às doenças, a trabalhos precários e a condições desumanas de vida.

O século XXI vem sendo marcado por um período de responsabilização do indivíduo, no qual este busca soluções individuais para a questão do desemprego e para a degradação ambiental, esquecendo-se de que essas questões são inerentes ao sistema capitalista. O homem necessita restabelecer novos meios de se reproduzir, sem degradar o meio ambiente, com relações mais humanas, menos alienadas e exploradas. Precisamos pensar novas formas de se produzir, em um sistema produtivo em que se valorize o ser humano, que este seja capaz de trabalhar todas as dimensões humanas e em que integra a natureza em uma relação horizontal, e não de dominação.

A pesquisa nos levou a questionar e a criticar o modo de vida que estamos submersos nessa sociedade: Quais são as possibilidades reais dos sujeitos para efetivar um pensar e/ou um agir conscientemente livre? Quais estão sendo as possíveis mudanças que o “eu fragmentado” da sociedade do capital pode fazer para mudar a questão da degradação ambiental ou para mudar a sua própria condição econômica-social?

O sistema capitalista tem restringido a liberdade do pensar e de um agir conscientemente livre, esse “eu alienado e fragmentado” não consegue mudar nem sua condição econômica-social, muito menos resolver o problema da degradação ambiental. Nesse sistema, há uma inversão de valores, em que o ter vale mais que o ser, do que a vida.

Assim, a exploração da natureza e do ser humano caminha junta, sendo impossível dissociar as duas. Ao mesmo tempo em que a razão possibilita a dominação da natureza, domina o próprio homem, aliena-o, submetendo-o a uma obediência passiva em um sistema político econômico autoritário, dominador e cruel que o ludibria por via de uma manipulação cultural.

Portanto, o que vivemos atualmente é o mito da natureza. Antes da racionalidade, criava-se mitos para justificar os acontecimentos da natureza, como uma forma de explicação sobrenatural. Porém, na sociedade atual, o “esclarecimento”, a ciência moderna, viram um dogma, um novo mito, uma nova forma de poder e dominação da natureza. Essa situação se agrava com a indústria cultural que mistifica o conceito, o discurso e a ideia que se perpassa de natureza, contribuindo para a manutenção do sistema capitalista, que usa a natureza e os homens a seu bel-prazer.

“As verdades” propagadas pela indústria cultural nada mais são do que sombras da realidade, os indivíduos acreditam que essa é a realidade, não questionando, alienando-se. O que consideramos como “verdade”, como fruto da “racionalidade”, são modelos impostos

socialmente e culturalmente construídos, “as verdades” são construídas como processo social de manutenção da ordem.

Por isso, precisamos da ética, para refletir, para desmistificar essas “as verdades”. Para buscar novos valores, novos paradigmas, que se basem na liberdade do homem, da natureza, do pensamento. Portanto, precisamos buscar uma utopia, não uma utopia doutrinada, mas uma utopia que emancipe, que leve o ser humano a caminhar, na qual buscamos uma nova sociabilidade mais justa, mais igualitária e mais humana.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática, 1998.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho** 2. ed. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007.
- ANTUNES, R. A corrosão do trabalho e a precarização estrutural. In: NAVARRO, V. L.; LOUREÇO, E. A. S. (Org.). **O avesso do trabalho III: saúde do trabalhador e questões contemporâneas**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.
- _____. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2008.
- ARAÚJO, L. M. S. **Trabalho, sociabilidade e exclusão social: o caso dos bagulhadores do lixão de Aguazinha**. Recife, 1997.
- AZEREDO, V. G. Entre paredes e redes: o lugar da mulher nas famílias pobres. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 103, p. 576-590, 2010.
- AYRES, R. Evolutionary economics and environmental imperatives. **Structural Change and Economic Dynamics**, Amsterdam, v. 2, n. 2, p. 255-273, 1991.
- BACON, F. **O progresso do conhecimento**. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.
- BARBOSA, R. N. C. **A economia solidária como política pública: uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BARROCO, M. L. A inscrição da ética e dos direitos humanos no projeto ético político do serviço social. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 25, n. 79, p. 27-42, 2004.
- _____. **Ética: fundamentos sócio-históricos**. São Paulo: Cortez, 2011. (Biblioteca básica de Serviço Social, v. 4).
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- BOFF, L. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ática, 2000.
- BORTOLI, M. A. Processos de organização de catadores de materiais recicláveis: lutas e confirmações. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 16, n.2, p. 248-257, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v12n1/13.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2013.
- BOSI, A. P. A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 101-116, jun. 2008.

BUENO, W. C. Comunicação e sustentabilidade: aproximações e rupturas. **Razón Y Palabra**, México (DF), n. 79, maio/jul. 2012. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N79/M79/05_Costa_M79.pdf>. Acesso em: 03 de out. 2014.

BUCKINGHAM, W.; BURNHAM, D.; HILL, C. (Org). **O livro da filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.

BRANCO, S. M. **O meio ambiente em debate**. São Paulo: Moderna, 1998.

BRASIL. Lei n. 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 2 set. 1981. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm>. Acesso em: 3 out. 2014.

_____. Lei n. 7.347, de 24 de julho de 1985. Disciplina a ação civil pública de responsabilidade por danos causados ao meio-ambiente, ao consumidor, a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 jul. 1985. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L7347orig.htm>. Acesso em: 3 out. 2014.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 fev. 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9605.htm>. Acesso em: 3 out. 2014.

_____. Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9985.htm>. Acesso em: 3 out. 2014.

_____. Decreto nº 5.940, de 25 de outubro de 2006. Institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 out. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5940.htm>. Acesso em: 3 out. 2014.

_____. Lei n. 11.445, de 5 de janeiro de 2007. Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 jan. 2007a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11445.htm>. Acesso em: 3 out. 2014.

_____. Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 3 ago. 2010a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm>. Acesso em: 3 out. 2014.

BRASIL. Decreto n. 7.405, de 23 de dezembro de 2010. Institui o Programa Pró-Catador, denomina Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo criado pelo Decreto de 11 de setembro de 2003, dispõe sobre sua organização e funcionamento, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2010b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7405.htm>. Acesso em: 3 out. 2014.

BRUSCHINI, C. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, M. I. B. (Org.). **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**. Campinas: ABEP: NEPO: UNICAMP : Ed. 34, 2000.

CANÔAS, J. E. V.; RIBEIRO, D. W. **Agenda 21 – Sustentável: subsídios para construção da Agenda 21 de Franca e Região**. Franca: Ed. UNESP/FHDSS, 2001.

CARLOTO, C. M. Ruptura ou reforço da dominação: gênero em perspectiva. In: GODINHO, T. SILVEIRA, M. L. (Org.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Secretaria do Governo Municipal : Coodernadoria Especial da Mulher, 2004.

CAVALCANTE, C. **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 1995.

CAVALCANTE, S. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 211-231, mar. 2007.

CARVALHO, L. Famílias chefiadas por mulheres: relevância para uma política social dirigida. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 19, n. 57, p.74-98, jul. 1998.

CERVO, A. L.; SILVA, R.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: PERSPECTIVAS antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

CMMAD. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1988.

COCKELL, F. F. et al. Triagem de lixo reciclável: análise ergonômica da atividade. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 29, n. 110, p. 17-26, 2004.

COSTA, F. B. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

COSTA, I. F. S. **Do lixo também se vive: origem e reprodução de comerciantes e catadores do lixo**. Recife: Ed. Fundação Joaquim Nabuco : Massanagana, 1986.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa**. Campinas: Papirus, 2001.

DEJOURS, J. C. Importa-se de repetir?... <<Trabalhar>> não é <<derrogar>>. **LaboReal**, Porto, v. 7, n. 1, p. 76-80, 2011.

- DESCARTES, R. **Discurso do método**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 1-12, 2000.
- DUPAS, G. **Ética e poder na sociedade da informação**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.
- DROIT, R. **Ética: uma primeira conversa**. São Paulo: WFM Martins Fontes, 2012.
- ENGELS, F. **Dialética da natureza**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- FRAGA, A. B. O trabalho de quem vive do lixo: desigualdade social e suas dimensões simbólicas. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 1-5, 2007. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12639499/o-trabalho-de-quem-vive-do-lixo-polem-uerj>>. Acesso em: 3 out. 2014.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília, DF: Liber Livro, 2008. v. 6.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GONÇALVES, C. W. P. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2010.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.
- HIRATA, H. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. **Revista Latinoamericana de Estudos do Trabalho**, São Paulo, ano 4, n.7, p. 5-27, 1998.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002. 187 p.
- IASI, M. L. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- ISO. **Environmental management systems-requirements with guidance for use: ISO 14001: 2004**. [Geneva], 2004.
- JESUS, M. C. **Quarto do despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1993.
- JESUS, M. C. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996.
- JUNCÁ, D. C. M. **Mais que sobras e sobranes: trajetórias de sujeitos no lixo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

JUNTA, V. S. **Educação ambiental e socioeconomia solidária**: a experiência da cooperativa de catadores de materiais recicláveis de Franca. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2005.

KANT, I. **Resposta a pergunta**: que é esclarecimento? Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

LAYRARGUES, P. P. A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema-gerador ou a atividade-fim da educação ambiental. In: REIGOTA, M. (Org.). **Verde cotidiano**: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEBOW, V. Price competition in 1955. **Journal of Retailing**, New York, v. 31, n. 1, p. 5-10, 1955.

LÉVINAS, E. **O humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LIMA, M. R. **Serviços de branco, serviços de preto**: um estudo sobre cor e trabalho no Brasil urbano. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

LÖWY, M. **Ecologia e socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**: os princípios fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

_____. Consciência de classe. In: VELHO, O. G.; PALMEIRA, M. G. S.; BERTELI, A. R. (Org.). **Estrutura de classe e estratificação Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

LUXEMBURGO, R. **Reforma ou revolução**. Lisboa: Estampa, 1970.

MAGERA, M. **Os empresários do lixo**: um paradoxo da modernidade. Campinas: Átomo, 2003.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARTINELLI, M. L. **O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social**: um instigante desafio. São Paulo: Ed. PUC/SP, 1994.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983a. t. 1. v. 1.

_____. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1984. t. 1. v. 2.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. Lisboa: Avante, 2010.

_____.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.;_____. **Obras escolhidas I, II e III.** São Paulo: Alfa-Omega, 1983.

MATOS, O. C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo.** São Paulo: Moderna, 1993.

MENDES, R. C. L. **Os catadores e seletores de material reciclável: o social e o ambiental na lógica do capitalismo.** 2009. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

MÉZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição.** São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. O marxismo hoje: entrevista com Mézáros. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 3, p. 129-137, 1996.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução CNS nº 196, de 10 de outubro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 201, p. 21082, 16 out. 1996. Seção 1. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out-versao_final_196_ENCEP2012.pdf>. Acesso em: 2015.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução CONAMA n. 307, de 5 de julho de 2002. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 136, Seção 1, p. 95-96, jul. 2002.

MIURA, P. C. O. **Tornar-se catador: uma análise psicossocial.** 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/25/TDE-2009-09-09T13:34:15Z-8342/Publico/Paula%20Miura%20completa.pdf>. Acesso em: 3 out. 2014.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. Secretaria Nacional do MNCR. **Cartilha de formação.** São Paulo, 2005.

_____. A crise financeira e os catadores de materiais recicláveis. **Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise**, Brasília, DF, n. 41, p. 55-58, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.mnccr.org.br/artigos/a-crise-financeira-e-os-catadores-de-materiais-reciclaveis>>. Acesso em: 1 dez. 2010.

_____. **Sobre o movimento: o que é o movimento.** São Paulo, 6 set. 2013. Disponível em: <<http://www.mnccr.org.br/sobre-o-mnccr/o-que-e-o-movimento>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

PAULO NETTO, J.; BRAZ, M. **Economia política: uma introdução crítica.** São Paulo: Cortez, 2011.

NOGUEIRA, C. M. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização.** Campinas: Autores Associados, 2004.

OLIVEIRA, M. A. **Correntes fundamentais da ética contemporânea.** Petrópolis: Vozes, 2000.

PADILHA, V. **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito**. Campinas: Alínea, 2000.

PASSOS, R. D. F. Os meios de comunicação como instrumento de poder: Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno (1903-1969) e a indústria cultural. **Cadernos do PET Filosofia**, Piauí, v. 2, n. 3, p. 35-43, 2011.

PERLMAN, J. **O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

POLITZER, G. **Princípios elementares de filosofia**. [S.l.]: Prelo, 1979

RODRIGUES, F. L.; CAVINATTO, V. M. **Lixo: de onde vem? Pra onde vai?** São Paulo: Moderna, 2003.

RODRIGUÉZ, C. A procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. In: SANTOS, B. S. (Org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SALES, Priscilla. Reunião com a Pastoral não apresenta resultados. **Comércio da Franca**, Franca, 7 jun. 2001. p. A8.

_____. Coleta seletiva: aplicação de recursos não seria fiscalizada. **Comércio da Franca**, Franca, 14 jun. 2001, p. 10.

_____. Dinheiro do lixo desaparece na burocracia. **Comércio da Franca**, Franca, 16 jun. 2001. p. A10.

_____. Prefeitura ignora evidências e mantém repasse à Pastoral. **Comércio da Franca**, Franca, 20 jun. 2001. p. A10.

SANCHEZ VÁZQUEZ, A. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SANTOS, T. **Tião do lixo ao Oscar: difícil não foi nascer no lixo. Difícil foi não virar lixo!** São Paulo: Leya, 2014.

SANTOS, W. G. **Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

SILVA, M. G. **Questão ambiental e desenvolvimento sustentável: um desafio ético político ao Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, M. W. M. **Teoria crítica na era da indústria cultural ou: uma análise da derrota do esclarecimento**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Literatura) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SILVEIRA, P.; DORAY B. (Org.). **Elementos para uma teoria marxista da subjetividade**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1989.

SOARES, S. S. **O perfil da discriminação no mercado de trabalho:** homens negros, mulheres brancas, mulheres negras. Brasília, DF: Ipea, 2000.

SOLEIRO, R.; CAETANO, M.; QUICK, R. Para o lixo. Seção: Banco de Dados, **Superinteressante**, São Paulo, v. 13, n. 299, p. 41, dez. 2011.

SUDAN, D. C. et al. **Da pá virada:** revirando o tema lixo - vivências em educação ambiental e resíduos sólidos. São Paulo: Programa USP Recicla : Agência USP de Inovação, 2007.

SPOSATI, A. **Vida urbana e gestão da pobreza.** São Paulo: Cortez, 1988.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2002.

WIRTH, I. G. **Mulheres na triagem, homens na prensa:** questões de gênero em cooperativas de catadores. São Paulo: Annablume : Fapesp, 2013.

GLOSSÁRIO

Aterro sanitário de resíduos sólidos urbanos - Local que recebe os resíduos sólidos urbanos, com um planejamento, ou seja, o lixo é depositado em local impermeabilizado por uma base de argila e lona plástica, o que impede o vazamento de chorume para o subsolo. O material é aterrado com equipamentos específicos para este fim, também há cobertura diária do lixo com terra, evitando o mau cheiro e proliferação de insetos e animais, além de minimizar os impactos ambientais (ARRUDA, 2004, p. 45).

Catadores de materiais recicláveis - Sujeitos que trabalham coletando materiais recicláveis na rua, ou que se unem em cooperativas ou associações de catadores, seprando o material coletado para revender (BORTOLI, 2013, p. 249).

Coleta Seletiva de Resíduos - Separação dos resíduos pela população para reciclagem, os resíduos que são recolhidos pela coleta são: plástico, papel, metal e vidro. É essencial separar o material orgânico do reciclável para que se possa reciclar (ARRUDA, 2004, p. 49).

Desenvolvimento sustentável - Este conceito surgiu com o relatório Brundtland, em 1987, período de efervescência política sobre as questões ambientais na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, Eco-92. É pensar a questão ambiental de modo, a preservar os recursos naturais para que atenda as demandas da geração atual, sem comprometer as futuras gerações (CANÔAS, 2011, p. 101).

Lixão ou Vazadouro a céu aberto - Local onde é depositado o lixo, sem planejamento, sem técnica, este fica exposto a céu aberto, não há tratamento para o chorume, líquido liberado pelos resíduos em decomposição. Contaminando o solo, o ar e a água, além da constante presença de animais (ARRUDA, 2004, p. 44).

Lixo - Restos de materiais produzidos pelas atividades humanas vem do termo latim Lix que significa “cinza”. O lixo pode ser dividido em: orgânico (restos de alimentos, sementes), recicláveis (plástico, metais, vidros), tóxico (pilhas, baterias), hospitalar (seringas, luvas) e nuclear (RODRIGUES; CAVINATTO, 2003, p. 6).

Meio ambiente - O meio ambiente envolve fatores químicos, físicos, biológicos, sociais, culturais abrangendo todas as coisas vivas e não-vivas que existem e que constituem a vida na Terra (ARRUDA, 2004, p. 36).

Natureza - A natureza são os recursos naturais que constitui esse planeta, coisas que não foram construídas pelo homem, contemplando a fauna e a flora, mas também as rochas, os bosques, as praias (CAVALCANTE, 1995, p. 203).

Obsolescência programada - O produtor desenvolve um produto que rapidamente se torna obsoleto ou não-funcional especificamente para forçar o consumidor a comprar um novo, substituindo por um mais moderno (RODRIGUES; CAVINATTO, 2003, p. 9).

Poluição ou Dano ambiental - É uma alteração ambiental, causada por atividades humanas que afetam o ecossistema, a natureza, a quantidade e a qualidade dos recursos ambientais, como também a cidade, a vida das pessoas (ARRUDA, 2004, p. 55).

Reciclagem - Processo que permite transformar o resíduo reciclável (plástico, papel, metal e vidro) em outro produto através de um processo industrial, que o altera sua forma química e física (ARRUDA, 2004, p. 49).

Reduzir - Diminuir o consumismo, o consumo exagerado (SUDAN, 2007, p. 39).

Reutilizar - Transformar um resíduo sólido em outro objeto, mas sem alterar sua forma química, ou física (SUDAN, 2007, p. 39).

3Rs - Consiste em reduzir, reutilizar e reciclar (SUDAN, 2007, p. 39).

Resíduos Sólidos - Resíduos de atividades humanos ou não-humanas, que são descartados, ou seja, é o material sólido e semissólido, proveniente das residências, das indústrias, dos hospitais, do comércio, de serviços de limpeza urbana ou da agricultura (ARRUDA, 2004, p. 38).

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista estruturada com o objetivo de traçar o perfil socioeconômico dos catadores de materiais recicláveis

1-Sexo () Feminino () Masculino

2- Idade:

3- Qual é a sua escolaridade:

- () Não chegou a frequentar a escola
- () Não completou o ensino fundamental
- () Completou o ensino fundamental
- () Completou o ensino médio

4- Está estudando no momento: () Não () Sim. O que:

5- Estado civil: () Casado () Solteiro () União estável () Divorciado

6- Qual a situação do imóvel em que você mora:

- () Alugada
- () Financiada
- () Comprada
- () Sempre foi da família
- () Cedida

7- Quantas pessoas moram na sua casa incluindo você:

8- Quantas pessoas trabalham na sua casa:

9- Sua família participa de algum programa social: () Não () Sim. Qual:

10- De quem é a principal renda da casa:

- () Sua
- () Do cônjuge
- () Dos seus filhos
- () Dos seus pais
- () Dos irmãos
- () Outros. Quem:

11- Qual é a renda mensal do seu grupo familiar (somando todos os salários):

- () Até um salário mínimo
- () Até dois salários mínimos
- () Até três salários mínimos
- () Até quatro salários mínimos

12- Assinale as atividades que você pratica fora do tempo de trabalho:

- () Televisão
- () Internet
- () Leitura
- () Rádio
- () Esportes

- ☐ Cursos
- ☐ Tarefas domésticas
- ☐ Assistir a filmes
- ☐ Outros. Qual:

13- Qual sua cidade de origem: ☐ Franca ☐ Outras. Qual:

14- Porque você entrou na cooperativa:

15- Em que setor trabalhava antes:

16- Você já sofreu algum acidente de trabalho:

☐ Não ☐ Sim. Qual:

17- Você tem problemas de saúde:

- ☐ Não
- ☐ Sim, doenças físicas
- ☐ Sim, doenças emocionais
- ☐ Sim, físicos e emocionais

18- Você acha que essas doenças têm a ver com o fato de trabalhar com materiais recicláveis:

☐ Não ☐ Sim. Por que:

19- Você acha que trabalhar com o material reciclável pode prejudicar sua saúde:

☐ Não ☐ Sim. Por que:

20- O que você já encontrou de perigoso junto ao material reciclável:

21- Você utiliza equipamentos de segurança:

☐ Não ☐ Sim. Quais:

Desde quando:

22- Você acha que a população da cidade de Franca/ SP sabe separar o material reciclável corretamente:

☐ Sim ☐ Não. Por que:

23- Há quanto tempo você está na cooperativa/ou trabalha com materiais recicláveis:

- ☐ Menos de um ano
- ☐ Entre um e dois anos
- ☐ Entre dois e três anos
- ☐ Entre três e quatro anos
- ☐ Entre quatro e cinco anos
- ☐ Mais de cinco anos

24- Você pretende:

- ☐ Continuar trabalhando com materiais recicláveis
- ☐ Trabalhar com materiais recicláveis até conseguir outro emprego

25- Vocês participam/acompanham o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis:

☐ Sim

☐ Não, Porque:

26- Você sente satisfação com o trabalho que realiza:

☐ Não ☐ Sim

27- Qual é a pior coisa do seu trabalho:

28- Qual é a melhor coisa do seu trabalho:

29- O que você espera do futuro:

30- Tem filhos:

☐ Não ☐ Sim. Quantos:

31- Como foi a forma de adesão (que você entrou) à cooperativa:

☐ Fui convidado

☐ Procurou a cooperativa

☐ Outra forma. Qual:

32- A cooperativa interage com outras cooperativas:

☐ Sim

☐ Não. Por que:

33- Sobre a participação nas decisões da cooperativa:

☐ Dou opiniões/participo

☐ Não dou opiniões/participo. Por que:

34- Deseja falar algo a mais que julgue importante?

APÊNDICE B - Entrevista semiestruturada com o objetivo de perceber as reflexões dos catadores de materiais recicláveis sobre o meio ambiente

- 1- O que é meio ambiente para você?
- 2- Você acha que o seu trabalho contribui com o meio ambiente? Por quê?
- 3- O que é sustentabilidade? Qual é a importância da sustentabilidade?
- 4- Com quem você aprendeu sobre meio ambiente/sustentabilidade? No próprio trabalho? Na escola? Na televisão?
- 5- O que mudou depois que você começou a trabalhar com material reciclado?
- 6- Sua visão sobre meio ambiente mudou depois que você começou a trabalhar com material reciclado? Por quê?
- 7- O que é lixo para você?
- 8- O que você acha das grandes quantidades de lixo que você vê no seu dia a dia?
- 9- De onde que vem tanto lixo?
- 10- A responsabilidade dessas grandes quantidades de lixo é de quem?
- 11- O que poderia ser feito para diminuir a quantidade de lixo?
- 12- Qual a diferença de lixo e material reciclável? Há diferença?

ANEXOS

ANEXO A – Reportagens do Jornal – Comércio da Franca – Franca/SP

Comércio da Franca

14/15 de junho de 2001.

SEM EXPLICAÇÃO**Coleta seletiva: aplicação de recursos não seria fiscalizada**

O indeferimento do pedido da renovação do certificado de filantropia da Pastoral do Menor fez vir à tona outro problema bastante sério. A distribuição e a prestação de contas dos recursos obtidos por meio da coleta de lixo reciclável.

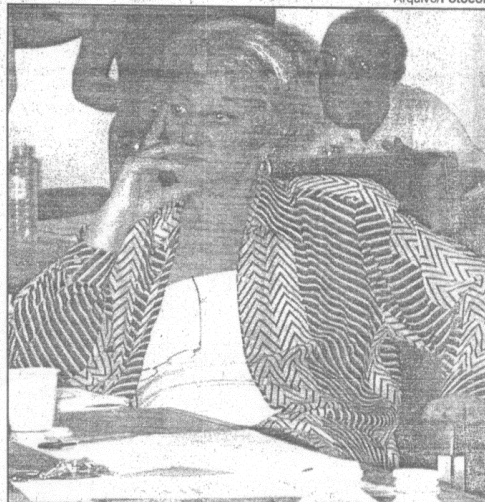
Segundo fontes ligadas à Administração Municipal, a lei que regulamentava a cessão da exploração do lixo reciclável produzido em Franca já teria expirado seu tempo de vigência, ou seja, teria perdido a validade. A exploração estaria sendo regulamentada agora por um termo de compromisso assinado entre a Prefeitura, a Apae de Franca e a Pastoral do Menor. Por este documento, a Administração cederia a estas entidades todos os rendimentos provenientes da Usina de Reciclagem. Em contrapartida, elas aplicariam o dinheiro em ações sociais.

O problema surge do fato de não haver qualquer tipo de fiscalização quanto à aplicação destes recursos. A Prefeitura sequer soube precisar a quantia que é mensalmente repassada às duas entidades e não há prestações de contas, ou seja, não são apresentados documentos que comprovem os gastos feitos pelas instituições, o que pode ensejar desvios de aplicação.

A reportagem do **Comércio da Franca** procurou na tarde de ontem a vereadora e presidente da Apae de Franca, Maria Inês Archetti, para falar a respeito da coleta seletiva de lixo e da prestação de contas, mas ela não foi encontrada.

Segundo o atendente da sede da Apae em Franca, Marcial (não quis fornecer o sobrenome), a vereadora se encontrava em viagem à cidade de Nuporanga. Foi deixado recado para que ela retornasse as ligações, mas até o fechamento desta edição, não houve resposta.

Arquivo/Fotocom

**MARIA INÊS ARCHETTI**

Vereadora e presidente da Apae não prestaria conta de verbas da reciclagem

NA CÂMARA**Vereador deve pedir prestação de contas**

Preocupado com a falta de prestação de contas e lei específica que regulamente a cessão dos rendimentos da coleta seletiva de lixo, o vereador e presidente da Comissão Especial de Inquérito (CEI) que investiga a administração do Ceaf, Gilson Pelizaro, afirmou que deverá apresentar na próxima sessão da Câmara Municipal, que será realizada no dia 19, terça-feira, um requerimento dirigido a vereadora Maria Inês Archetti e a Geraldo Luciano da Silva Filho, presidentes das entidades envolvidas, solicitando que relatórios de prestação de contas do período de 1998 a

2000 da Apae e da Pastoral sobre a utilização dos recursos provenientes da reciclagem de lixo sejam enviados à Câmara. "Quero saber quanto foi arrecado e como e de que forma este dinheiro foi gasto", afirmou.

O vereador ainda solicitará ao prefeito Gilmar Dominici maiores informações sobre o termo de compromisso que determina a cessão dos recursos.

Vale lembrar que a sessão da Câmara Municipal acontecerá na próxima terça-feira, 19, às 16h. Qualquer pessoa que estiver interessada poderá assistir, já que a sessão é aberta ao público.

Fonte: SALES, Priscilla. Coleta seletiva: aplicação de recursos não seria fiscalizada. **Comércio da Franca**, Franca, 14 jun. 2001. p. 10.

NINGUÉM SABE, NINGUÉM VIU

Dinheiro do lixo desaparece na burocracia

— Recursos obtidos com a venda de materiais recicláveis chegariam a pelo menos R\$ 30 mil mensais —

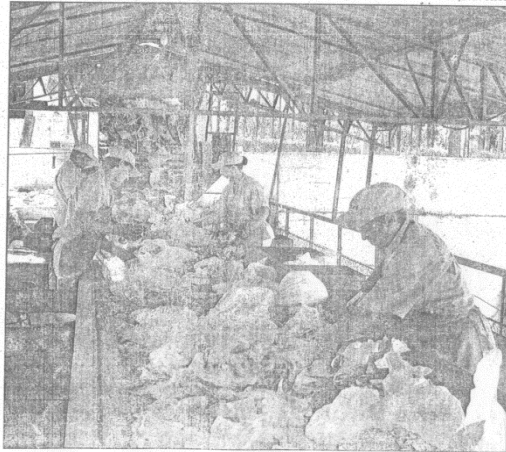
Priscilla Sales
da Redação

Sem controle e sem fiscalização. Desta forma são administrados os recursos oriundos da coleta seletiva de lixo promovida na cidade. Nem o Poder Público Municipal e nem os beneficiários conseguem precisar a quanto corresponde, em dinheiro, o total arrecadado com a venda dos materiais do lixo para a reciclagem. Sabe-se apenas que os recursos são divididos entre a Apae e a Pastoral do Menor e Família da Diocese de Franca, que leve seu pedido de renovação de certificado de filantropia negado pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) no começo desta semana. O fato motivou inclusive a propositura de um requerimento de prestação de contas pelo vereador Gilson Pelizzaro.

Segundo a coordenadora da coleta seletiva de lixo em Franca, Rosaura Garcia Zucchi, o município coleta por dia cerca de 10,2 toneladas de materiais recicláveis como plásticos, alumínio, papel e vidro. Ela não soube precisar quanto da pesagem do lixo corresponde a cada tipo de material, disse apenas que a maior parte é formada por plásticos. São pelo menos 306 toneladas por mês que ninguém sabe quanto ren-

dem. Para se ter uma idéia, a reportagem do **Comércio da Franca** consultou diversas empresas de reciclagem e levantou que, no mercado, o quilo de plástico é comprado a R\$ 0,10. Se toda coleta seletiva fosse apenas formada por materiais plásticos, seriam pelo menos R\$ 30 mil mensais sem qualquer controle. Embora haja produtos mais baratos que o plástico, vale lembrar que materiais ainda mais caros como o alumínio, cujo quilo custa em média R\$ 1,50, também têm participação bastante significativa no total coletado no município.

A falta de conhecimento do quanto é arrecadado com a coleta seletiva traz à tona outro problema sério — por ignorar os valores, a Prefeitura não tem fiscalizado a aplicação destes recursos e nem exigido das entidades beneficiárias a prestação de contas sobre o que é feito com o dinheiro. A situação se torna ainda mais séria pelo fato do repasse dos rendimentos oriundos do lixo reciclável ter sido autorizado por um termo de doação, o que impede a atuação do Conselho Municipal da Assistência Social, órgão fiscalizador, já que o conselho pode apenas fiscalizar os recursos provenientes do Fundo Municipal de Assistência Social.



USINA DE RECICLAGEM DO LIXO DE FRANCA
Estabelecimento processaria mais de 100 toneladas de material por mês

Vereador requer prestação de contas

Cumprindo seu papel de fiscalizador do Poder Público Municipal, o vereador Gilson Pelizzaro afirmou que deve propor, na sessão da Câmara Municipal desta terça-feira, requerimento solicitando à Apae e à Pastoral do Menor a prestação de contas de todos os recursos arrecadados por meio da coleta seletiva de 1998 a 2000. "Como vereador, não posso me manter alheio a esta questão. Por isso, resolvi propor este requerimento", afirmou.

O vereador também se mostrou preocupado com o fato de entidades que não possuem o certificado de filantropia concedido pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) continuarem recebendo subsídios da Prefeitura e do Fundo Municipal de Assistência Social (FMAS). "Estou estudando uma forma legal de impedir que repasses de dinheiro público sejam feitos para entidades que não possuem o certificado de filantropia, que ateste sua condição de entidade", afirmou.

Fonte: SALES, Priscilla. Dinheiro do lixo desaparece na burocracia. **Comércio da Franca**, Franca, 16 jun. 2001. p. A10.

VERGONHA

Prefeitura ignora evidências e mantém repasses à Pastoral

— Entidade continuará a receber pelo menos R\$ 30 mil mensais da coleta de lixo seletiva —

Priscilla Sales
da Redação

No momento em que o cerco contra o desvio de recursos e a malversação de verbas se torna ainda mais fechado na cidade, com o envolvimento do Ministério Público, da Procuradoria da República e da Câmara Municipal, a Prefeitura anuncia um banho de água fria nas esperanças daqueles que acreditavam ver uma rápida solução para casos como o do Conselho das Entidades Assistenciais de Franca (Ceaf).

Em reunião realizada na tarde de ontem, o Poder Público Municipal decidiu manter todos os repasses de recursos provindos da coleta seletiva de lixo na cidade e subsídios para a Pastoral do Menor e Fa-



Tânio Marcos/Fotocom

CEI do Ceaf realiza audiência amanhã

Os integrantes da Comissão Especial de Inquérito (CEI), que investiga as supostas irregularidades existentes na administração do Conselho das Entidades Assistenciais de Franca (Ceaf), e na do Posto Modelo, vão realizar nova audiência pública nesta quinta, 21. Em virtude do feriado, não foram realizados trabalhos na semana passada. Amanhã, no entanto, a CEI volta aos trabalhos normais e irá colher as explicações de Sônia Maria de Almeida. Ela é advogada do Ceaf e foi responsável

Fonte: SALES, Priscilla. Prefeitura ignora evidências e mantém repasse à Pastoral. **Comércio da Franca**, Franca, 20 jun. 2001. p. A10.

LIXO RECICLÁVEL

Reunião com a Pastoral não apresenta resultados

Mais uma vez os rendimentos da coleta seletiva de lixo, inteiramente destinados à Pastoral do Menor e Família voltaram a ser tema de uma reunião na Prefeitura Municipal de Franca. Como das outras vezes, nada de mais consistente e efetivo foi decidido no sentido de melhorar fiscalização e o controle sobre quanto e como é gasto o dinheiro obtido por meio da venda dos materiais obtidos na coleta.

Vale lembrar que o presidente da Pastoral do Menor, Geraldo Luciano da Silva Filho, é suspenso de cometer inúmeras irregularidades na administração do Conselho das Entidades Assistenciais de Franca (Ceaf) e principal peça de investigações desenvolvidas pela Câmara Municipal, pelo Ministério Público e pela Procuradoria da República.

Participaram da reunião realizada na última quarta-feira, 4, o secretário municipal de Governo, Jefferson William Ribeiro, e alguns membros da diretoria da Pastoral, entre eles o padre Ovídio. Apesar de ter tido a renovação de seu certificado de filantropia negada, essa entidade recebe da Prefeitura uma subvenção anual e os resíduos da coleta seletiva.

Durante a reunião, os representantes da Pastoral apresentaram balancetes com o volume de material recebido e as receitas obtidas, bem como a destinação que está sendo dada. Mas estes valores e números não foram divulgados pela assessoria de imprensa da Prefeitura Municipal, portanto, permanece a incógnita.

De acordo com o secretário de Governo, foram acertadas medidas que estarão sendo adotadas nos próximos dias, visando regularizar a fiscalização e controle da quantidade de material reciclado. Mas a natureza destas medidas também não foram explicadas pela Assessoria de Imprensa.

Durante a reunião, a Prefeitura reafirmou a disposição de buscar caminhos que garantam transparência nessa questão, pois reconhece o papel que tem a Pastoral, atendendo atualmente cerca de 250 crianças.

Questões como ampliação do número de creches na cidade, construção de novos espaços para o abrigo de adolescentes e redução da idade de 67 para 65 anos no recebimento do benefício da prestação continuada, dada pelo INSS, foram amplamente discutidas na II Conferência Municipal de Assistência Social, realizada na última quinta-feira, 5, no auditório da Unesp (Universidade Estadual Paulista).

Depois de estudados todos os itens, as questões foram aprovadas em âmbito municipal e deverão ser apresentadas na Conferência Regional, depois na Estadual e por fim na Conferência Nacional.

Durante a Conferência, foram eleitos quatro delegados da sociedade civil (Dorvalina da Silva e Soraia Veloso da Silva) e dois do setor público (Raquel Santos Sant'Ana e Lucinéia Silva Sant'Ana).

O evento contou com a presença do prefeito Gilmar Domingos na abertura e do secretário de desenvolvimento econômico, Valdir Luiz Barbosa, que falou sobre a importância da sociedade civil organizada se manter ativa e participante nas discussões desse gênero.

A Conferência Regional será realizada no próximo dia 30 e contará com a presença da deputada federal e assistente social Luiza Erundina e de representantes de 23 municípios de toda a região.

DISCUSSÃO

Crianças e idosos são pauta em conferência

Fonte: SALES, Priscilla. Reunião com a Pastoral não apresenta resultados. **Comércio da Franca**, Franca, 7 jun. 2001. p. A8.

ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS - UNESP - CAMPUS DE FRANCA

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS CATADORES DE MATERIAIS
RECICLÁVEIS NA CIDADE DE FRANCA/SP NA PRIMEIRA DÉCADA DO
SÉCULO XXI SOBRE O MEIO AMBIENTE

Pesquisador: Bárbara Oliveira Rosa

Área

Temática:

Versão: 1

CAAE: 30930214.3.0000.5408

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais- Unesp - Campus de Franca

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 655.512

Data da Relatoria: 21/05/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo das representações que os catadores de materiais recicláveis têm acerca das questões ecológicas.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa visa avaliar se os catadores se limitam a reproduzir uma visão estereotipada e midiaticamente construída sobre a ecologia ou se sua atividade lhes permite ter uma outra perspectiva.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos envolvidos. Quanto aos benefícios, o conhecimento das representações dos catadores de material reciclável pode contribuir para construção de uma imagem mais acurada da maneira como a questão ecológica tem sido compreendida socialmente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta aspectos interessantes tanto no que se refere à temática social, quanto à reflexão sobre as relações entre trabalho e consciência, além da abordagem diferenciada da questão ecológica.

Endereço: Av. Eufrasia Monteiro Petraglia, 900

Bairro: Jd. Antonio Petraglia

CEP: 14.409-160

UF: SP

Município: FRANCA

Telefone: (16)3706-8723

Fax: (16)3706-8724

E-mail: comiteetica@franca.unesp.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS - UNESP - CAMPUS DE FRANCA



Continuação do Parecer: 655.512

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão de acordo com a resolução 196/96.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O colegiado aprova o parecer do relator.

FRANCA, 21 de Maio de 2014

Assinado por:
Ana Cristina Nassif Soares
(Coordenador)

Endereço: Av. Eufrasia Monteiro Petraglia, 900

Bairro: Jd. Antonio Petraglia

CEP: 14.409-160

UF: SP

Município: FRANCA

Telefone: (16)3706-8723

Fax: (16)3706-8724

E-mail: comiteetica@franca.unesp.br

ANEXO C – Solicitação de alteração de título



14 de Novembro de 2014

AOS CUIDADOS DA PLATAFORMA BRASIL

Assunto: **Alterações no projeto**

Por meio desta notificação, solicito alterações no projeto intitulado “As representações sociais dos catadores de materiais recicláveis na cidade de Franca/SP na primeira década do século XXI sobre o Meio Ambiente” que será conduzido por Bárbara Oliveira Rosa, do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Trabalho e Sociedade, orientado pelo Prof (a). Dr(a) Analúcia Bueno dos Reis Giometti, pertencente ao quadro docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais/UNESP/C.Franca. As alterações sugeridas são: a mudança do título para “As vozes dos catadores de materiais recicláveis sobre o meio ambiente”, visto que a pesquisa não contemplará mais a teoria das representações sociais e a alteração do número de sujeitos pesquisados, de 60 catadores de materiais recicláveis para 30 priorizando os trabalhadores da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Franca e Região – COOPERFRAN.

Bárbara O. Rosa (assinatura)
 Pesquisador Responsável
 Nome Bárbara Oliveira Rosa
 Endereço: Antonio Belmonte, 2155, Ap. 22
 Tel: (16) 91916853
 E-mail: barbarass@hotmail.com.br

Analúcia Bueno dos Reis Giometti (assinatura)
 Orientador
 Prof. (a) Dr. (a) Analúcia Bueno dos Reis Giometti
 Endereço:
 Tel: (16) 3402-7015
 E-mail: analuciagiometti@yahoo.com.br